

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO



PREVISÕES DO TEMPO EM FOLHAS SOLTAS:
PRÁTICAS DE CULTURA ESCRITA DE UM
AGRICULTOR GAÚCHO (1976 a 2022)

LEONARDO CAPRA

PELOTAS
2023

LEONARDO CAPRA

**PREVISÕES DO TEMPO EM FOLHAS SOLTAS: PRÁTICAS DE CULTURA
ESCRITA DE UM AGRICULTOR GAÚCHO (1976 a 2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem

Orientadora: Profa. Dra. Vania Grim Thies

Pelotas, 2023

LEONARDO CAPRA

**PREVISÕES DO TEMPO EM FOLHAS SOLTAS: PRÁTICAS DE CULTURA
ESCRITA DE UM AGRICULTOR GAÚCHO (1976 a 2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Data da defesa: 28/03/2023

Banca examinadora:

Profa. Dra. Vania Grim Thies (orientadora)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Profa. Dra. Eliane Teresinha Peres

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C251p Capra, Leonardo

Previsões do tempo em folhas soltas : práticas de cultura escrita de um agricultor gaúcho (1976 a 2022) / Leonardo Capra ; Vania Grim Thies, orientadora. – Pelotas, 2023.

131 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Cultura escrita. 2. Previsões do tempo. 3. Agricultor gaúcho. I. Thies, Vania Grim, orient. II. Título.

CDD : 370.9

Elaborada por Michele Lavadouro da Silva CRB: 10/2502

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), universidade pública, gratuita e de qualidade que, nos últimos anos, foi alvo de sucateamentos e mesmo assim se mantém atuante, mostrando seu vigor e a importância de sua existência.

Provavelmente ela não saiba, mas a professora Patrícia Weiduschadt foi fundamental na minha permanência no curso da Pedagogia da UFPel. Ao me reconhecer como um bom aluno, depois da elaboração da síntese de um livro, em outubro de 2015, ofereceu-me uma bolsa de iniciação científica para pesquisar sobre a História da Educação. Os R\$ 400 foram decisivos na minha não desistência da faculdade. Muito obrigado e desculpa por algo.

À professora Cristina Maria Rosa, minha orientadora por mais de três anos no grupo PET Educação, hoje grande amiga minha e dos membros da minha família. Contigo reforcei meus laços com a literatura e aprendi a fazer os pequenos amarem ler; com tua orientação, conheci outros estados e ganhei prêmios de pesquisas científicas. Sempre serei grato por tudo que fizestes e fazes por mim; almejo ainda te orgulhar muito.

À professora Eliane Peres, que mesmo sem me conhecer, também em 2015, enxergou-me em um dos corredores da faculdade e de imediato me aconselhou a tomar cuidado com a nova cidade, com os novos espaços e com o novo mundo em que estava entrando; disse-me para estar sempre esperto e não deixar ninguém se aproveitar da minha ingenuidade. Não sei se tu te lembras disso, Eliane, mas eu nunca esqueci. Muito obrigado pela rigorosidade de tuas orientações neste trabalho.

À professora Ana Maria de Oliveira Galvão, autora renomada, teórica das minhas primeiras leituras sobre o fenômeno da cultura escrita. Lisonjeado fiquei quando ela aceitou o convite para fazer parte da banca do trabalho. É um privilégio tê-la aqui.

À minha orientadora, Vania Grim Thies, que me incentivou a começar, ajudou-me a continuar e, competentemente, agora, auxilia-me a finalizar. Um dia de cada vez e todos os dias sempre, como ela sempre nos diz. Muito obrigado por tudo.

Aos colegas do grupo História da Alfabetização, Leitura e Escrita e dos Livros Escolares (HISALES). Nomeando especialmente Joseane e Aline, agradeço a todos pela excelência dos momentos de trabalho.

Aos meus colegas de trabalho, que me acompanharam nessa loucura de trabalhar 60 horas na escola pública juntamente com o mestrado. Alexandre, Camila, Olga e demais colegas: muito obrigado por me liberarem mais cedo quando precisei, pelos conselhos, pelos incentivos e pelo caráter no trabalho com a educação. Vice-diretora Sandra, teu abraço naquele dia que eu queria desistir nunca será esquecido.

Aos meus amigos: Marcus, Giovani, Bruna, Gabriela, Pedro, Klaus, Vitor, Lucyana, Felipe, Cássio, Lisi, Vilela, Gustavinho, João, Eduardo, Alberto, Leozinho, Daniel, Ieda, Alisson e Tai, e todos os outros que por ventura posso ter esquecido, vocês são muito especiais, espero ter feito tão bem a vocês quanto vocês me fizeram.

Aos livros que mudaram a minha vida, objetos culturais de valor imensurável não somente para o conhecimento, mas para experienciar, divertir, fazer pensar, viver no lugar do outro, existir e resistir.

À minha família, a coisa mais especial que eu conheci, me emociono em escrever. Pai, eu te amo muito; obrigado por me alfabetizar, por me educar, por continuar sempre praticando os valores fundamentais na formação do caráter dos filhos; embora não fale, te admiro muito. Mãe, como eu te amo! Haja o tempo que houver, acredito ser impossível conhecer uma pessoa que me ensinou tanto, que tornou os sonhos dos filhos o seu próprio sonho; dizem que o amor de mãe é o mais forte, eu acredito, e tento te amar tanto quanto. Meu irmão Eduardo, rápido pra agir, às vezes não sabe o que falar, mas entende como ninguém; maduro e decidido, espero que tenhas um futuro de sucesso, saúde e sabedoria; conta comigo.

Ao meu avô, esse sujeito único a quem dedico este trabalho. Tu, que sempre escrevestes pra ti, para tua família, para teu finado irmão, para tua comunidade, para tua cidade e seu entorno, te dedico esta homenagem pelo valor que tu e a tua escrita geram e geraram, *isto é provérbio dos velhos*.

RESUMO

CAPRA, Leonardo. **Previsões do tempo em folhas soltas**: práticas de cultura escrita de um agricultor gaúcho (1976 a 2022). 2023. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Este trabalho tem por objetivo verificar quais são os usos e as funções da escrita das previsões do tempo produzidas por um sujeito com pouca escolaridade, analisando os sentidos atribuídos a essa prática em seu percurso individual. A pesquisa consiste em compreender o processo de escrita longo e incomum de “previsões meteorológicas” de autoria de David Vinoski, atualmente com 72 anos. Para isso, as “folhas soltas” manuscritas oportunizaram uma investigação com o intuito de entender os modos de envolvimento de David com a produção e a circulação da cultura escrita na comunidade de Vista Alegre do Prata/RS e em seu entorno, local onde reside. O campo teórico utilizado na análise e na discussão dos materiais consiste em autores como: Castillo Gómez (2003a, 2003b, 2020), Chartier (1998, 1999, 2003, 2004, 2010), Hébrard (2001), Viñao Frago (1999) e, principalmente, Galvão (2002, 2010), com o conceito de cultura escrita, bem como Thies (2008, 2013). A metodologia utilizada nesta pesquisa é a análise documental, considerando a legitimidade das “folhas soltas”, as materialidades e os sentidos contidos nelas, aliada à realização de uma entrevista semiestruturada para melhor compreender o processo dos registros nos suportes de papel. Distante da hegemonia do poder cultural centrado em escritas judiciais, legislativas e literárias, e ciente de que outras escritas ainda são escassas nas análises acadêmicas, a investigação analisou a existência de 23 previsões do tempo escritas de maneira manuscrita e de outras 42 divididas em 13 datilografadas e 29 digitadas. As previsões foram elaboradas por David e revisadas por uma pessoa na Prefeitura de Vista Alegre do Prata (Rio Grande do Sul/BR). A pesquisa demonstra mudanças significativas entre os dois processos de produção quanto aos suportes, aos instrumentos de escrita e às materialidades. Como conclusão, é possível verificar os impactos culturais que as “folhas soltas” produziram no processo de escrita do agricultor, como uma das maneiras de preservação da memória familiar e do saber comum, além da manutenção e do registro de uma das maneiras de se viver no mundo rural. Ao circular socialmente, o suporte digitado (anteriormente datilografado) e fotocopiado é o que confere a legitimidade aos registros por onde circula, bem como o reconhecimento simbólico ao produtor das escritas. O trabalho procura trazer contribuições à História da Educação, especialmente à História da Cultura Escrita, trabalhando com as escritas de um “sujeito comum” que sustenta uma produção escrita há mais de 50 anos.

Palavras-chaves: Cultura escrita; Previsões do tempo; Agricultor gaúcho.

ABSTRACT

This work aims to verify what are the uses and functions of the weather forecasts writing, produced by a subject with little schooling, analyzing the meanings attributed to this practice in his individual journey. The research consists in understanding the long and unusual writing process of "weather forecasts", authored by David Vinoski, currently 72 years old. For this, the handwritten "loose sheets" provided the opportunity for an investigation with the purpose of understanding David's ways of involvement with the production and circulation of the written culture in the community of Vista Alegre do Prata/RS and its surroundings, where he lives. The theoretical field used in the analysis and discussion of the materials consists of authors such as Castillo Gomez (2003; 2020), Chartier (1990; 1998; 1999; 2003; 2004; 2010), Hébrard (2001), Viñao Frago (1999), and especially Galvão (2002; 2010) with the concept of written culture, as well as Thies (2008; 2013). The methodology used in this research is the documentary analysis considering the legitimacy of the "loose sheets", the materialities and meanings contained in them, combined with the realization of a semi-structured interview to better understand the process of the records in paper supports. Far from the hegemony of cultural power centered on judicial, legislative, and literary writings, and aware that other writings are still scarce in academic analyses, the investigation analyzed the existence of 23 weather forecasts written in handwritten form and another 42 divided into 13 typewritten and 29 typed. The forecasts were prepared by David and revised by a person in the city hall of Vista Alegre do Prata (Rio Grande do Sul, BR). The research shows significant changes between the two production processes regarding the supports, writing instruments and the materialities. As a conclusion, it is possible to verify the cultural impacts that the "loose sheets" produced in the farmer's writing process, as one of the ways of preserving the family memory and the common knowledge, besides the maintenance and registration of one of the ways of living in the rural world. When circulating socially, the typed (previously typewritten) and photocopied support is what confers legitimacy to the records where it circulates as well as symbolic recognition to the producer of the writings. The work seeks to bring contributions to the History of Education, especially to the History of Written Culture, working with the writings of a "common subject" who sustains a written production for over 50 years.

Palavras-chaves: Written Culture; Weather Forecasts; Gaucho Farmer.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cidade de Vista Alegre do Prata/RS	10
Figura 2 – David com seus filhos mais velhos: Marinês e Moisés, ano de 1980	11
Figura 3 – Escola João Batista Simonato.....	14
Figura 4 – Previsão do tempo de 2020.....	20
Quadro 1 – Previsões do tempo e estado de conservação.....	34
Figura 5 – Pasta que guarda as previsões meteorológicas.....	44
Figura 6 – Os tipos de nuvens descritos por David	45
Figura 7 – Suportes de escrita reaproveitados para a escrita das previsões do tempo	47
Figura 8 – Previsão manuscrita de 1976(a) no verso da folha reaproveitada(b) do pôster com a programação da Semana da Pátria	48
Figura 9 – Verso reaproveitado da previsão datilografada de 1998	53
Figura 10 – Previsão manuscrita de 1999	54
Figura 11 – Previsão do tempo manuscrita 2005	58
Figura 12 – Previsão do ano de 2012	61
Figura 13 – Rascunho da previsão de 2020.....	65
Figura 14 – Compaginação irregular na previsão do tempo datilografada de 1995 ..	70
Figura 15 – Escritas à caneta nas previsões datilografadas e impressas	73
Figura 16 – Escritas no verso da previsão de 2011	75
Figura 17 – Panfleto eleitoral da candidatura de David, em 1992.....	76
Figura 18 – Marcas do uso dos instrumentos de escrita 1	84
Figura 19 – Marcas do uso dos instrumentos de escrita 2	85
Figura 20 – Trecho do verso escrito aos netos	88
Figura 21 – Previsão de 2015	90
Figura 22 – Previsões manuscritas de julho, agosto e setembro de 2015	91
Figura 23 – Uso da folha para a escrita manuscrita	93
Figura 24 – Cabeçalho da previsão de 1976 – Isto é provérbio dos velhos.....	98
Figura 25 – Média de acertos.....	101
Figura 26 – Estreia de Alexandre.....	101
Figura 27 – Última participação de Alexandre.....	102
Figura 28 – As identidades.....	104
Figura 29 – Previsão com trocadilhos	106
Figura 30 – Bater e fazer cópias	107
Figura 31 – Previsão digitada pelo editor	111
Figura 32 – As fotos de David	111
Figura 33 – Anexos das previsões meteorológicas de 2017 e 2018	113
Figura 34 – Uso da caneta vermelha	117
Figura 35 – Previsão do tempo digitada exposta em agropecuária.....	119

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	AS FOLHAS SOLTAS: DESCREVENDO O MATERIAL.....	33
2.1	PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	35
2.2	PREVISÕES METEOROLÓGICAS MANUSCRITAS.....	43
2.3	PREVISÕES METEOROLÓGICAS DATILOGRAFADAS OU DIGITADAS.....	67
3	A PRODUÇÃO E A CIRCULAÇÃO DAS PREVISÕES DO TEMPO	80
3.1	SUPORTES, INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS DE ESCRITA NA PRODUÇÃO DAS PREVISÕES DO TEMPO	80
3.2	O EDITOR, AS MUDANÇAS E A CIRCULAÇÃO DAS PREVISÕES DO TEMPO	108
4	CONCLUSÃO.....	122
	REFERÊNCIAS	126

1 INTRODUÇÃO

O passado é um morto cujo cadáver nunca deixa de vir ao nosso encontro. À noite, assim como de dia. E a coisa até nos agrada. Porque o dia em que o passado não se fizer mais presente na nossa casa, significa que a gente faz parte dele. A gente se tornou passado
(MANZINI, 2020, p. 58).

O presente estudo tem como objetivo verificar quais são os usos e as funções da escrita realizados por um sujeito com pouca escolaridade, produtor de previsões do tempo, analisando os sentidos atribuídos nesse percurso individual. As fontes principais da pesquisa são folhas de papel soltas contendo previsões meteorológicas realizadas pelo agricultor David Vinoski¹, meu avô materno, que produz de maneira manuscrita em folhas de papel soltas as previsões do tempo, posteriormente levadas até a Prefeitura de Vista Alegre do Prata² para que um funcionário realize a digitação, a impressão e as fotocópias do material, para que o agricultor distribua as previsões de forma impressa na comunidade.

São produções relativas às condições climáticas que denomino de previsão do tempo na pesquisa, apesar de serem realizadas sem nenhum instrumento elaborado para a aferição do clima. Também porque é a forma que David a denomina, realizando a elaboração das suas previsões aliando a sabedoria popular (adquirida com seu avô via saber oralizado e observações cotidianas) juntamente com o saber escolar. Esse processo de produção de David com as previsões do tempo teve seu início em 1976, com outros instrumentos de produção e de reprodução, e permanece ocorrendo até os dias atuais, conforme será apresentado, discutido e analisado nesta dissertação de mestrado³. Como período temporal para a pesquisa, optei pelo ano de 1976 (ano de início das produções das previsões) a 2022 (ano de coleta dos materiais junto ao arquivo pessoal de David).

¹ O uso do nome próprio foi autorizado mediante aprovação para realização da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 12 de abril de 2021.

² Vista Alegre do Prata situa-se a 215,2 quilômetros de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande Sul. As principais vias de acesso da cidade do interior à capital são as rodovias BR-470 e a ERS-431. O município de Vista Alegre do Prata é um dos menores do estado no quesito populacional. Segundo estimativa do IBGE, em 2021, a população contava com cerca de 1.553 habitantes. A área territorial do município é de 119.237 quilômetros quadrados, e cerca de 95% da população reside na zona rural.

³ A investigação foi desenvolvida na Linha de Pesquisa Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem, no curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

David (72 anos) é casado com Terezinha Vinoski Mascoski (74 anos); eles residem na comunidade rural Nossa Senhora da Pompeia, no município de Vista Alegre do Prata (Figura 1), localizado na Serra Gaúcha, a cerca de 77 quilômetros de distância de Bento Gonçalves, cidade referência para os pequenos municípios do entorno no que tange ao atendimento da saúde, e também como polo comercial. David e Terezinha são pais de Marinês (47 anos), Moisés (42 anos) e Mariza (38 anos), e avós de cinco netos. Hoje em dia, nenhum dos filhos mora com o casal.

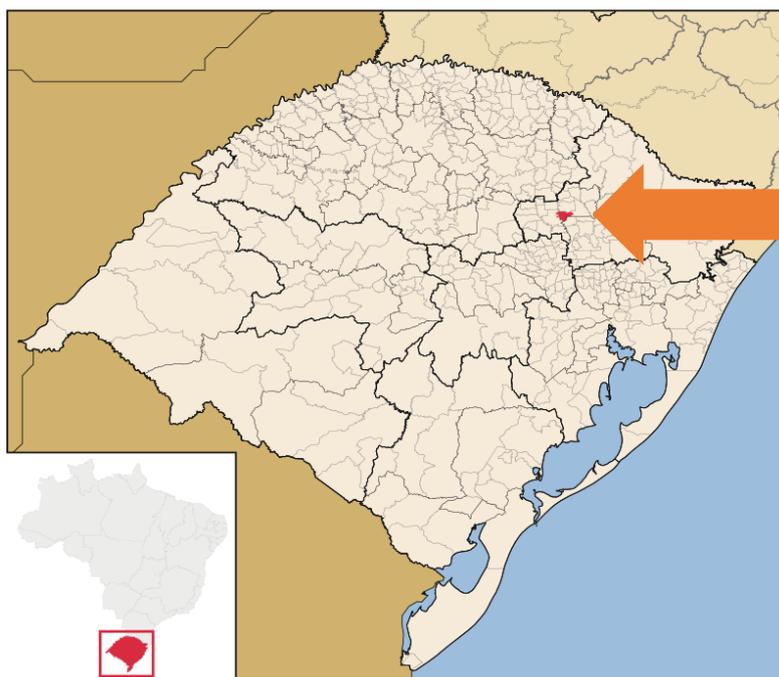


Figura 1 – Cidade de Vista Alegre do Prata/RS
Fonte: Wikipédia (2022, n.p.).

Desde o casamento em 1973, David e Terezinha trabalham e sobrevivem quase que exclusivamente da agricultura e da pecuária. Inicialmente a mão de obra era feita somente pelo casal; com a chegada dos três filhos, a mão de obra familiar cresceu. A produção do leite, a engorda dos bois, o plantio e a colheita do milho e da soja foram os difusores de renda do casal, que por muitos anos atuou como agregado das terras onde ambos trabalhavam, pois não tinham terras próprias para o plantio, por isso utilizavam terras de outras pessoas em parceria para o cultivo. Uma alternativa que encontraram após o casamento para serem independentes das famílias de seus pais. O pagamento da alocação da terra era feito com parte da produção. Anos mais tarde, após muito trabalho e um financiamento, conseguiram comprar a terra (6,8 hectares) onde trabalharam e ainda trabalham com algumas

vacas de leite e produção de milho, agora de maneira menos intensa, com a chegada da aposentadoria.

Marinês (minha mãe), cursou até a quarta série do Ensino Fundamental, abandonando os estudos para auxiliar os pais na agricultura; em 1996, ela se casa e passa a residir na comunidade Sagrado Coração de Maria, no mesmo município, permanecendo no trabalho com a agricultura junto do marido, Leomar. A outra filha, Mariza, completou o Ensino Médio, vive com seu marido e os dois filhos do casal na mesma comunidade rural que os pais; a distância das propriedades é de cerca de três quilômetros. O filho, Moisés, completou o Ensino Médio, residiu com os pais até o ano de 2015; desde então se casou e reside na cidade vizinha: Guaporé, cerca de 18 quilômetros de distância da cidade natal. Mesmo assim, o filho homem segue sendo o responsável pelo plantio das culturas de soja e de milho na propriedade dos pais. Na Figura 2, vemos uma fotografia do patriarca da família com seus dois filhos mais velhos, Marinês e Moisés, no ano de 1980.

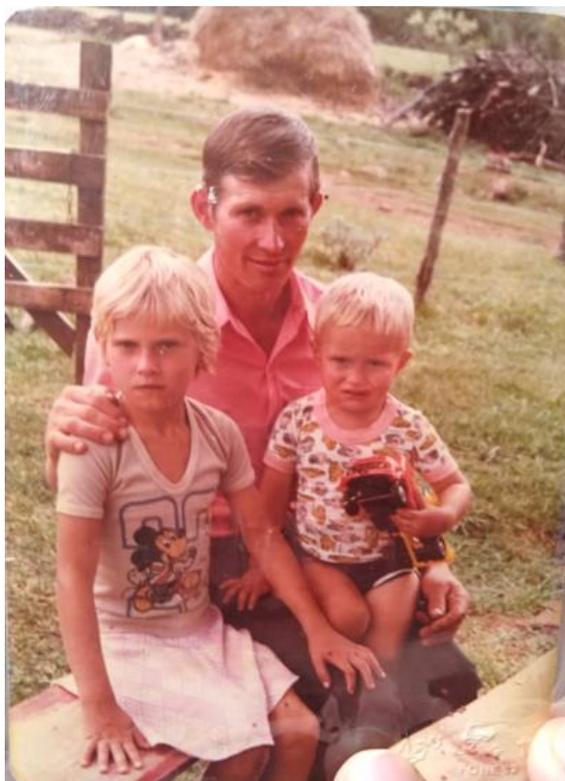


Figura 2 – David com seus filhos mais velhos: Marinês e Moisés, ano de 1980
Fonte: Arquivo pessoal da família (1980).

A comunidade Nossa Senhora da Pompeia é a segunda maior comunidade rural do município de Vista Alegre do Prata/RS, contendo atualmente 36 famílias e contribuindo como uma das maiores produtoras de leite, soja e milho do município.

Galeazzi (2004) assinala que os primeiros habitantes, chegados por volta de 1882 na comunidade, foram: família Donin, família De Carli, família Priori, família Meneghini, família Ramos, família Farina, família Zanoto e família Favretto, todas de predominância italiana. A economia naquele tempo baseava-se na engorda de bois, na agricultura, e começavam a preparar-se os primeiros agricultores para a venda de leite. A maioria dos habitantes da comunidade era da religião Católica Apostólica Romana, motivador principal que elegeu as duas primeiras construções da comunidade: um capitel religioso para orações e um salão de festividades.

O capitel reunia os fiéis para orações, terços, missas e outras atividades religiosas e tinha como santa padroeira Nossa Senhora do Rosário de Pompeia, colaborando para a identificação da comunidade e seu respectivo nome. O salão festivo congregava as festas da comunidade e a tomada de decisões da população, já que o local não apresentava espaço físico para a reunião de todos os agricultores e agricultoras.

Em 8 de setembro de 1936, foi construída a Capela Nossa Senhora da Pompeia, em substituição ao capitel.

A capela foi construída toda em tábuas, duplada e pintada a óleo, sendo o interior verde-claro e o exterior, azul-claro, com janelas e portas brancas. O teto do altar é arredondado, onde o céu está representado pelo azul e estrelas douradas. O altar é todo de madeira de lei, trabalhado e envernizado, com detalhes em metal envelhecido (GALEAZZI, 2004, p. 64).

David chega à comunidade em julho de 1978, juntamente com sua esposa. Desde então, além do trabalho braçal no campo, envolve-se ativamente nas práticas e nos eventos sociais da comunidade, atuando como ministro da capela por mais de 30 anos, fazendo participações nas missas da Igreja Central da cidade e, assim, incentivou que os filhos participassem dos ritos religiosos. As filhas foram líderes de cantos na comunidade e professoras de catequese das crianças e dos adolescentes desde muito novas. Em casa, David realiza benzimentos, de forma oral, uma prática social que o identifica e gera pertencimento junto à comunidade.

Embora o vínculo com a comunidade onde vive seja forte e reveladora de espaços no quais as culturas do escrito mais circulam e são produzidas por ele, David

não nasceu ali. A comunidade Nossa Senhora da Saúde foi onde ele passou a infância, a adolescência e frequentou a escola. Nesse sentido, é importante realizar a contextualização de sua família, que era composta pelo pai, pela mãe e por mais 10 filhos; David era o quarto filho da família.

O pai e a mãe de David, meus bisavós maternos, frequentaram o ambiente escolar por apenas duas semanas em uma comunidade vizinha, segundo sua lembrança na entrevista (conforme detalharei mais adiante no texto). Em seguida, tiveram que rapidamente abandonar o ensino e reforçar a família na labuta agrícola. Segundo a lembrança de meu avô relatada na entrevista, seu pai tornou-se um assinante. Deduzo tal possibilidade do seguinte comentário: *“Meu falecido pai aprendeu fazer as contas assim, né, mas ler e escrever mais sabia o nome, né, pra assinar”* (DAVID, 2021).

O assinante, segundo Jean Hébrard (2007), precisa ser diferenciado do alfabetizado, já que funcionalmente os processos têm características distintas. Mortatti (2011, p. 181) assinala que ser um assinante é um processo de escrita autônomo e individual que mais tem a ver com “ser uma escrita de memória e de cor” do que está vinculado a outros domínios da leitura e da escrita. Mortatti (2004) destaca que, no senso de 1940, as pessoas que assinavam o nome próprio eram consideradas alfabetizadas; a partir do senso de 2000, para a pessoa ser considerada alfabetizada, tinha de saber redigir um bilhete simples. Aquelas pessoas que aprenderam a ler e a escrever, mas esqueceram do processo ao longo do tempo e assinavam somente o nome foram consideradas analfabetas. Então, o pai de David era analfabeto. Da mãe ele não forneceu mais informações durante a entrevista realizada.

A construção da escola na comunidade onde residiam, Nossa Senhora da Saúde (interior do município de Nova Prata⁴ na época), possibilitou que os pais de David incentivassem os 10 filhos a frequentar o espaço escolar.

Os três filhos mais velhos frequentaram a escola e desistiram logo cedo. David iniciou os estudos com 9 anos de idade, em 1959. Repetiu a terceira série por uma vez, e a quarta série também, assim permaneceu na escola até o ano de 1964, deixando-a com 14 anos. O desempenho escolar, segundo ele, em nenhuma das duas vezes foi o motivo da reprovação, a ausência de séries mais avançadas para a

⁴ Vista Alegre do Prata foi distrito do município de Nova Prata por muitos anos. A aprovação da emancipação foi concedida na plenária da Assembleia Legislativa, em 9 de maio de 1988, pela Lei Estadual n. 8.611.

continuidade dos estudos na escola rural fez com que turmas inteiras fossem reprovadas para completar a idade escolar solicitada na época, que era dos 8 aos 14 anos. Os seus irmãos e irmãs mais novos, do mesmo modo, estiveram presentes na escola rural no mesmo período, mas não chegaram a concluir o 4º ano do Ensino Fundamental.

Em entrevista realizada em 28 de maio de 2021, David falou a respeito dos prédios escolares, sobre a doação de um terreno e também sobre o nome da escola e as motivações pela denominação:

Era de madeira nossa escola, mas depois, mais adiante, fizeram de alvenaria, né, de tijolo. Mas na época que eu ia na aula, era de madeira, e ali onde que tá. Meu falecido pai, né, doou terreno lá pra essa escola, e se chamava, o nome da escola era Primeiro de Maio, depois passou pra ser João Batista Simonato. João Batista Simonato é porque esse homem ele era um cara importante na cidade. Ele tinha a olaria e morava fora da cidade, daí faziam telhas, tijolos, essas coisas, e ele também ajudou bastante com madeira, e daí colocaram o nome dele como homenagem na escola (DAVID, 2021).

David estudou na escola de madeira, mencionada na entrevista; hoje o prédio de madeira não existe mais. Em 1988, em seu lugar, foi construída a Escola João Batista Simonato, em prédio de alvenaria, na comunidade Nossa Senhora da Saúde. A referida escola também foi fechada, e o prédio encontra-se abandonado, conforme a Figura 3.



Figura 3 – Escola João Batista Simonato
Fonte: Arquivo do pesquisador (2021).

Segundo Galeazzi (2004), na época, as escolas rurais estavam organizadas em 10 prédios pelo interior do município de Vista Alegre do Prata, chamadas de Escolas de Primeiro Grau Incompleto, abarcando seriações do 1º ao 4º ano do Ensino

Fundamental. Com a construção da escola central, o número de alunos passou a diminuir nas escolas rurais. Em 1998, a Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto General Neto, da comunidade São Camilo, e a Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto João Batista Simonato, da comunidade Nossa Senhora da Saúde, encerram suas atividades, e os alunos foram transferidos para as escolas mais próximas. Reflexo de um processo de desligamento das escolas rurais e da centralização do ensino ocorrido regionalmente⁵. A construção da Escola Municipal Giuseppe Tonus (2000) no centro da cidade e o oferecimento de transporte para os alunos residentes rurais contribuíram também para a extinção total das escolas rurais no município de Vista Alegre do Prata no início do século XXI (GALEAZZI, 2004).

Retornando à escolarização de David, a escola marcou o início do processo de leitura e escrita do agricultor. Conforme Hébrard (2007, p. 51), “para se redigir um texto simples, é preciso primeiro aprender a escrever”. Assim, buscando compreender o processo de escolarização e da aprendizagem do escrito e da leitura de David, fui percebendo que não foi na escola onde suas produções escritas ganharam força, mas, sim, fora dela. A escrita inicial transforma-se em numerosos registros escritos do agricultor, que passaram a ser produzidos após anos de sua saída da escola. Com o desenvolvimento da pesquisa, fui compreendendo que as previsões do tempo são escritas para manutenção de um saber oralizado aprendido com o próprio avô do agricultor, que era analfabeto, e também para a informação da comunidade rural, que tem seu ofício condicionado pelos fatores climáticos na agricultura.

⁵ Sonia Prigol Pagnocelli explorou em sua dissertação, *Processo histórico de escolas municipais rurais de Nova Prata/RS (1988-2006): culturas escolares e nucleação*, a expansão das escolas multisseriadas a partir de 1960 e o fechamento delas de 1990 em diante, fenômeno regional que incluiu as duas escolas localizadas no bairro Gramadinho, em Nova Prata, investigadas pela autora, e também outras escolas no município e nas cidades vizinhas. Padres e famílias eram contrários à nucleação, mas o governo local prometia para convencê-los: escolas-polos no centro do município, melhorias na qualidade do ensino, transporte público, estrutura escolar adequada, melhores condições de trabalho para os professores, socialização de diferentes culturas e turmas unidocentes. Em reuniões com a comunidade e as professoras nas escolas, não houve aceite favorável ao fechamento; a prefeitura esclareceu e responsabilizou-se pela manutenção dos prédios constantemente, tendo assim o consentimento da comunidade para o fechamento das escolas multisseriadas e a nucleação com as escolas do centro. A nucleação completa aconteceu em 2005/2006, fazendo com que surgisse uma ruptura da referência cultural e dos vínculos dessa comunidade que era mediada pela escola, fato percebido em depoimentos de ex-professoras, ex-alunos e outros sujeitos envolvidos nos processos. As crianças tiveram que se adaptar rapidamente à passagem da cultura de uma escola rural para uma cultura de escola urbana. Os computadores e as redes de internet foram um dos atrativos colocados ao convencimento da nucleação. Como impactos vividos pelos sujeitos, pode-se destacar a perda de um ponto de ligação, o espaço de encontro de uma comunidade, que gerava união das famílias residentes próximas, e também a ruptura de um elo que fortalecia laços sociais e culturais existentes nas comunidades das escolas Pedro Pagnocelli e Padre Diogo Feijó.

O processo de produção das previsões meteorológicas acontece de maneira manuscrita, e os suportes utilizados por David para escrever são as folhas soltas disponíveis em sua casa, que ele reutiliza, aproveitando o verso dos papéis.

A produção das previsões climáticas acontece da seguinte maneira, segundo a narrativa de David:

- a) Por doze dias consecutivos são observados os fatores climáticos. Cada um desses doze dias representa um mês do ano seguinte (por exemplo: o dia 25/12 representa o tempo para janeiro, o dia 26/12 para o mês de fevereiro, e assim por diante);
- b) De maneira manuscrita, em folhas soltas, David registra os descritores climáticos, tais como: bom e seco, chuvas e trovadas, temperado... que os agricultores e a comunidade vista-alegrense podem esperar do tempo;
- c) Após a escrita, os rascunhos, grafados nas folhas soltas, são levados até a prefeitura local, onde são datilografados ou digitados, e, na sequência, impressos e fotocopiados em quantidade suficiente para a distribuição da previsão do tempo a seus leitores na comunidade do município.

A história do agricultor, desde a escola que frequentou, da mudança para a comunidade nova com a esposa em 1978, da participação nos eventos religiosos, do início do registro escrito da previsão do tempo, da escrita mantida até os dias atuais, produzindo as previsões meteorológicas me inquietava muito...

Surgiram então questionamentos que permearam a pesquisa: David escreve por quê? Qual o sentido em manter a escrita por tantos anos? De onde então surgem o interesse, a motivação e a funcionalidade de escrever previsões meteorológicas? Quem recebe as previsões escritas dele? O que a divulgação da escrita representa para o agricultor e para a manutenção desse processo? São muitas perguntas e inquietações que necessitavam de resposta para uma melhor compreensão das práticas de leitura e de escrita no meio rural.

No ano de 2019, especificamente no segundo semestre, adentrei como aluno especial uma disciplina do mestrado em Educação, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), chamada "História da Cultura Escrita: livros, leituras e leitores". Ao frequentar os encontros presenciais da disciplina e ler textos propostos pela professora Vania Grim Thies, orientadora desta pesquisa, meu interesse pela área

começou a crescer. Passei a pensar nas possibilidades de um projeto que relacionasse a cultura escrita com os materiais produzidos por meu avô e que tanto me encantavam pela disposição central que tomavam na sala da família, por serem sempre objetos de conversas e cantorias, e por remeterem a um sentimento de positividade, orgulho e pertencimento para aquele agricultor que frequentou a escola primária até o quarto ano.

No primeiro semestre do ano de 2020, passei a trabalhar em uma escola da periferia da cidade de Pelotas. A escola chama-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio, localizada na Avenida Leopoldo Brod, 370, bairro Três Vendas. Lá leciono como pedagogo para uma turma de quarto ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental e atuo também na orientação educacional da escola. Em meados do mesmo ano, me inscrevi para a seleção de mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas. A partir daí, comecei a construir meu projeto de pesquisa.

Junto de meu avô, conheci, li, reli, recolhi, fotografei, reuni, separei, organizei as previsões meteorológicas produzidas por ele. Todas as ações descritas contribuíram para a construção do anteprojeto, que foi selecionado em 28 de agosto de 2020. A partir do desenvolvimento da pesquisa, conheci melhor o trabalho do centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES)⁶ e passei a colaborar com os estudos sobre práticas escolares e não escolares de leitura e escrita da UFPel, especialmente com a discussão e a produção do acervo das escritas pessoais e familiares.

Esse acervo do HISALES reúne escritas ordinárias de materiais oriundos dos arquivos pessoais, em sua maioria produzidos por pessoas comuns (CASTILLO GÓMEZ, 2003b), com pouca escolarização. O acervo das escritas pessoais e familiares é composto de materiais como: cartas, bilhetes, agendas escolares,

⁶ História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES) é um centro de memória e pesquisa, constituído como um órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisas. Trata-se de um arquivo especializado nas temáticas da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares, constituído de diferentes acervos. O HISALES é, também, um grupo de pesquisa cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2006. O HISALES está localizado no Campus II — UFPel, Rua Almirante Barroso, 1202 — Sala 101 H, CEP 96.010-280 — Pelotas/RS. Mais informações sobre o HISALES, acervos, ações de ensino, pesquisa e extensão podem ser conferidas via internet no site (www.ufpel.edu.br/fae/HISALES/), nas redes sociais (Facebook: HISALES, Instagram: @HISALES.ufpel) e por e-mail (grupoHISALES@gmail.com).

pessoais e profissionais, cartas de proteção, lembranças de batismo, convites de casamento e um grande número de cadernos de usos não escolares (THIES, 2020).

Dito isso, retorno para as produções de meu avô. Detentor de uma escrita específica, ele registra graficamente em folhas de papel (folhas soltas) as previsões meteorológicas manuscritas que, mais tarde, são digitadas na prefeitura do município, conforme já informado anteriormente. As folhas soltas são utilizadas como suporte do ato de escrita do agricultor. Ele afirma produzir ininterruptamente por 59 anos as previsões do tempo; parte do material escrito foi salvaguardado e assegura 46 anos de produção escrita sobre o clima. Também foram produzidas canções musicais, gênero textual mais recente, intensamente produzidas na última década, que foram escritas e musicalizadas pelo agricultor. Esse acervo de canções ultrapassa 45 títulos, que não serão abordados nesta investigação, mas demonstram a potencialidade de escrita dele, bem como a influência do contexto religioso nas suas produções escritas.

Thies (2008, p. 28) nos lembra da necessidade de desmistificar a impressão criada no imaginário social de que as pessoas da zona rural ocupam um “lugar apenas do trabalho braçal, desprovido de bens culturais”, destacando a coexistência de leituras e escritas no espaço rural. Embora na cidade seja mais visível a existência de práticas de leitura e escrita, inclusive pela majoritária presença de escolas, bibliotecas, museus, eventos e as necessidades para execução dos ofícios profissionais, o campo também é um espaço educativo, produtor de bens culturais, com produção e circulação de cultura escrita.

David sustenta um longo processo de escrita no meio rural, comprovando a sua produção de bens culturais, sua participação na cultura escrita por meio da prática de escrever e a circulação dos materiais escritos produzidos por ele por meio da distribuição impressa. Essas questões intensificaram o meu interesse em uma investigação documental dos materiais, com o objetivo de compreender os sentidos simbólicos criados pelos usos e pelas funções da escrita do agricultor em seu percurso individual.

Demarcado o grande objetivo do trabalho, é preciso atentar-se não só às práticas escritas produzidas no campo, mas também às práticas de leitura e à audição do ato da leitura. Galvão e Batista (2006, p. 430) destacam que, nos países de escolarização e difusão da imprensa tardia, é interessante observar outras práticas intelectuais “da construção de culturas escritas nos diferentes espaços e tempos”. Entre essas práticas culturais podemos citar: leitura e audição de cordel,

sociabilidades em feiras, leitura de almanaques e a audição do rádio. A leitura e a audição de textos constituem-se práticas e eventos com mediação da palavra escrita, portanto são maneiras legítimas de participação na cultura escrita. Por isso torna-se fundamental compreender quais são as instâncias aproximadoras dos sujeitos, no espaço rural, com as culturas do escrito.

Portanto, a pergunta da pesquisa é: quais os sentidos das escritas em folhas soltas contendo previsões do tempo no percurso individual de um agricultor gaúcho escrevente de pouca escolaridade?

As escritas das previsões do tempo são realizadas de maneira manuscrita, geralmente com a caneta e a folha de papel (folha solta), como especificarei mais adiante, no Capítulo 2. Depois de finalizado e revisado pelo agricultor, o rascunho contendo o conteúdo meteorológico é levado por ele até a prefeitura local do município. No centro administrativo, o rascunho manuscrito pelas mãos do agricultor passa a ser um arquivo digitado pelas mãos da pessoa responsável pela digitação, pela impressão e pela fotocópia das previsões do tempo. Essa pessoa faz uma espécie de edição do texto produzida de forma manuscrita, é o que chamarei de editor aqui na pesquisa. Nomear a figura da pessoa que digita os manuscritos na prefeitura local como o editor constitui-se uma escolha baseada em Chartier (1998), historiador que investiga a história da leitura e do livro e que, na pesquisa, me auxilia a refletir sobre o processo de investigação da escrita de meu avô. O autor destaca a ação do editor, de ordem intelectual, que controla o processo que vai da impressão da obra e possibilita sua distribuição, tendo como recurso de trabalho o meio eletrônico, “sempre maleável e aberto a reescrituras múltiplas” (CHARTIER, 1998, p. 49).

Realizado esse processo de digitação, ocorre a mudança do suporte: passa de uma folha de papel manuscrita, produzida com caneta esferográfica, para a tela do computador, por meio da digitação do editor; em seguida, retorna à folha de papel, mas em uma nova folha, digitada, impressa e, por fim, fotocopiada, gerando um maior número de cópias. Essa forma de edição é o que permite uma tiragem de cópias para distribuição e divulgação do material. As instâncias de divulgação dos materiais são predominantemente: rádios locais, bares, armazéns, agropecuárias, casas de famílias e a própria prefeitura da cidade, fixando a previsão meteorológica impressa no mural lá disponível como uma maneira de dar a ver essa produção para o público que por ali circula.

Na Figura 4, é possível verificar parte da previsão meteorológica manuscrita em 2020, referente ao segundo semestre do mesmo ano. Essa produção é o material manuscrito em uma folha de caderno solta, ainda sem a edição do texto realizada pela pessoa na prefeitura do município.

Previsão do tempo para 2º Semestre 2020
 Feita por DAVID Vinoski - 57 Anos fazendo
 Experiência de tempo, isto é Proverbiat dos
 Velhos - Média de Horas 6^h 1.
 Mes 07 Julho - 1a 4 Bon 14 Graus 5a 8
 10 Milho 16 Graus 9a 12 Bon 5 Graus 13a 16
 8 Milho 4 Graus 17a 20 Trovoadas 20 Milho
 7 Graus 21a 26 10 Milho 3 Graus 27a 31 Bon
 Mes 08 Agosto - 1a 4 Bon 3 Graus
 5a 8 Chuva 20 Milho 6 Graus 9a 12 Bon 4 Graus
 13a 16 10 Milho 8 Graus 17a 20 Trovoadas 15 Milho
 10 Graus 21a 24 10 Milho 11 Graus
 25a 31 02 Graus Cinzas de Neve 5 Milho
 Mes 09 Setembro - 1a 31 Milho 10 107 Graus
 4a 7 Estavel 3 Milho 15 Graus
 8a 11 Trovoadas 20 Milho 20 Graus
 12a 15 Bon 28 Graus
 16a 19 10 Milho 23 Graus
 20a 24 Vento 5 Milho 14 Graus i Trovoadas
 25a 27 13 Milho 18 Graus
 28a 30 Bon 22 Graus

Figura 4 – Previsão do tempo de 2020
 Fonte: Arquivo pessoal de David (2020).

Depois da aprovação na seleção no mestrado, visitei a casa do agricultor e de sua esposa, meus avós, para conhecer melhor os materiais escritos produzidos por ele. Na sala da família, começamos a conversa. Costumeiramente em eventos familiares, David adianta informações das previsões do tempo, conhecidas pela grande circulação em todo município. Entretanto, a visita reservava algumas surpresas para mim, o neto que, desta vez, estava na figura do pesquisador.

Em primeiro lugar, a surpresa foi o número de folhas soltas contendo previsões meteorológicas, que era bem maior do que eu supunha inicialmente. Algumas delas não me foram mostradas na visita anterior à seleção de mestrado. Será que meu “status” (neto-pesquisador) havia mudado, e meu avô conseguiria definir esse aspecto naquele momento? Ou ainda, agora a visita e, posteriormente, a conversa sobre os

materiais haviam sido previamente agendadas, e este seria o ponto definidor daquilo que David gostaria de me mostrar?

E foi assim que encontrei muitas previsões do tempo produzidas de maneira manuscrita pelo meu avô em sua casa conservadas em seu arquivo pessoal. Entre elas a previsão do tempo manuscrita do ano de 1976, escrita no verso de uma folha de papel solta que anunciava a Semana da Pátria de 1975, comemorativa ao centenário tanto da imigração polonesa como da imigração italiana; a previsão estava no verso desse anúncio (descreverei melhor no capítulo seguinte). Naquele suporte conservava-se a previsão do tempo mais antiga produzida e guardada por ele. Nela visualizava-se essa produção manuscrita do ano de 1976 com as previsões do tempo para os doze meses daquele ano. A folha de papel solta foi aproveitada como suporte de escrita para o registro das previsões do tempo; em seu verso a folha registrava a finalidade divulgativa dos festejos da Semana da Pátria a partir de uma programação impressa.

Já convencido de que a metodologia mais adequada para investigar os documentos era a análise documental em confronto com as narrativas das entrevistas, por meio da análise das folhas soltas produzidas pelo agricultor, a fim de configurar temas de análise, tive mais uma surpresa na visita: detalhes narrados sobre a produção dos materiais e a existência de um irmão que participou como coautor das previsões meteorológicas foram contados por ele em nossa conversa durante esse encontro. Optei pela análise documental aliada à realização de uma entrevista que pudesse captar os elementos orais não registrados nos suportes e nas escritas que investigaria na sequência. Dessa forma, os pressupostos da história oral contribuíram para a possibilidade de construir perguntas mais específicas sobre os objetos da pesquisa e sua história de produção, permitindo um olhar mais amplo. Almeida (2009) nos lembra que a história oral deve ser utilizada como uma ferramenta para operacionalização do trabalho, utilizando-se da técnica da entrevista com pressupostos teóricos e os respectivos dados empíricos da pesquisa.

No dia 28 de maio de 2021, realizei a entrevista, semiestruturada, com perguntas preparadas depois dos estudos teóricos e de conversas com minha orientadora. Alberti (2013, p. 189) nos fala da diferença natural entre entrevistador e entrevistado, e da importância em respeitar o saber do entrevistado:

Uma relação de entrevista é, em primeiro lugar, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes, que têm em comum o interesse por determinado tema, por determinados acontecimentos e conjunturas do passado. Esse interesse é acrescido de um conhecimento prévio a respeito do assunto: da parte do entrevistado, um conhecimento decorrente de sua experiência de vida, e, da parte do entrevistador, um conhecimento adquirido por sua atividade de pesquisa e seu engajamento no projeto.

Entrevistar meu avô na posição de pesquisador me possibilitou outras maneiras de pensar sobre a própria família, e precisei ficar em silêncio como neto, exercendo a posição de investigador. Na entrevista ele mobilizou suas memórias, demonstrando culturas e saberes diferentes dos meus, que, embora distintos, entrelaçavam-se e dialogavam sobre um mesmo assunto: sua trajetória individual (já de certa forma sabida por mim) e os usos e as funções que deu à leitura e à escrita, ou as funções e os usos que a escrita e a leitura deram a David ao longo dos anos de sua vida.

Com as previsões meteorológicas organizadas e uma entrevista mais longa gravada, além das narrativas curtas dialogadas com meu avô, constituí o *corpus* da investigação, sentindo-me preparado para buscar as diferenças e as similitudes das previsões na esfera de anos que são produzidas, ou na troca de suportes (folha soltas/folhas fotocopiadas), e ainda as marcas que acompanham os documentos.

A pesquisa justifica-se pelo ato de estudo das escritas produzidas por um agricultor distante da hegemonia do poder, centrada nas escritas judiciais, legislativas e literárias, e nas análises de artefatos de indivíduos em altas esferas sociais e econômicas por meio de parte das escritas acadêmicas. Considera-se, assim, que os lugares não são os mesmos para os diferentes atores sociais e grupos que convivem dentro de uma determinada sociedade.

O campo teórico que me auxilia na análise e na discussão sobre os materiais consiste em autores como: Castillo Gómez (2003a, 2003b, 2020), Chartier (1998, 1999, 2003, 2004, 2010a, 2010b), Viñao Frago (1999) e, principalmente, Galvão (2002, 2010), com o conceito de cultura escrita, central no entendimento dos processos de participação de eventos e de práticas de leitura e escrita de David, da produção dos materiais escritos e da sua divulgação nas diferentes instâncias.

As escritas de pessoas comuns são relevantes para a compreensão das histórias das culturas do escrito no Brasil. Interessa-me auxiliar na expansão desses estudos, que têm crescido na última década, mas ainda se apresentam em reduzido número. Galvão (2010) propôs o conceito sobre a cultura escrita que mais aproximasse do estudo realizado sobre as práticas escritas de David. Segundo ela, cultura

escrita é o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade.

Essa definição baseia-se na acepção antropológica da cultura, considerada como toda e qualquer produção material e simbólica, criada a partir do contato dos seres humanos com a natureza, com os outros seres humanos e com os próprios artefatos, criados a partir dessas relações (GLOSSÁRIO CEALE, 2014, n.p.).

Entretanto, os estudiosos têm preferido a utilização do termo “culturas do escrito”, no plural. Tal preferência é explicada pela não homogeneidade da cultura e por não ser único o lugar ocupado pelo escrito em determinado grupo social. São diversas as vias de participação de um sujeito nas culturas do escrito, inclusive no caso de David, que, ao participar, experimenta e modifica as teias sociais do grupo por meio de sua presença e sua produção escrita. Galvão (2007) relembra o papel ativo que os sujeitos desempenham na relação estabelecida com o mundo da escrita, uma posição ativa, consciente ou não. A existência da cultura não depende exclusivamente da presença de materiais escritos e/ou impressos, ela ocorre em todos os espaços onde permeia-se a palavra escrita.

Galvão (2002) assinala que os modos de participação de homens e mulheres comuns no mundo da cultura escrita parecem estar vinculados a práticas orais de socialização do escrito, à circulação dos manuscritos, aos modos não escolares de aprendizagem e à audição de textos escritos. Portanto, a definição dos modos de participação é mais complexa se comparada à de uma parte anterior de pesquisas brasileiras, que tomavam por objeto somente a história da cultura escrita pela inserção de indivíduos, famílias e grupos sociais no mundo da escrita, a escolarização, as práticas de escrita e o contato com o impresso.

Dessa forma, expandem-se então os modos de participação no mundo da cultura escrita, tornando possível pensar que: (i) a escola não é o único lócus produtor dessas práticas (embora na maioria dos casos estudados apresenta-se como a instituição mais produtora e lembrada); (ii) coexistem práticas urbanas e rurais, cada qual com particularidades de seus espaços e de contexto dos indivíduos; (iii) as produções de escrita não são exclusividade para a participação nas culturas do escrito; (iv) escrita, oralidade e leitura também são processos mediadores e modificantes no fenômeno aqui estudado; (v) as culturas do escrito não podem ser

consideradas fora das relações de poder, tanto pelas já instituídas como pelas geradas pela relação de produção de determinado grupo social ou sujeito.

No caso do agricultor investigado, os modos de participação nas culturas do escrito demonstram-se de várias formas: participação em eventos comunitários e religiosos; observação e inferência sobre a lua, o céu e as nuvens para posterior realização da previsão do tempo via registros escritos; ao levar para digitação os rascunhos por ele grafados; ao partilhar de forma impressa e fotocopiada as previsões produzidas por ele; e ao ir na emissora de rádio para divulgar/radiar as previsões do tempo na cidade vizinha. Assim, o trabalho da pesquisa procura demonstrar: a existência de práticas de cultura escrita no meio rural, ou seja, as práticas não institucionalizadas, buscando identificar quais instâncias são motivadoras das produções gráficas e, por último, quais as consequências nas formas de interação advindas da produção e da partilha das culturas do escrito na comunidade. As folhas soltas de papel podem ser consideradas artefatos da cultura escrita.

A História Cultural, segundo Chartier (2002), propiciou o alargamento de fontes para as pesquisas e um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento. As folhas soltas são produções culturais de um sujeito específico em determinado tempo histórico, que permitem uma vasta possibilidade de questionamentos e interpretações acerca das relações de produção, digitação e distribuição desses artefatos, bem como problematizações sobre a usualidade e a utilidade dos materiais para o agricultor e seus ouvintes (via emissora de rádio) e/ou leitores, definindo um caráter cultural e assim caracterizando os artefatos como fontes da pesquisa, já que se constituem uma produção cultural realizada graficamente por um agricultor a partir dos seus saberes rurais ao longo dos anos.

Anne Marie Chartier (2007, p. 15), a partir dos estudos sobre cadernos escolares como escrita normatizada e dispositivos de controle, afirma que:

Para que um dispositivo funcione é preciso, portanto, que ele tenha sido “assimilado” pela instituição, ou seja, por indivíduos, e que ele seja permanentemente “praticado”: trabalho perpétuo, pois há sempre novos alunos e novos professores.

A partir das produções de Anne Marie Chartier, penso que as folhas soltas de papel são os suportes que contêm as produções escritas do agricultor, ou seja, as previsões meteorológicas. São consideradas artefatos da cultura escrita porque

portam elementos dessa prática social, configurados por uma escrita recorrente de forma ininterrupta durante 56 anos e que detém uma sistematização e um funcionamento peculiar, bem como expressam um saber repassado entre as gerações, desde o avô de David, que ele segue conservando, repassando, adaptando e recriando na comunidade onde vive.

Penso as folhas soltas como artefatos por dois aspectos distintos: o primeiro pelo caráter documental que configuram nesta pesquisa; em segundo, porque esses registros são constituídos pelos saberes culturais do agricultor, são um conjunto de elementos sistematizados por ele, com uma lógica própria de funcionamento que podem, pela aproximação com a pesquisa de Chartier (2002), ser entendidos como um dos dispositivos de controle da vida cotidiana no contexto rural, na relação utilitária das previsões do tempo, tanto para o agricultor como para seus leitores e ouvintes. Assim, são dispositivos de cultura escrita em dois âmbitos: na dinâmica de produção elaborada no espaço domiciliar e na divulgação à comunidade das previsões do tempo contidas no suporte das folhas soltas. Já Roger Chartier (2002, p. 127) destaca também que: “É necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”.

Para os pesquisadores do campo da História da Educação, há um interesse crescente pela produção, participação e circulação de artefatos de escrita e sua utilização, seja no ambiente escolar ou, como neste caso, fora dele.

Assim, a análise dos registros de escrita de David contribui de forma significativa para estudos e pesquisas na divulgação das culturas do escrito pelo mundo, visibilizando as produções de um sujeito do campo, agricultor e produtor de registros, o que contraria sua curta formação escolar.

A leitura e a escrita tradicionalmente compuseram investigações de pesquisas na História da Educação. As fontes e os objetos de pesquisa por um tempo significativo privilegiaram os documentos oficiais e de sujeitos das mais altas esferas da sociedade. Entretanto, com o surgimento da História Cultural, houve a ampliação de fontes e de objetos, provocando e instigando novos pesquisadores e novos estudos (CHARTIER, 1998). Conceitos como raça, etnia, gênero e classe passaram a ser considerados e trabalhados pelos historiadores da educação. Dessa corrente historiográfica mais moderna, Galvão e Lopes (2010, p. 32) destacam:

Valorizam-se cada vez mais os sujeitos “esquecidos” da história, como as crianças, as mulheres, os negros, os índios e as camadas populares. Sentimentos, emoções e mentalidades também passam a fazer parte da história. Fontes até então consideradas pouco confiáveis e científicas começam a fornecer indícios para reconstruir o passado.

Em Pesavento (2006, p. 33), encontramos a seguinte afirmação:

[...] a sensibilidade está no cerne da História Cultural, que se propõe a trabalhar com as formas pelas quais os homens, a partir de sua história, representam a si próprios e o mundo.

É necessário ao pesquisador atentar-se minuciosamente à materialidade dos objetos, a exemplo dos produtos da escrita de um agricultor, caracterizado como pessoa comum, como conceituarei a seguir. A observação de como a prática escrita toma legitimidade é outra tarefa investigativa importante, que deve ser feita sempre problematizando o contexto social de produção e o contexto histórico de inserção.

Proposto por Chartier (2002), o conceito de materialidade é importante para a historiografia, na análise e na problematização das previsões do tempo de David. Quando pensamos na materialidade de um suporte de escrita (carta, caderno, folha solta, panfleto, etc.), estamos indo além do que nele está escrito, e passamos a observar também outras materialidades: o tipo de papel usado, o instrumento de escrita, o cabeçalho, a distribuição da escrita na página, o estilo de escrita adotado, o espaçamento entre palavras, os espaços em branco, a organização da escrita, as marcas deixadas no papel. Materialidade é mais do que isso, é o conteúdo de um texto na sua interação com o suporte. Tal como define Chartier (2014, p. 37), materialidade “como a modalidade de sua inscrição na página ou de sua distribuição no objeto escrito”. A exemplo disso, os arquivos pessoais são fruto de uma construção de muitas materialidades, atravessadas ao longo de uma vida pelas relações do saber, da memória e também do poder (CUNHA, 2008). Os materiais de David são uma mostra do que os arquivos pessoais podem revelar.

Emprega-se a operação historiográfica para contar sobre práticas, lembranças e esquecimentos. Ao observar suportes e materialidades, surgem nas pesquisas oportunidades de descobrir que “os velhos papéis não interessam apenas pelas informações que contêm, poder manuseá-los é uma importante experiência sensorial para aquele que se dedica à pesquisa” (ALMEIDA, 2021, p. 14). A descoberta do sentido que a leitura e a escrita desempenham na realidade de um indivíduo ou de um

grupo social pode ser reveladora das culturas do escrito de uma época, das intencionalidades, dos usos e das funções das práticas culturais.

Chartier (2004), ao estudar a história do livro e da leitura, define leitura e escrita como práticas culturais porque são ações tradutoras de maneiras plurais como homens e mulheres significam ao mundo que é o seu. Historicamente o ato de escrita foi feito por diferentes instrumentos: carvão, giz branco, lápis, canetas, tintas, entre outros; assim como os suportes foram e são variados: cadernos, folhas de plantas, cartazes, lousa, ardósia, etc. Uma inovação capaz de modificar as formas de leitura e as escritas modernas é o computador, importante tecnologia para a análise da alteração da escrita manuscrita de David, que se torna digitada pelas mãos de outra pessoa, um suposto editor, alterando o suporte, a materialidade e o instrumento de escrita. Segundo Chartier (2003), os suportes mudam os modos de ler, lembrando que “tratar-se-á de sempre vincular o estudo dos textos, quaisquer que sejam, com os de formas que lhe conferem à própria existência e com aqueles das apropriações que lhes proporcionam o sentido” (CHARTIER, 2010b, p. 14), tarefa indispensável ao historiador na busca de sentidos e de intenções nos textos escritos.

Outra forma de se apreender sobre os sentidos atribuídos e às intencionalidades de um texto é por meio dos estudos das culturas do escrito. O estudo desta abarca desde um tradicional texto literário até uma receita manuscrita por uma dona de casa. O importante é situar as práticas do escrito, a fim de verificar os impactos culturais que o escrito causa ou que a ele é causado.

Quando falamos em culturas do escrito, não reduzimos sua dimensão apenas às habilidades de escrever, mas estendendo-se também a eventos e práticas que tenham a mediação da palavra escrita, assim como as produções simbólicas e materiais. As sociabilidades em torno do escrito acontecem tanto no espaço urbano como no espaço rural. Galvão (2021) destaca que no século XIX as pessoas que sabiam ler e escrever concentravam-se principalmente em núcleos urbanos, mas isso não quer dizer que não havia usos da leitura e da escrita nas populações do campo.

Atualmente, seguimos com uma tendência entre os núcleos urbanos e as maiores circulações das culturas do escrito, quando comparada aos núcleos rurais. Galvão (2021) aponta algumas razões que servem para explicar tal tendência: existência de uma maior diversificação social nos núcleos urbanos, crescimento da população, presença da indústria, maior oferta de escolarização, maior diversificação

de ocupações econômicas e, em consequência da última, maiores exigências de leitura e escrita para a contratação.

O relacionamento dos sujeitos com as culturas do escrito no Brasil intensifica-se com a chegada da imprensa. Assim, a impressão sistemática aumenta a circulação do escrito e a quantidade de eventos mediados pela palavra escrita.

A impressão, importante marco histórico em nosso país no século XIX, também é primordial para contar uma das formas (a principal) de participação de David com as culturas do escrito. Morando no campo e não possuindo computadores ou impressora, o agricultor depende dos instrumentos de produção e de reprodução situados na prefeitura do município para que suas previsões do tempo tenham a possibilidade de distribuição, com alcance da comunidade na qual reside. O computador torna-se o suporte e o instrumento de escrita, alterando pelas mãos do editor a tipologia do texto produzido por David: o manuscrito torna-se digitado. A impressora é o instrumento no qual é impresso o novo texto em folha de ofício solta, para que em seguida sejam reproduzidas/fotocopiadas as cópias, realizando o processo de reprodução, já que consegue fotocopiar em grande escala a nova escrita digitada, de acordo com a necessidade postulada para a distribuição do material contendo as previsões do tempo.

A cultura escrita possui um caráter essencialmente social, é múltipla e possibilita que o pesquisador interprete, discuta e problematize elementos gráficos, materialidades e significações que dela emergem por meio da historiografia. Uma das possibilidades investigativas ao trabalhar-se com as culturas do escrito é debruçando-se sobre os objetos escritos produzidos pelos indivíduos. Os seres humanos produzem cotidianamente bens materiais e simbólicos em várias dimensões de suas vidas, conseqüentemente também em relação ao escrito.

No caso desta pesquisa, são investigadas as folhas soltas, objeto escrito que dá suporte à cultura escrita contendo previsões meteorológicas; elas constituem uma forma de escrita não escolar, produzida no espaço rural por uma pessoa comum. A amplitude de objetos que podem ser explorados pelas culturas do escrito é grande e diversa em seus suportes, materialidades e intencionalidades:

A história da cultura escrita é também a história do livro, dos manuais didáticos, das cartilhas, das revistas, dos jornais, dos panfletos, dos folhetins, das folhas volantes, dos bilhetes, das cadernetas, dos telegramas, dos catecismos, dos cartazes, dos documentos civis, dos recibos, dos almanaques, dos cordéis, dos calendários, das histórias em quadrinhos, dos

documentos geridos na burocracia estatal, dos diários, das correspondências, dos túmulos, das teses, dos tratados acadêmicos (GALVÃO, 2017, p. 22).

Para cada um desses objetos escritos, investigações diferentes poderiam ser procedidas pensando suas materialidades, seus sentidos e suas intenções. Para tal: rigor metodológico, comprometimento, uma dedicada seleção das fontes e elaboração de hipóteses são alguns dos compromissos profissionais atribuídos aos investigadores das culturas do escrito. Tania de Luca (2020, p. 113) assinala que o pesquisador pode “privilegiar diferentes aspectos: políticos, sociais, culturais, econômicos, religiosos etc. e observar camadas sociais específicas, sejam dominantes, excluídas ou ambas”.

A palavra escrita é uma das formas de regulação na vida das pessoas; normas, leis, decretos e a Constituição Federal são algumas das regras que regulam por meio da palavra uma das formas de se viver em sociedade. A cultura escrita não é isenta de mecanismos de poder, que excluem determinados sujeitos de alguns: textos, eventos e direitos. Entretanto, todos os sujeitos sociais de alguma forma participam da cultura escrita, alguns de forma inconsciente; outros, conscientes, apropriam-se dela e criam muitos usos para muitas funções.

No verbete sobre cultura escrita do Glossário CEALE (2014), Galvão também elucida sobre a importância da valorização dos muitos modos de participação nas culturas do escrito presentes nas salas de aula brasileiras:

É importante que o professor considere, principalmente quando trabalha com crianças de meios populares e/ou de meios rurais, que existem muitos modos de se relacionar com as culturas do escrito nas sociedades contemporâneas e que a escola tende a privilegiar apenas um deles. É fundamental que ele conheça os lugares simbólicos e materiais que o escrito ocupa na vida dos seus alunos, de suas famílias e de suas comunidades. Esse conhecimento e a conseqüente valorização desses outros modos de se relacionar com o escrito podem se concretizar de várias formas, por exemplo, quando professores convidam pessoas mais velhas para narrar histórias ou recitar poesias que sabem de cor (GLOSSÁRIO CEALE, 2014, n.p.).

A escola é a principal instituição promotora de produção escrita, uma forma de escrita que denominamos de escrita escolar. Coexistem também escritas produzidas fora do espaço escolar: as escritas não escolares, tais como demonstram os estudos de Thies (2008, 2013). As escritas não escolares também são testemunhos que contribuem para a produção das culturas do escrito.

Antonio Viñao Frago (1999), ao refletir sobre o fenômeno da cultura escrita, elencou treze tipologias de textos produzidos pelos seres humanos dando usos e funções à escrita. Uma delas é a escrita ordinária, prática caracterizada como um dos modos de escrita que muitos historiadores deixaram de lado ao longo dos anos, mas que começara a ter maior visibilidade no final do século XX e início do XXI. A produção dessas escritas se dá fora do ambiente escolar, sendo, portanto, escritas não escolares e que podem ser caracterizadas por produções de momentos intensos coletivos ou pessoais do cotidiano doméstico.

Os arquivos pessoais de David são práticas de escrita com uma temporalidade própria, no suporte das folhas soltas. Possuindo um caráter difusor, circulam em parte da comunidade vista-alegrense e em municípios vizinhos, sendo lidos e/ou escutados pelos munícipes. Dessa forma, dispõem então de alguns elementos similares com as escritas ordinárias, entre eles: a natureza do trabalho, que é diversa, tendo a finalidade de registrar/deixar uma marca, os atos de escrita geram por si próprios relações de determinado tempo e espaço, e as escritas são práticas não escolares de uso dos escritos.

Thies (2008) atribui às práticas de escrita não escolares na zona rural uma construção identitária dos sujeitos produtores de diários na zona sul do Rio Grande do Sul. Thies (2008, p. 43), em sua dissertação, diz que:

[...] as escritas ordinárias são assim caracterizadas: servem para contar o dia de um modo muito particular, criando o seu próprio estilo de escrita, e é por isso que essas escritas aparecem em diferentes suportes (diários, livros de memórias, etc.).

As escritas não escolares são diversas, tanto nos tipos de textos quanto em suportes e em materialidades. Uma semelhança gerada pelo tipo de escrita é a de preservar por meio das marcas deixadas pelas práticas uma forma de existir no cotidiano.

David produz arquivos manuscritos cotidianos e constantes, sem um compromisso literário, acadêmico ou judicial. A escrita apresenta, no entanto, outros compromissos, como o de preservar o saber oralizado aprendido com o avô, representar e transmitir uma das formas de se viver no mundo, e informar os leitores sobre os fenômenos climáticos.

Os lugares ocupados pelo escrito transformam-se permanentemente: a cada indivíduo, a cada livro, a cada escrito, a cada papel rasgado, a cada tela digitada, a cada poesia recitada, demonstrando uma variedade de produções escritas realizadas nas mais diferentes regiões de nosso país e por indivíduos das mais diferentes classes sociais com vontades e intencionalidades próprias (GALVÃO, 2010). As pessoas comuns também produzem e participam da cultura escrita, Castillo Gómez (2003a, p. 228) as define como:

Gente común, como también tende a decirse para incluir a los individuos de la clase media, poco o escasamente alfabetizados. En consecuencia se trata de personas que no son profesionales del escribir en ninguna de las posibilidades que ello pueda adoptar: la oficial-administrativa, la científico-académica o la propiamente literaria, sino de gente que se aproximan al mundo de lo escrito por otras razones estrictamente personales.

Os escritos da “gente comum”, que aqui tenho denominado pessoas comuns, são reveladores de práticas sociais em determinadas épocas, permitindo identificar outros atores sociais e as relações intersociais estabelecidas no meio social, entendo a importância da cultura escrita, impedindo que materiais caiam no esquecimento ou sejam classificados como “coisas velhas sem utilidade”, ou até mesmo jogados no lixo ou queimados.

Algumas dimensões mais estudadas no Brasil a respeito da cultura escrita são: a escolarização como o processo por excelência de entrada nessa cultura; a produção e a difusão do impresso como principais evidências de usos da escrita; e as taxas de alfabetização como o indicador privilegiado da existência de usuários da língua escrita (GALVÃO, 2007). No presente estudo, aproximo-me mais do segundo tópico, na busca de verificar a produção e a difusão de folhas impressas, buscando compreender a intencionalidade de seus usos, contextualizando que essas folhas impressas têm como suporte as folhas soltas, e não um livro, além disso circulam em uma pequena comunidade com características rurais, trabalhando com as pistas e os traços dos objetos, contribuindo para a composição de uma organização escrita, planejada para permanecer na cultura escrita. Já Castillo Gómez (2003b, p. 97) conceituou a cultura escrita da seguinte forma:

[...] resultado de uma tríplice conjugação: história das normas, capacidades e usos da escrita, história do livro e, por extensão, dos objetos escritos (manuscritos, impressos, eletrônicos ou qualquer outro suporte), e história das maneiras e práticas de leitura

Thies (2008, p. 49), por sua vez, relembra que:

[...] a história da escrita, do livro e da leitura tem relação entre si, pois a história do livro traz a história do texto e a história da leitura é analisada considerando-se os comportamentos, os gestos e as práticas exercidas nesse ato.

Sabemos então que, quando trabalhamos com cultura escrita, não podemos desassociar leitura e escrita; elas se compõem como práticas, embora para cada indivíduo possa haver, por natureza, distintas formas de ler, escrever e, por fim, participar, produzir e partilhar das culturas do escrito, incluindo por meio de escritas não escolares na zona rural, muitas vezes procedidas por pessoas comuns nos mais diferentes suportes de escrita. A sociedade é balizada pelo código escrito, entretanto, saber ler e escrever não é uma necessidade para a participação na cultura escrita; estratégias individuais que envolvam a oralidade e a audição configuram-se em diferentes espaços e modalidades de participação nas culturas do escrito.

Tecidas essas considerações, descritivas e teóricas, buscando atingir os objetivos propostos nesta investigação, a dissertação está organizada da seguinte forma: no segundo capítulo descrevo minuciosamente os registros manuscritos de David, iniciando pelas previsões meteorológicas manuscritas, ou seja, os rascunhos escritos por ele; em seguida, as produções digitadas na prefeitura do município, aliado com o percurso metodológico de operacionalização da pesquisa. No terceiro capítulo, faço a análise junto das reflexões teóricas, na qual o foco volta-se ao processo de produção, ao papel usado, às marcas e aos grafismos nas folhas soltas, bem como à função do editor ao digitalizar as previsões do tempo e às correções feitas pelo agricultor depois da mudança de suporte e da reprodução. Assim, o terceiro capítulo é focado na **produção** do material, pensando também nas instâncias que pulverizam os materiais escritos, a fotocópia e as emissoras de rádio da cidade vizinha, ou seja, os meios denominados de partilha ou de **circulação**.

2 AS FOLHAS SOLTAS: DESCREVENDO O MATERIAL

Uma carta não se exprime apenas pelas palavras escritas. Como um livro, uma carta pode ser lida cheirando-a, tocando-a, afagando-a. É por isso que as pessoas inteligentes dirão: “Vejam o que esta carta diz”; enquanto os imbecis se contentam com dizer: “Vejam o que está escrito”. Toda arte está em ler não apenas a escrita, mas o que vai junto com ela (PAMUK, 2013, p. 57).

O presente capítulo tem a finalidade de descrever o processo metodológico da pesquisa e como cheguei aos materiais. Na segunda parte do capítulo, descrevo as produções de David, detendo-me na explicitação dos suportes utilizados para a escrita, a materialidade dos artefatos e os instrumentos utilizados no ato de escrever.

Os rascunhos das previsões meteorológicas são escritos por David dentro de um período de doze dias; cada dia observado representa um mês do ano seguinte. Do dia 25 de dezembro até o dia 5 de janeiro, são realizadas as observações em relação à lua, às nuvens, à prevalência do vento e à incidência do sol, de chuvas ou de trovoadas, elegendo critérios para que David, por meio da escrita, organize a previsão do tempo completa de um ano todo. Os doze dias de observação geram as previsões para os doze meses que compõem um ano, por isso as observações são divididas em horários específicos para aferição e registro. De maneira manuscrita e definitiva, como demonstrado na seção anterior, é realizada a escrita. O passo seguinte é levar os rascunhos até a prefeitura, para que sejam digitados, impressos e fotocopiados, e assim possam ser distribuídos por ele em seguida.

Na prefeitura, o editor, pessoa que estou denominando assim porque digita o material, altera o suporte (de uma folha de papel para outra) e a forma de produção, possibilitando por meio da digitação, da impressão e da tiragem de fotocópias que o material circule na comunidade. Alguns dos arquivos, digitados ou datilografados, foram salvaguardados pelo próprio David, e assim, em sua casa, um *corpus* de 42 folhas soltas foram encontradas; elas referem-se às previsões climáticas do período de 1989 até 2022. O processo de datilografar as previsões do tempo e de fotocopiá-las ocorria também entre os anos de 1977 até 1988, entretanto, nenhuma dessas folhas soltas foi conservada pelo agricultor, e, por esse, motivo não constituem o *corpus* da presente pesquisa. O mesmo aconteceu com as previsões do tempo dos anos de 1993, 1994, 2003, 2006, 2008 e 2009: não foram salvaguardadas, nem de forma manuscrita nem na modalidade digitada. Assim são 42 folhas digitadas que

correspondem a 33 anos de produções digitais na prefeitura local. Somando as 42 previsões digitadas com as 23 manuscritas, temos um total de 65 produções meteorológicas.

De 1989 até o ano de 2000, a edição na prefeitura era feita por uma máquina de escrever (batido/produzido à máquina de escrever). Do ano de 2001 em diante, o computador passou a ser o instrumento utilizado. Assim, realizei uma síntese das produções de David ao longo dos anos, desde o início das produções das previsões do tempo até o ano de 2022, quando finalizei a coleta dos materiais da pesquisa. Apresento a síntese no Quadro 1 que segue:

ANO	MANUSCRITA	DATILOGRAFADA	DIGITADA
1976	X		
1988	X		
1989	X	X	
1990	X	X	
1991		X	
1992		X	
1995		X	
1996	X	X	
1997		X	
1998		X	
1999	X	X	
2000			X
2001	X		X
2002	X		X
2004	X		X
2005	X		X
2006	X		
2007			X
2008	X		
2010			X
2011			X
2012	X		X
2013			X
2014			X
2015	X		X
2016			X
2017	X		X
2018	X		X
2019	X		X
2020	X		
2021	X		X
2022	X		X
Total	20	9	18

Quadro 1 – Previsões do tempo e estado de conservação
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A seguir, divido o seguinte capítulo em três partes para melhor compreensão das descrições dos materiais escritos por David Vinoski. A primeira seção trata dos

percursos metodológicos mobilizados no estudo das previsões do tempo; a segunda, da descrição das previsões manuscritas; e a última seção, das descrições das previsões de tempo datilografadas e digitadas.

2.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Entre os materiais produzidos por David, estavam: 42 previsões do tempo digitadas, 23 previsões do tempo manuscritas, 46 canções compostas (prioritariamente manuscritas), dois cadernos com informações anotadas pelo agricultor, certificados dos serviços prestados na Igreja Católica e nas rádios do município vizinho e mais de 100⁷ folhas soltas (previsões repetidas, cálculos de milímetros, historietas, panfletos, folhetos, entre outros). Apesar de um grande volume de materiais, fiz a opção de investigar somente as previsões do tempo na pesquisa de mestrado. Os outros materiais, embora reveladores também de elementos importantes para a cultura escrita, não serão explorados nesta investigação, devido ao grande número de previsões do tempo para serem analisadas e ao curto prazo do mestrado; entretanto, são produtivos materiais para análises futuras.

As pesquisas, de cunho qualitativo, respondem a questões muito específicas, por vezes multifacetadas, subjetivas de um indivíduo, comunidade ou grupo social e suas produções. De acordo com Bacellar (2010, p. 51):

O iniciar de uma pesquisa exige a localização das fontes. De modo geral, é preciso verificar, ao se propor um tema qualquer, quais os conjuntos documentais que poderiam ser investigados em busca de dados.

A metodologia utilizada foi a análise documental de folhas soltas de papel contendo as previsões meteorológicas. Para o entendimento do processo de escrita, do tempo de produção ao longo dos anos, também optei por realizar uma entrevista semiestruturada com o autor dos escritos. A entrevista ocorreu no dia 28 de maio de 2021. Além disso, pela proximidade familiar com o pesquisado, sempre que possível, fui interrogando David, meu avô materno.

⁷ Das mais de 100 folhas soltas indicadas, 44 delas têm seu conteúdo relacionado com as previsões do tempo. São elas: previsões repetidas, previsões anuladas e verso de previsões utilizadas como suporte de escritas de outra ordem.

Os percursos metodológicos escolhidos seguiram duas frentes: primeiramente o estudo dos objetos pensando na história da cultura escrita, analisando as folhas de papel soltas e as previsões do tempo contidas nelas e, em seguida, utilizou-se o aspecto da história oral na realização da entrevista e nas narrativas a partir de conversas informais com David e com demais pessoas da família, a fim de utilizar-se da memória para descobrir outros elementos contextuais de produção não explicitados pelos objetos escritos.

Em 2020, na escrita do anteprojeto para concorrer à seleção do mestrado em Educação, defini que o trabalho teria como tema central a cultura escrita, observando as produções escritas de meu avô, produtor de registros escritos, principalmente de ordem meteorológica. Circulei-me de questionamentos, na definição do problema de pesquisa, entre eles: qual o sentido atribuído pelo agricultor para as produções escritas? Qual a motivação em manter a produção dos arquivos por um tempo tão longo? Qual a finalidade da divulgação desses materiais para a comunidade vista-alegrense e entorno? Qual era o real *corpus* de previsões meteorológicas sustentadas por David? E o que eles nos diziam e mostravam? Percebi que era chegada a hora da seleção das fontes de pesquisa, pois, “se há uma infinidade de questões que podem ser propostas, o empenho em respondê-las inclui a seleção das fontes” (LUCA, 2020, p. 98).

O primeiro passo na seleção das fontes aconteceu durante o processo de seleção. David me apresentou alguns materiais escritos, e, entre os produzidos por ele, estavam as previsões meteorológicas, as canções musicais compostas e alguns relatos escritos que escreveu em folhas soltas; outros impressos estavam presentes nessa primeira visita, como: os folhetos do culto dominical, dois certificados de participação em eventos e algumas folhas de jornais com reportagens sobre o município de Vista Alegre do Prata. Luca (2020) relembra que é tarefa do pesquisador não tomar as representações dos materiais como fatos verídicos do que aconteceu nem como simples receptáculos de dados, havendo necessidade de problematizações quanto a seus contextos de produção, interesses da escrita e análises de materialidades, marcas e suportes.

E, para além do que possam conter em termos de informações, devem ser também observadas em si, ou seja, podem interessar, como lembrou Prost, menos pelo que dizem do que “pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam” e, pode-se acrescentar, também pelo interdito, pelas zonas de silêncio que estabelecem (LUCA, 2020, p. 98).

Selecionei como documentos iniciais para pesquisa as previsões do tempo e as canções compostas, permanecendo com essas fontes até o momento da qualificação do projeto, em 2021. Galvão e Lopes (2010) esclarecem que a noção de documento abarca os vestígios de produção humana, constituindo-se em documentos históricos; os historiadores da educação fazem história com base em marcas e traços deixados pelas sociedades passadas.

David permitiu que eu realizasse atos de leitura, fotografia, limpeza e digitalização dos materiais escritos. O escaneamento foi realizado na casa dos meus pais, que também residem em Vista Alegre do Prata, por isso David me emprestou por alguns dias suas folhas soltas de papel com as produções das previsões do tempo. Realizei uma pequena limpeza, já que se encontravam guardadas e empoeiradas, utilizando luvas e um pano delicado e seco, para evitar que se deteriorassem; limpei com muita cautela. Cerca de dez por cento dos materiais escritos são anteriores ao ano de 2000, assim, os papéis já se encontram em situação frágil e com algumas marcas do tempo, por isso todo cuidado foi pouco.

Segundo Bacellar (2010, p. 24), “trabalhar com fontes manuscritas é, de fato, interessante, e todo historiador que entra por essa seara não se cansa de repetir como os momentos passados em arquivos são agradáveis”; assim, por vezes, me distraí analisando os documentos manuscritos estudados. Além da carga afetiva que carregam, ajudaram-me a compreender melhor meu avô, seu processo de escrita e a relevância dos materiais para um estudo científico da cultura escrita. Em seguida, os manuscritos foram devolvidos para seu autor.

Com os materiais digitalizados, pude começar a realização da análise documental. Inicialmente estive muito preso aos aspectos do conteúdo escrito, deixando outros aspectos primordiais de lado; faltava-me rigor metodológico. Luca (2020, p. 107) nos lembra que “a escrita não se constitui numa ferramenta neutra, simples meio mobilizado, sem maiores implicações, para apresentar os resultados de investigações sobre o passado”. Observar as materialidades, os suportes dos textos, os instrumentos mobilizados para a escrita e os sentidos buscados com a escrita foi uma ação metodológica posterior que me auxiliou no processo de construção do texto e na definição dos recursos teóricos metodológicos a mobilizar.

Em praticamente todos os estudos da História da Educação, questionamo-nos qual é o papel do historiador frente aos arquivos pessoais pesquisados. “O historiador não escreve o que bem entende, tampouco constrói versões imaginárias do passado”

(LUCA, 2020, p. 114). Aos pesquisadores cabe analisar cuidadosamente os arquivos pessoais, observando cada um dos contextos de produção e utilizando as ferramentas disponíveis em abordagens qualitativas, criando redes de significação e respeitando a individualidade dos pesquisados e reconhecendo seus limites. Abreu (2003) compara o papel do historiador com o ofício do jornalista, apontando algumas similitudes e diferenciando o tratamento quanto às fontes, que, no caso dos historiadores, precisam ser evidentes e claras:

O jornalista, assim como o historiador, tem o compromisso com a verdade. A pesquisa e as fontes que ambos utilizam para esclarecer os fatos podem até, muitas vezes, ser as mesmas. A diferença está na forma de trabalhá-las. De modo geral, o jornalista considera que os dados que obtém através da pesquisa podem levá-lo à versão verdadeira dos fatos. O historiador procura demonstrar a validade do seu método explicitando as questões colocadas e as fontes utilizadas. As exigências do ofício fazem com que o jornalista muitas vezes transmita o resultado do trabalho sem revelar para o público sua maneira de trabalhar, ou seja, seu método de obter a informação e sua forma de construir a notícia. Como a informação que consegue frequentemente é confidencial, suas fontes são mantidas no anonimato (ABREU, 2003, p. 8).

Após alguns estudos teóricos e metodológicos, meu projeto foi discutido no grupo de pesquisa HISALES: apontamentos e sugestões foram levantados. Considerei-os essenciais para discutir a pertinência do estudo pretendido. Segundo Luca (2020, p. 115), “a avaliação da pertinência dos procedimentos mobilizados e compartilhados, em diferentes momentos, na escrita da História, está entre as tarefas da comunidade de praticantes do ofício, os colegas de profissão”. Assim, participei dos meus primeiros eventos científicos, na Universidade Federal de Pelotas e também fora dela, na busca de divulgar os materiais escritos pelo agricultor gaúcho e a fim de mobilizar outras perspectivas teóricas que me auxiliassem a pensar sobre os materiais estudados.

A submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Enfermagem na Universidade Federal de Pelotas autorizou a utilização do nome próprio do agricultor no trabalho, bem como me elucidou da necessidade da elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que indicasse de forma clara os riscos e os benefícios que o pesquisado teria ao integrar a pesquisa. David concordou com os termos expostos e permitiu também que sua imagem fosse utilizada, se necessário. Ficou combinado que ao final da pesquisa as imagens escaneadas farão parte do acervo digital do HISALES, especificamente do acervo 6 das Escritas pessoais e

familiares, acervo que salvaguarda presencialmente e digitalmente as escritas pessoais não escolares.

No dia 28 de maio de 2021, voltei à casa de David; a visita tinha dois propósitos principais: a realização da entrevista semiestruturada e a verificação de outros materiais escritos produzidos pelo agricultor. Para a entrevista foram mobilizadas perguntas que pudessem dar liberdade ao entrevistado para relatar ações e recordações presentes em sua memória; as perguntas foram definidas junto com minha orientadora em reunião prévia. No momento da entrevista, portei-me como se não soubesse nada da história de David. Embora neto dele, como pesquisador, precisava resguardar minha posição ética e evitar que nossa relação parental interferisse na maneira como ele responderia uma ou outra pergunta. Os eixos das perguntas situaram-se principalmente nos seguintes temas: processo de escolarização na escola rural, participação da família na leitura e na escrita, razões para o início das escritas das previsões do tempo, a relevância do processo de digitação e a participação do irmão Alexandre na autoria dos escritos.

Realizada a entrevista, tinha como tarefa seguinte degravar a narrativa de David. Entretanto, antes disso, pude verificar mais alguns arquivos pessoais. Dentro de gavetas e de caixas guardadas há muito tempo, o agricultor afirmou encontrar outros escritos que poderiam me auxiliar no desenvolvimento da pesquisa. Entre eles estavam mais canções compostas escritas à mão, outras previsões meteorológicas manuscritas e digitadas, inéditas ao meu olhar, folhas soltas contendo cálculos sobre o número de milímetros que havia chovido em determinados anos, panfletos comemorativos com as soberanas do município de Vista Alegre do Prata de anos diferentes e algumas previsões fotocopiadas em excesso que acabaram sobrando, principalmente do ano de 1999.

O sentimento experimentado como historiador nesse momento foi o de que estava diante de uma profusão de materiais escritos; ali estavam diversas possibilidades de estudos sobre a cultura escrita, e mais uma vez a versatilidade da escrita de David, que produziu um grande número de escritos na zona rural, diante da motivação pessoal, mesmo não sendo a escrita uma tecnologia essencial para seu ofício diário. Parafraseando Maria Teresa Santos Cunha (2021, p. 251): “Escrever se constitui em uma forma de produção de memória”. Concluí, após verificar os novos materiais, que um novo *corpus* de pesquisa precisava ser acomodado; todavia, não

fiz isso naquele momento, uma desconfiança me apontava que novos materiais poderiam surgir durante o período da investigação.

Um estudo qualitativo pode ser conduzido por diferentes percursos de investigação, a partir das perspectivas adotadas pelos pesquisadores ao explorar pessoas, seus objetos ou os fenômenos sociais. Tal possibilidade valoriza a experiência em seu caráter subjetivo, considerando os significados que são atribuídos pelos próprios sujeitos a seus materiais em toda sua totalidade e diversidade. Por isso, torna-se imprescindível aos historiadores considerar e interpretar as subjetividades e as vivências dos sujeitos que ajudam a postular fragmentos importantes da História da Educação por meio de seus atos enquanto sujeitos sociais, suas produções e suas participações culturais e nas redes de relações que acabam criando.

Meu passo a seguir foi degravar a entrevista. Durante o ato de degravação, a relação entre história oral e memória retornou às minhas reflexões. Embora a investigação aqui procedida não se utilize da metodologia essencialmente da história oral em profundidade, utiliza-se da entrevista e da memória do entrevistado para compor lacunas por vezes não explicitadas/esclarecidas pelos documentos escritos, ou seja, me utilizei de elementos da história oral para compor metodologicamente o estudo. Todavia, a memória também exige rigor historiográfico, pois é uma ferramenta na discussão e na comparação no processo da escrita, e não pode ser postulada como uma verdade absoluta. Sobre o tema, afirma Pesavento (2005, p. 94): “História e memória são representações narrativas que se propõem a uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo”.

Utilizar-se da memória em uma investigação historiográfica é um privilégio que permite aos historiadores acessarem experiências específicas dos sujeitos por meio de suas lembranças. Chartier (2010a, p. 21) nos diz que a memória “dá acesso a acontecimentos que se consideram históricos e que nunca foram a recordação de ninguém”. A memória segue a lógica de um testemunho pessoal que, ao ser exposta, reafirma o sujeito na construção de seu ser coletivo, o passado conferindo sentido ao presente, segundo Chartier (2010a). Entretanto, o testemunho da memória não é um documento tido como uma verdade. Assim como todos os objetos culturais, a memória sofre a influência social e é exposta de maneira como mais ou menos aconteceu pelos sujeitos, sendo um fenômeno social construído coletivamente, podendo sofrer mudanças e transformações, muitas vezes não intencionais, mas naturais do processo do lembrar, do esquecer e do lugar de inserção.

Depois de degravar a entrevista, voltei ao estudo teórico e metodológico para iniciar a eleição de categorias de análise que dessem conta de discutir os elementos constitutivos das folhas soltas com as produções das previsões do tempo. Os arquivos pessoais detêm particularidades configurativas de sua própria história de produção. No caso de David, suas produções tornaram-se documentos de dimensão social, representados pelo ato de partilha após serem digitados na prefeitura local do município em que reside.

As folhas soltas também (re)constroem a memória do sujeito, de sua família e de toda comunidade e grupo social de inserção. Almeida (2021) sublinha que os arquivos pessoais são práticas de produção de si, um lugar de memória com valor simbólico e emocional. Foi o que vivenciei como pesquisador ao verificar as caixas e as gavetas na casa de meu avô David, observando junto com ele seus papéis produzidos e guardados como um valor simbólico, como uma produção de si. Cunha (2021, p. 260) afirma que os arquivos pessoais se configuram em “formas de musealização que combatem o esquecimento”. No mesmo sentido, Almeida (2021, p. 37) destaca outra questão importante na definição da relevância social que os documentos geram na cultura:

São nossas subjetividades que moldam nossas reminiscências. E assim como buscamos a afirmação da identidade pessoal no âmbito de uma comunidade específica, também buscamos a legitimação de nossas reminiscências.

Por isso, quando se investiga os materiais na busca da elaboração de categorias de análise, é necessário que os pesquisadores se atentem aos detalhes marginais, relacionados não só ao conteúdo, mas também à forma, às marcas e às mudanças que os documentos sofrem com o passar do tempo. É preciso problematizar e fazer perguntas aos documentos, afinal, a posse de um documento escrito, ou de outra ordem, não garante a operação historiográfica, esse papel cabe aos historiadores. Os pesquisadores devem agir com atenção, para evitar não se “enfeitiçar” pelo conteúdo de um arquivo, principalmente quando eles estão em profusão, como no caso de David: a grande quantidade de escritos pessoais pode confundir os pesquisadores, acarretando um vislumbre. Por isso um grupo representativo de questões a serem respondidas deve ser elaborado, para que possa

refletir em conjunto com a teoria selecionada, e, em seguida, estipular-se as categorias de análise.

Configurar o grupo de questões auxilia no fazer historiográfico, porque eles ajudam a sistematizar as questões a serem respondidas. Já no final do período da pesquisa, uma nova surpresa aconteceu. No final do ano de 2022, recebi uma sacola com todos os materiais que David conservava. Entre eles: todas as canções digitadas, todas as canções manuscritas que compôs, fotocópias de previsões, cadernos com informações úteis, panfletos, folhetos de oração e alguns jornais. Em função disso, finalmente delimitei o *corpus* da pesquisa.

Com as 42 previsões do tempo digitadas, 23 previsões do tempo manuscritas, 46 canções compostas (prioritariamente manuscritas) e outros materiais escritos produzidos por David, optei, então, por uma nova seleção de fontes. Nessa difícil escolha, realizada após a qualificação do projeto, priorizei as previsões do tempo. O *corpus* de documentos constitui-se então de: 23 previsões do tempo manuscritas e 42 previsões do tempo datilografadas ou digitadas. E numero alguns motivos para a escolha: (i) acredito que os documentos selecionados sejam representativos tanto pelos elementos que oferecem à análise quanto ao número; (ii) a forma de observação da lua e de demais elementos climáticos e a escrita das previsões foram aprendidas com o avô de David, que era analfabeto, um saber oralizado, advindo de outras gerações anteriores; (iii) as escritas da previsão do tempo são as escritas mais longevas produzidas pelo agricultor; (iv) pelo valor cultural das produções que circula na comunidade.

Galvão e Lopes (2010) afirmam que a história com fontes se faz com base em qualquer traço ou vestígio do passado. Entretanto, é necessário que os pesquisadores problematizem e deem inteligibilidade para os documentos, ou seja, os materiais só se tornam fontes e objetos de pesquisa na problematização que fazemos deles. Todos os materiais produzem e carregam intencionalidades, quer seja para serem lidos, obedecidos, divulgados, aprovados, quer seja para serem contrastados ou discutidos.

Por muito tempo acreditei que as canções compostas poderiam ser analisadas conjuntamente com as previsões meteorológicas. Verificando que não seria possível, alivia-me pensar que ficam salvaguardadas para estudos futuros. Os 46 arquivos com as canções foram digitalizados e estarão disponíveis no acervo do HISALES, já que David concordou com a doação de suas produções escaneadas durante a pesquisa. A tecnologia amplia diariamente as possibilidades das fontes de pesquisa e as

interações entre as áreas do conhecimento. Aliadas aos centros de memória que salvaguardam e possibilitam a cientificização dos documentos, tornou-se possível trabalhar com os arquivos pessoais de diferentes lugares do país e até do mundo. Por isso a importância da luta pela preservação dos acervos de memória, preservadores dos documentos e dos objetos culturais do passado dos sujeitos e das comunidades, e meio para a compreensão do presente, dos tempos e espaços por meio das práticas de escrita que ali conservam, conforme afirma Luca (2020, p. 87), “um universo ilimitado de possibilidades: eis o se descortina para o pesquisador”.

David salvaguardou um grande *corpus* de suas produções escritas de previsões meteorológicas, mas elas estão em diferentes estados de conservação, por isso adotarei a seguinte ordenação da apresentação dos materiais: primeiro serão apresentadas as previsões meteorológicas manuscritas e, na sequência, as previsões meteorológicas digitadas.

2.2 PREVISÕES METEOROLÓGICAS MANUSCRITAS

Todas as previsões meteorológicas produzidas por David em algum momento foram manuscritas em folhas de papel soltas, uma espécie de rascunhos. Entretanto, uma parte delas foi salvaguardada em seu estado original (manuscritas) e outra parte foi conservada após a digitação e a fotocópia feitas pelo editor na prefeitura do município. Inicio a seção apresentando somente as previsões conservadas de maneira manuscrita.

As previsões do tempo que foram salvaguardadas estão conservadas dentro de uma pasta de papel da Emater/RS⁸, uma pasta de papel com capa e contracapa. Na área central da pasta, há um retângulo para a identificação, e, dentro dele, David escreve com caneta esferográfica azul “*David Vinoski, Previsão de 1976 Aqui dentro, 2 Certificado*”⁹. O número “2” foi grafado com uma canetinha vermelha, como pode observado na Figura 5:

⁸ Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural, fundada em 1955 para orientar o pequeno agricultor a acessar crédito supervisionado e a desenvolver a agricultura e o bem-estar de suas famílias.

⁹ Os trechos que aparecem no texto entre aspas e destacados em itálico demonstram a escolha pela manutenção da escrita original do agricultor, sem alterações ortográficas ou de outra ordem.

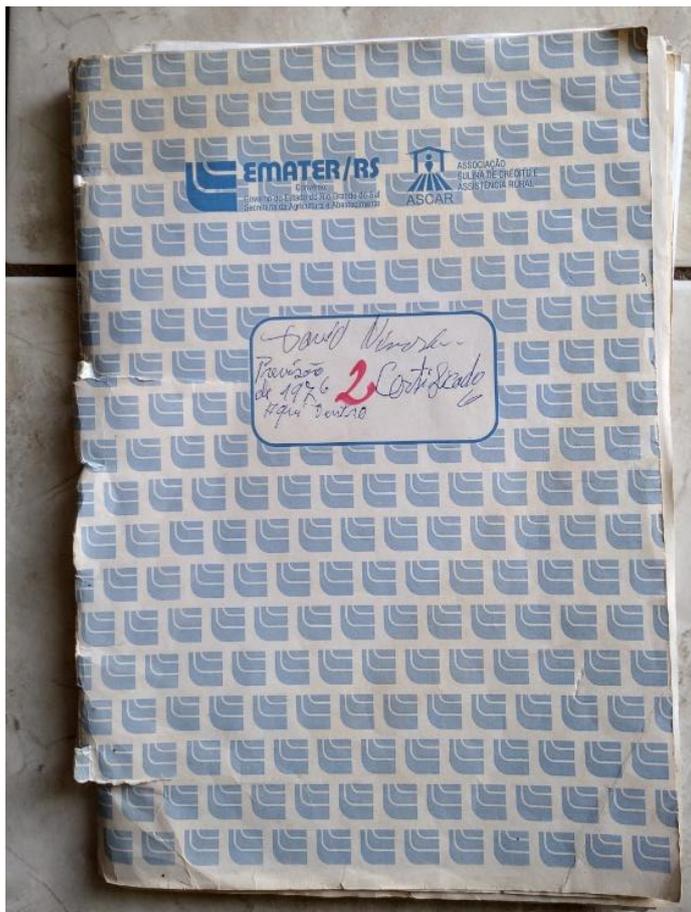


Figura 5 – Pasta que guarda as previsões meteorológicas
Fonte: Arquivo pessoal de David (1976).

A pasta de 33 cm x 22 cm aparenta ter sido bastante utilizada, tem um aspecto amarelado e também sinais de deterioração. A pasta é prática e de fácil abertura. Ao abri-la, encontrei primeiro uma folha de caderno pequeno, amarelada, conforme é possível observar na Figura 6:

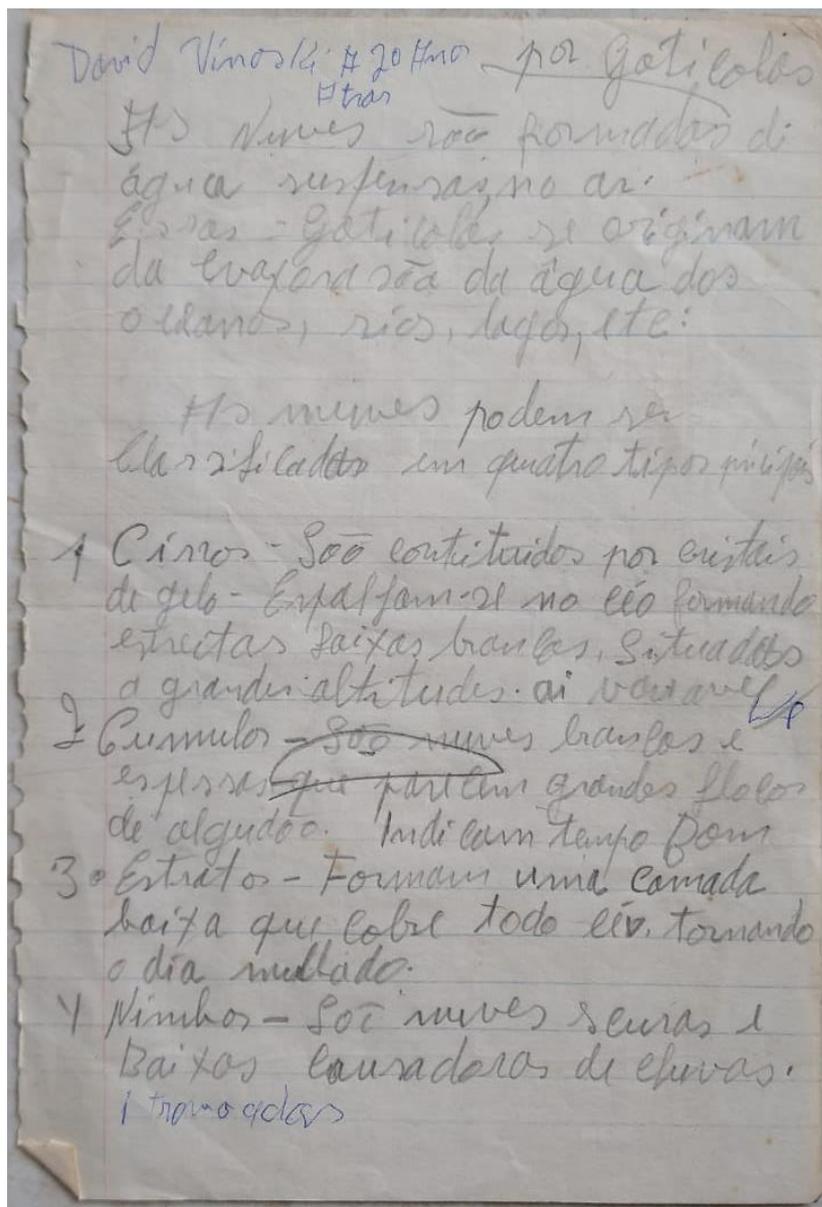


Figura 6 – Os tipos de nuvens descritos por David
Fonte: Arquivo pessoal de David (1993).

Na folha de caderno David escreveu com lápis preto, registrando informações do clima, tais como as nuvens e uma classificação dos quatro possíveis tipos de nuvens. Para a classificação, utilizou-se da margem, separada pelo traço vermelho vertical, enumerando de 1 a 4 os tipos de nuvens: “1 Cirros, 2 Cumulus, 3 Estratos, 4 Nimbos”. O verso da folha não apresenta escrita, está completamente vazio. Chama a atenção na escrita o trecho: “David Vinoski a 20 anos atrás”, realizada de caneta esferográfica azul. Essa escrita feita com caneta gera inquietações, tendo em vista que suas observações climáticas foram realizadas a lápis: David revisita suas previsões do tempo? O que ele quer significar com a inserção dessa frase no início da folha solta? Quais os sentidos criados com tal inserção escrita?

Os quatro tipos de nuvens são importantes saberes adquiridos para a realização da produção das previsões do tempo, já que são ilustrativos do tipo de nuvem e sua correlação com os fenômenos climáticos possíveis em sua decorrência. A origem das informações sobre os quatro tipos de nuvens foi revelada na entrevista e será exposta na análise, no Capítulo 3.

As previsões meteorológicas manuscritas presentes dentro da pasta totalizam 23 folhas, sendo a mais antiga do ano de 1976, e a mais recente, de 2022. Na minoria dos casos, David usou o mesmo suporte para registrar uma previsão do tempo anual. Na grande maioria, aparecem divididas por semestres: primeiro semestre do ano, com os meses de janeiro, fevereiro, março, abril, maio e junho, e o segundo semestre, com os meses de julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro. As previsões manuscritas estão assim divididas, cada uma em folhas de papel soltas separadamente:

- 1976 previsão do tempo anual;
- 1988 previsão do tempo anual;
- 1989 previsão do tempo anual;
- 1990 previsão do tempo anual;
- 1996 previsão do tempo anual;
- 1999 previsão o tempo anual;
- 2001 previsão do tempo primeiro semestre;
- 2001 previsão do tempo segundo semestre;
- 2002 previsão do tempo de janeiro até o mês de setembro;
- 2004 previsão do tempo primeiro semestre;
- 2005 previsão do tempo primeiro semestre;
- 2005 previsão do tempo segundo semestre;
- 2006 previsão do tempo de janeiro até o mês de agosto;
- 2008 previsão do tempo primeiro semestre;
- 2012 previsão do tempo primeiro semestre;
- 2015 previsão do tempo anual;
- 2017 previsão do tempo segundo semestre;
- 2018 previsão do tempo primeiro semestre;
- 2018 previsão do tempo segundo semestre;
- 2019 previsão do tempo primeiro semestre;

- 2020 previsão do tempo de janeiro até o mês de setembro;
- 2021 previsão do tempo anual;
- 2022 previsão do tempo anual.

Os suportes das folhas soltas de papel utilizados para a escrita das previsões do tempo tiveram ampla variação, o que é comum em todos os casos é a utilização do verso de alguma outra folha que serviu para divulgação de outro material, entre eles: verso de propaganda eleitoral, verso de notas de produtos agrícolas, verso de calendário, verso de previsões do tempo digitadas do ano anterior, e um único caso de utilização de folhas de caderno também em folha solta para a realização dessa prática escrita. Na Figura 7, estão alguns dos suportes reaproveitados e que David utilizou para a realização da escrita das previsões do tempo.



Figura 7 – Suportes de escrita reaproveitados para a escrita das previsões do tempo
Fonte: Arquivo pessoal de David (1989, 1990, 1996).

O que indica a utilização desses suportes de escrita? As folhas de cadernos da previsão de 1996 configuraram-se um suporte raro na casa do agricultor devido ao preço de um caderno? E a nota fiscal de leite representa uma escassez de opções de escrita? A propaganda eleitoral reaproveitada configurou um apoio político de David para Fernando Collor de Mello na eleição de 1990? São questões que me fizeram refletir durante a efetivação da pesquisa.

Na previsão de 1976, a mais antiga do arquivo pessoal de David, o suporte utilizado para a escrita foi o verso de um pôster contendo a programação da Semana da Pátria de 1975, organizada pela Comissão Municipal do Mobral de Nova Prata. Na

Figura 8, vemos a previsão do tempo de 1976 no verso da folha com a programação da Semana da Pátria de 1975.

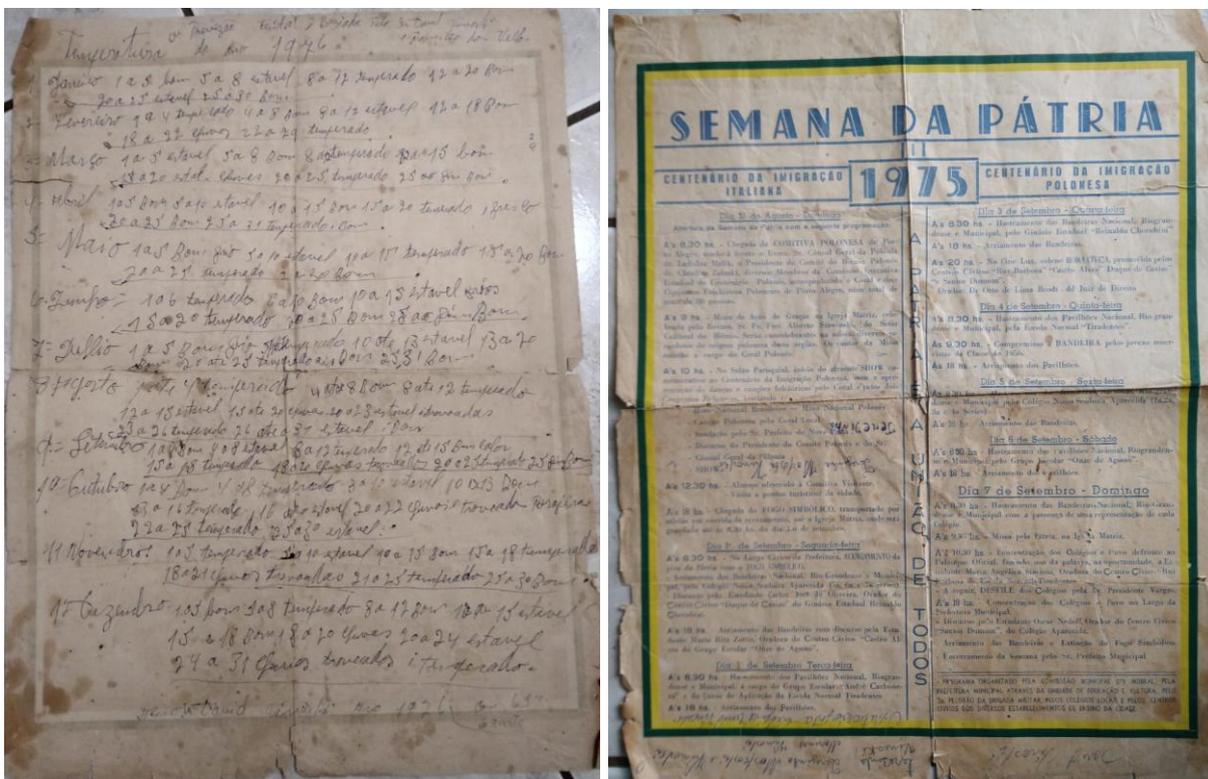


Figura 8 – Previsão manuscrita de 1976(a) no verso da folha reaproveitada(b) do pôster com a programação da Semana da Pátria
Fonte: Arquivo pessoal de David (1976).

A produção manuscrita da previsão do tempo de 1976 está grafada de caneta esferográfica azul, com os descritores climáticos para os doze meses daquele ano. Como também o título, “*Temperatura do ano 1976*”, e um acréscimo com linha acima do título, com os dizeres: “*ou Previsão feita e baziada¹⁰ pelo Ser David Vinoski e Proverbio dos Velhos*” (Figura 8a). O pôster mede 43,5 cm x 33 cm. Bastante deteriorado, o papel apresenta diversos buracos, alguns são pequenos rasgos devido ao tempo, outros são marcas das traças. A margem esquerda do manuscrito é utilizada para organização dos números de 1 a 12, representando os meses do ano; ao seu lado, os nomes dos meses: janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro. Para cada mês são utilizadas de duas a três linhas, e a escrita é feita com uma palavra ao lado da outra, sem

¹⁰ Todas as escritas de David foram mantidas no texto conforme original manuscrito por ele nas previsões do tempo.

espaçamento ou vírgula. Entre cada um dos meses um traço horizontal é feito para separá-los. Seriam os traços horizontais uma estratégia de organizar a escrita na folha, já que o suporte não apresentava linhas? Na última David reforçou as informações da previsão colocando novamente o ano vigente, e acrescenta “*com 65% de acerto*”. Os conceitos utilizados na definição do tempo foram: “bom”, “estável”, “temperado”, “chuvas”, “temperado e fresco”, “temperado e bom”, “chuvas e trovoadas”, “chuvas e trovoadas passageiras”, “estável e trovoadas”, “estável e calor” e “estável e frio”.

O pôster da Semana da Pátria (Figura 8b), como mencionado anteriormente, carrega a programação do centenário da migração italiana e polonesa de 1975, além disso, se analisado de ponta-cabeça, é possível notar assinaturas, realizadas com canetas esferográficas azul e preta. No meio da página pode-se ler o nome “*Terezinha*” de maneira solta, sem ligação de uma letra com a outra, logo abaixo a assinatura “*Terezinha Maskoski Vinoski*”. Estaria a esposa de David treinando a escrita e a assinatura de seu nome?

Ao final da programação, pode-se ler quatro assinaturas: “*David Vinoski*”, “*terezinha Vinoski*”, “*Terezinha Maskoski e Vinoski*” e “*Marines Vinoski*”. Teria David pedido que a esposa e a filha mais velha assinassem o pôster? Com qual finalidade? Ou as mulheres estavam treinando a assinatura do nome? Certo é que a assinatura de Marinês não foi realizada em 1975, pois a filha mais velha de David, minha mãe, nasce no dia 1 de agosto daquele ano e, portanto, não poderia realizar a assinatura. Ficam então as dúvidas: David retorna a verificar as folhas soltas contendo as previsões do tempo anos depois de sua produção? O que sugere a assinatura de integrantes da família no material produzido por ele? Indagações que ficam ainda sem respostas.

Dos anos 1977 a 1987 não foram conservadas as previsões do tempo no arquivo pessoal de David, marcando um intervalo de ausência de onze anos sem registros, mas foram produzidos por ele. Os intervalos de anos sem previsões do tempo salvaguardadas voltariam a acontecer anos depois.

Assim, continuo a descrição da previsão do tempo de 1988: foi grafada com canetinha hidrográfica marrom, uma única frase central foi escrita com caneta esferográfica azul: “*21 a 24 nublado 25 a 28 estavel 29 a fim bom*”. Depois dessa frase, a escrita retorna a ser com canetinha marrom. O título é sucinto: “*Temperatura 88*”. Uma marca marrom grande ocupa o canto superior direito, e mais algumas outras

pequenas marcas no papel estão distribuídas. Nessa previsão não aparece o nome do agricultor, nem a probabilidade de acertos nem os traços horizontais separando um mês do outro. No canto inferior esquerdo, alguns números traçados a lápis aparecem discretamente, quase apagados. Seria uma forma de experimentar novas cores com diferentes instrumentos para a realização da escrita? Os descritores meteorológicos para definir as previsões seguem os mesmos (“chuvas”, “trovoadas”, “tempo bom e temperado”), acrescidos apenas os termos “variável” e “nublado”. O suporte utilizado para a escrita é o verso de um calendário da Pfizer Divisão Agropecuária de 1987, demonstrando que os suportes já com outras escritas eram reaproveitados para a produção das previsões do tempo.

Na previsão do tempo de 1989, dois instrumentos de escrita foram utilizados, o lápis e a caneta. O título “*Previsão do tempo de 1989 Proverbio dos velhos S. David Vinoski*” foi escrito com caneta esferográfica azul. Já o mês de janeiro e uma linha do mês de fevereiro foram escritas a lápis, depois a escrita retorna a ser com caneta azul. Os descritores meteorológicos utilizados são os mesmos que os anteriores (“chuvas”, “trovoadas”, “tempo bom”, “variável”, “temperado” e “nublado”), somente uma linha horizontal é traçada para separar os meses de outubro e novembro, devido ao amontoado de letras e ao final da página, demonstrando uma incapacidade de compaginação do texto no suporte. O suporte reaproveitado dessa vez foi uma nota da venda de leite para a empresa Lacesa. Nela “ *Davide Vineski*” aparece como o remetente; quem assina a nota confirmando o recebimento é a filha mais velha do casal. No geral a folha solta está bastante amarelada e possui um rasgo na parte final, exatamente no pontilhado da nota fiscal.

Na previsão do tempo de 1990, foram utilizadas duas canetas esferográficas: uma azul e outra da cor preta, em uma mistura das duas cores. Primeiro azul, depois preto, retorna ao azul, passa para a cor preta, e a parte final é encerrada com a cor azul. Nos dois cantos inferiores, marcas circulares de caneta, como quem testa o instrumento quando este apresenta falhas. Teríamos aqui um indicativo da escassez de instrumentos de escrita disponíveis na casa do agricultor? O documento parece ter sido finalizado com a escrita do título; ele foi grafado de forma espremida sobre a previsão climática; com a falta de espaço, o título é dividido em duas partes “*Previzão do tempo ano 1990*” e “*Proverbio dos velhos i por David*”. A última frase está no canto superior esquerdo, com letras apertadas e sem espaçamento. Qual a motivação do uso dos dizeres “*Provérbio dos velhos*”? Referira-se ao saber oralizado aprendido com

o avô analfabeto? Ou com um saber não escolarizado? Perguntas que ficaram permeando a descrição. O suporte para a escrita do texto foi o verso de uma propaganda eleitoral, em pôster, da candidatura à presidência de Fernando Collor de Mello. O reaproveitamento da propaganda eleitoral poderia ser qualificado com uma posição política do agricultor daquele período? A palavra “temperado” não aparece mais como descritor climático para a previsão do tempo; os outros descritores permanecem utilizados (“chuvas”, “trovoadas”, “tempo bom”, “variável” e “nublado”) e surge a expressão “garoa” pela primeira vez.

Depois desses anos, mais um intervalo sem previsões do tempo conservadas para os anos de 1991 a 1995. Totalizando um período de cinco anos sem material salvaguardado; mas, conforme já afirmado, foram produzidas. Importante salientar que me detenho nas previsões disponíveis para realizar a descrição do material, pois elas se constituem meu *corpus* de pesquisa.

A previsão do tempo de 1996 é o registro do único manuscrito feito em folhas de caderno. Conforme já dito anteriormente, são duas páginas, frente e verso, e a primeira página serve como capa e recebe os dizeres “*Rascunho da prevesão ano 1996 – David Vinoski*”. Nessa edição David retoma a assinatura das previsões do tempo, como havia feito somente em 1975, identificando a autoria. As páginas seguintes das folhas do caderno foram utilizadas para a previsão do tempo. A segunda página carrega o título “*Previzão do tempo 1996*”, e acima dele foi grafado “*David Vinoski a 34 anos*”. A margem da folha do caderno foi utilizada para inserir o número do mês correspondente, que é grafado na linha, ao lado do número. A caneta esferográfica azul foi o instrumento de escrita utilizado para todo o texto, e um traço horizontal divide os meses de junho e julho. Não há linhas em branco, e a escrita não tem espaçamento. Os descritores meteorológicos da previsão do tempo são mantidos (“chuvas”, “vento”, “trovoadas”, “tempo bom”, “variável” e “nublado”), e o descritor meteorológico “elevação” passa integrar o grupo utilizado por David. Depois da previsão de 1996, há mais um intervalo de ausências das previsões manuscritas dos anos de 1997 e 1998.

A previsão do tempo do ano de 1999 (Figura 10) foi realizada no verso da previsão meteorológica datilografada (batida à máquina de escrever) de 1998. Há o título “*Previsão do tempo que seja um feliz ano novo*”. A primeira frase de janeiro foi escrita de caneta azul, que, cada vez mais fraca, não chegou até o final da linha e foi substituída por uma caneta vermelha, inclusive o título foi grafado em vermelho. Há

dois indicativos: primeiro que o título pode ser grafado somente ao final do restante da escrita, segundo que possivelmente houve uma escassez de instrumentos de escrita na casa do agricultor. A caneta azul, predominante na maior parte de todas as produções guardadas no arquivo pessoal de David; ao falhar, é substituída pela vermelha, cor utilizada somente para destacar informações da previsão, como será demonstrado mais adiante.

A medida do papel é de 33 cm x 21,5 cm. A escrita da previsão não coube toda no suporte reaproveitado da previsão do tempo datilografada de 1998, por isso o agricultor improvisou a escrita na mesma folha utilizando, além do lado manuscrito, o lado da página datilografada do ano de 1998. A estratégia escolhida para a resolução do problema de falta de espaço foi a utilização de um espaço em branco (Figura 9) disponível na previsão datilografada de 1998 para a conclusão da escrita manual da previsão de 1999.

PREVISÃO DO TEMPO PARA O 2º SEMESTRE DE 1998:

<p style="text-align: center;"><u>JULHO</u></p> <p>1 a 3 Estável a bom 4 a 7 elevação neblina 8 a 11 Nublado e estável, vento 12 a 15 Bom com nuvens 16 a 19 Chuvas esparças 20 a 23 estável e nublado 24 a 27 Nublado, algumas chuvas 28 a 31 algumas chuvas e fresco.</p>	<p style="text-align: center;"><u>NOVEMBRO</u></p> <p>1 a 4 Bom com nuvens 5 a 8 Calor com elevação 9 a 12 estável e calor 13 a 16 calor com elevação 17 a 20 chuvas e trovoadas 21 a 24 Instável e nublado 25 a 28 Estável 29 a 30 Bom com nuvens</p>
<p style="text-align: center;"><u>AGOSTO</u></p> <p>1 a 3 estável 4 a 7 chuvas esparças, neblina e fresco 8 a 11 Bom com nuvens 12 a 15 elevação e nublado 16 a 19 vento, neblina, fresco e estável 20 a 23 trovoadas, chuvas e frio 24 a 27 Frio, nublado, estável. 28 a 31 fresco nuvens e neblina.</p>	<p style="text-align: center;"><u>DEZEMBRO</u></p> <p>1 a 3 estável 4 a 7 Estável, calor e vento 8 a 11 Bom com elevação 12 a 15 chuvas e trovoadas 16 a 18 calor, instável 19 a 21 calor e elevação 22 a 25 trovoadas e chuvas esparças 26 a 29 estável e relâmpagos 30 e 31 calor estável</p>
<p style="text-align: center;"><u>SETEMBRO</u></p> <p>1 a 3 Estável e fresco 4 a 7 Nublado e neblina 8 a 12 bom, nublado e garoas 13 a 15 Calor, algumas chuvas 16 a 19 Bom, nublado 20 a 23 Estável e calor 24 a 27 Elevação e trovoadas 28 a 30 Estável e nublado</p>	<p style="text-align: center;"><u>OUTUBRO</u></p> <p>1 a 3 Estável 4 a 7 Nublado com alguma neblina 8 a 11 chuvas esparças 12 a 15 chuvas e trovoadas 16 a 18 Elevação e estável 19 a 22 Bom com elevação e calor 23 a 25 estável algumas chüvas e calor 26 a 28 Instável 29 a 31 Nublado , elevação</p>



12 Dezembro - 1 a 4 estável
5 a 8 neblina e chuvas 9 a 12 Bom
com nuvens calor 13 a 16 estável e calor
17 a 20 Bom com nuvens 21 a 25
Bom com nuvens 26 a 29 estável
30 e 31 Bom com nuvens



180
241
41

3

David Vinovski

Vista Holog do Prato P-S

Novembro 26 a 30. estável calor

Figura 9 – Verso reaproveitado da previsão datilografada de 1998
Fonte: Arquivo pessoal de David (1998).

Fevereiro 1999 que seja um feliz Ano Novo
 1- Janeiro - 1 a 3 Bom ^{elevação} 4 a 7 instavel 8 a 11 calor e ventos
 12 a 14 Bom com nuvens brancas 15 a 18 instavel e ventos
 19 a 22 calor com elevação 23 a 26 Bom calor 27 a 31
~~Bom~~ - instavel.
 2 Fevereiro 1 a 3 instavel 4 a 7 algumas chuvas
 8 a 11 trovoadas chuva esparsas 12 a 15 chuva tambem
 e calor 16 a 19 calor com elevação 20 a 23 algumas trovo
 adas e calor 24 a 28 Bom e calor
 3- Março - 1 a 3 - Bom com vento fresco 4 a 7 algumas gotas ^{vento}
 8 a 10 Bom calor 11 a 14 Bom com nuvens 15 a 18 instavel calor ^{com nuvens}
 19 a 22 calor chuvas esparsas 23 a 26 instavel e calor
 27 a 31 - calor algumas chuvas.
 4- Abril - 1 a 3 instavel 4 a 7 - calor nuvens e instavel 8 a 11 ins
 tavavel trovoadas 13 a 16 instavel vento calor 17 a 20 instavel, cor
 trovoadas 21 a 25 elevação e chuvas 26 a 30 nublado e instavel
 5- Maio - 1 a 4 variavel e vento fresco 5 a 8 nublado gotas 9 a 11 instavel
 e vento 12 a 15 instavel e vento 16 a 19 instavel a Bon 20 a 24 calor
 vento; nuvens 25 a 28 elevação 29 a 31 nublado
 6- Junho - 1 a 3 instavel 4 a 7 Bom com nuvens 8 a 11 instavel 13 a 16
 elevação e vento 17 a 20 calor e nuvens 21 a 24 instavel
 25 a 30 Bom com nuvens
 7- Julho - 1 a 3 Bom 4 a 6 fresco instavel 7 a 10 Bom
 com nuvens 11 a 14 instavel 15 a 18 trovoadas 19 a 22
 Bom com nuvens e calor 23 a 26 instavel e calor.
 27 a 29 variavel 30 a 31 Bom e fresco
 8- Agosto 1 a 3 - Bom fresco 4 a 7 Bom nublado e gotas 8 a 11
 Bom com nuvens fresco 12 a 15 instavel 16 a 19 nublado e
 calor algumas trovoadas. 20 a 23 Bom calor 24 a 27 Bom 28 a 31
 instavel e frio
 9 Setembro - 1 a 3 Bom e frio 4 a 8 Bom e calor 9 a 12 instavel
 e calor 13 a 16 Bom calor e vento 17 a 20 instavel 21 a 23 instavel
 24 a 27 variavel 28, 30 instavel
 10 Outubro 1 a 3 Bom fresco 4 a 7 nublado e gotas 8 a 11 Bom calor
 12 a 15 Bom calor 16 a 19 calor ventos instavel 20 a 23 Bom calor
 24 a 28 instavel calor 29 e 30 Bom
 11 Novembro - 1 a 3 alguma chuva 4 a 8 Bom instavel e elevação 9 a 13 trovoadas e calor
 14 a 17 calor elevação 18 a 21 chuvas e trovoadas 22 a 25 elevação

Figura 10 – Previsão manuscrita de 1999
 Fonte: Arquivo pessoal de David (1999).

Foi uma boa estratégia do autor das previsões para a resolução do problema, o que me levou a refletir sobre a habilidade de escrita em uma folha de ofício, tendo em vista que já havia realizado muitas previsões em folhas sem linhas. O que teria acontecido nesse ano que o espaço acabou antes de suas previsões estarem todas distribuídas ao longo da folha?

Não havendo a produção manuscrita do ano de 2000, passo para a previsão do tempo de 2001. Dividida em duas folhas, ambas são versos de previsões digitadas do ano de 2000, ou seja, o aproveitamento das folhas de ofício já utilizadas para outras previsões, mas que foram digitadas e fotocopiadas. No ano de 2000, o conceito “variável” não aparece mais nos descritores meteorológicos, o termo “algumas chuvas” passa a ser mais utilizado. O título é: “*Previsão do tempo ano 2001 isto e proverbio dos velhos feita por David Vinoski e Alexandre Vinoski – 39 anos de experiencias na previsão*”. Aqui é a primeira vez que aparece o nome do seu irmão (Alexandre Vinoski). Sobre o surgimento do nome do irmão, pode-se pressupor que ambos fizeram de maneira conjunta a previsão do tempo daquele ano? Apenas David escreveu, mas os dois fizeram as observações em conjunto? Todo o texto foi escrito de caneta esferográfica azul. Pela primeira vez, na previsão do primeiro semestre ocorre a sobra de uma parte, ao final da folha, em branco; a escrita está mais concentrada e segue sem vírgulas e com pouco espaço entre as palavras. Estaria o agricultor desenvolvendo uma melhor prática para a compaginação do texto na escrita em um suporte que não possui linhas?

Na previsão do tempo de 2002, o suporte reaproveitado é o verso da previsão do tempo de 2001 digitada em uma folha solta. A previsão começa com o nome do mês “1 Janeiro” antes do título, ao lado o título “ano de 2002 David Vinoski previzão TP”; na linha seguinte, a previsão do mês de janeiro detalhada. Toda a escrita desse ano foi realizada de caneta esferográfica azul, dividida por linhas horizontais entre os meses, e o conceito “*um pouco de neve*” aparece pela primeira vez nos materiais. A folha apresenta um aspecto amarelado. A escrita está aglomerada, especialmente nos meses de fevereiro e julho. Teria o agricultor dificuldades no uso dos espaçamentos entre linhas e entre palavras pela ausência de linhas do suporte de escrita? Nessa edição, o nome do irmão Alexandre Vinoski não foi localizado no manuscrito, teria ele não colaborado com a produção ou nesse ano sustentou uma prática de escrita de previsão do tempo de modo individual?

O ano de 2003 não teve a previsão do tempo salvaguardada pelo agricultor.

Na previsão do tempo de 2004, o suporte utilizado é o reaproveitamento do verso de uma folha A4, com instruções de uma empresa denominada GFIP Retificadora. O título “*Previsão do tempo ano 2004 de, David Vinoski e Alexandre Vista Alegre do Prata RS*”. Toda a escrita é feita de caneta esferográfica azul. Nessa edição, o recurso dos traços horizontais para divisão dos meses não foi utilizado. A ausência desses traços seria um anúncio da melhor compaginação do texto e da não necessidade de utilizá-los? Os descritores meteorológicos foram mantidos (“chuvas”, “trovoadas”, “tempo bom”, “variável” e “nublado”) com a mesma escrita. O termo “vento” apareceu com certa frequência; no final da folha sobraram sete centímetros não utilizados pela escrita do agricultor. Os dizeres “*Sr. David Vinoski – Alexandre*” enceram a parte escrita dessa edição, registrando o retorno da menção do irmão mais novo aos manuscritos.

Na escrita do primeiro semestre da previsão do tempo de 2005 (Figura 11), aparece o título “*Previsão do tempo para o ano 2005 David Vinoski a 43 anos*”; novamente apresentam-se problemas com o espaçamento entre as linhas. Escrita com caneta esferográfica azul e dividida com traços horizontais entre os meses, indica que os traços horizontais ainda são necessários para a organização da escrita; os descritores meteorológicos da previsão permanecem os mesmos das edições anteriores (“chuvas”, “trovoadas”, “tempo bom”, “variável” e “nublado”).

Ao final da folha solta, escrito de caneta esferográfica vermelha, a fim de destacar, e com um laço na volta, podemos ler “*20 cópias*” e, ao lado, um recado, escrito de caneta esferográfica azul: “*Alceu entregar para ô Robi Donin hoje de manha, bater i fazer 20 copias – como bater olhia atras deste rasquinho – David Vinoski*”. As escritas finais demonstram a existência de um editor que, a pedido de David, precisa digitar, imprimir e fazer 20 cópias para serem distribuídas a seus leitores. Do mesmo modo podemos perceber que o agricultor entende o processo realizado pelo editor de duas formas: (i) primeiro, “bater”, referindo-se provavelmente ao processo de digitação executado; (ii) em seguida, “fazer” 20 cópias, referindo-se ao processo de fotocópia. Seria então possível afirmar que David, embora não realize, sabia da organização do processo realizado pelo editor e que, para além disso, de certa maneira, orienta o que o editor deveria executar?

Por fim, o agricultor fornece informações ao editor de como deve ser digitada a previsão do tempo de 2005. Quando escreve “*como bater ollia a atras deste rasquinho*”, o autor refere-se ao suporte reaproveitado: uma previsão do tempo

digitada do ano de 2004. Ou seja, caso o editor não saiba como organizar a previsão manuscrita entregue por David na tela do computador ao ser digitada, pode observar o outro lado da página que carrega a previsão digitada de 2004. Os dizeres instrutivos do processo de digitação, recomendados por David para o editor, são indicativos de que o editor é inexperiente? Ou que David gostaria que o modelo do ano anterior fosse mantido para o ano de 2005? Ou ainda: na prefeitura do município não é sempre a mesma pessoa que realiza a digitação dos rascunhos produzidos e por esse motivo é preciso informar como gostaria que fosse realizado/editado? Além disso, essa produção indica que outra pessoa levou sua previsão do tempo até a prefeitura, a pessoa a quem ele se refere como “Alceu”.

Previsão do tempo para o Ano 2005 David Vinokur #48 #nos
 1 Janeiro 1a3 estavel: calor 4a7 chuvas 8a11 calor instavel
 12a15 vento: calor: trovoadas 16a19 Bom com elevação: Ventos
 20a23 estavel e calor 24a29 Bom com nuvens 30a31 ^{Estavel}
 2 Fevereiro - 1a4 instavel 5a8 Bom fresco 9a12 Vento
 i. elevos 13a15 calor vento nuvens Bom 16a19 Bom com nuvens
 i. ventos - 20a23 elevação rápida 24a28 de chuva 24a28
 Bom!
 3 Março - 1a3 Algumas chuvas 4a7 Bom com elevação
 8a11 Bom: Vento: calor 12a15 calor vento: trovoadas 16a18
 Bom com nuvens e calor 19a21 calor elevação 22a26 instavel
 27a31 Bom.
 4 Abril 1a3 Bom fresco 4a7 estavel o Bom calor
 8a11 algumas chuvas e calor 12a15 Bom com elevação
 16a19 algumas chuvas 20a23 Bom com nuvens 24a28 chuva
 29a30 Bom
 5 Maio 1a4 Bom com nuvens 5a8 chuva esporá
 9a12 Bom com nuvens calor 13a16 instavel 19a20 calor
 e elevação 21a24 chuva rápida 25a28 Bom 29a31 calor estavel
 6 Junho 1a3 Bom 4a7 chuva esporá 8a11 nublado 12,15
 17a20 de chuva: vento 16a19 trovoadas 20a23 estavel
 com trovoadas 24a27 Estavel o Bom 28a30 instavel
 i. fresco!

20 copias
 Alceu Entregar para o
 Rali Bonim João de Marfá
 Bater i. fazer 20 copias
 como tater o lla atrás deste requinho
 David Vinokur

Figura 11 – Previsão do tempo manuscrita 2005

Fonte: Arquivo pessoal de David (2005).

Já a previsão do tempo de 2005, em seu segundo semestre, está intitulada: “*Previsão do tempo para o 2º semestre do ano 2005 feito por David Vinoski a 43 anos na previsão*”. Aqui nota-se a ausência do irmão Alexandre, que apareceu em dois anos anteriores. O escrito permanece sem espaçamento entre o título e os descritores meteorológicos. Toda a previsão foi escrita de caneta esferográfica azul e com traços horizontais para separar cada mês do ano. Na parte inferior da folha, David escreve a seguinte mensagem aos leitores: “*Feliz 2006 e bom Natal de 2005*”; ao lado do 2005, rabiscos feitos para testar a caneta, que parece falhar. Os descritores meteorológicos permanecem os mesmos (“chuvas”, “trovoadas”, “tempo bom”, “variável” e “nublado”), entretanto, a palavra “instável” passa a ser utilizada. O suporte reaproveitado é o verso da folha solta da previsão digitada de 2004, assim como no primeiro semestre do mesmo ano. É correto pressupor então que, em determinados anos, algumas cópias solicitadas no momento da impressão sobram no momento da distribuição? O ato de “economizar” alguns impressos na distribuição configuraria uma estratégia para garantir um suporte de papel para a escrita no ano seguinte?

Na previsão do tempo de 2006, o suporte reaproveitado para a escrita é o verso da folha A4 da previsão digitada e fotocopiada de 2005; o instrumento prioritário da escrita é caneta esferográfica azul. Ao chegar no décimo terceiro dia do mês de abril, o agricultor deparou-se com a falha da caneta utilizada (tinta acabando), assim, substituiu o instrumento por um lápis de colorir azul. A escolha, ou a falta do instrumento para a continuidade da produção, para o prosseguimento da escrita, estaria sendo evidenciada por essa troca? Ou, independentemente do instrumento de escrita, o importante é a realização do ato de escrever?

Com a troca da caneta esferográfica azul para o lápis azul, o traço evidentemente ficou mais grosso e espaçado. No vigésimo dia do mês de maio, o agricultor retoma o uso da caneta azul, e assim segue até o final das descrições meteorológicas. Teria ele encontrado uma caneta esferográfica azul pela casa? Utilizou traços horizontais para dividir os meses da previsão, demonstrando a necessidade do aproveitamento e da organização da página. O título foi sucinto nessa edição: “*Previsão ano 2006 – David Vinoski*”; o sobrenome do autor foi escrito verticalmente ao lado esquerdo da página, na área central, e o nome do irmão Alexandre novamente não esteve presente no manuscrito. Teríamos um rompimento decisivo na escrita conjunta dos irmãos?

Com a ausência da previsão manuscrita de 2007, passo à previsão do tempo de 2008, que foi intitulada “*Previsão 2008- David Vinoski a 46 anos fazendo o calendário das chuvas*”. Nesta, não apresenta espaçamento entre o título e o início das descrições meteorológicas. O instrumento de escrita foi a caneta esferográfica azul na totalidade do texto; os traços horizontais divisórios entre os meses foram mantidos. O suporte reaproveitado é o verso da previsão meteorológica de 2007, uma folha A4 com algumas marcas amareladas na área central. A escrita segue aglomerada e sem espaço entre as palavras; não utiliza vírgulas. A não utilização de vírgulas e pontos o que indica? Uma marca da oralidade de fluxo contínuo das palavras?

As edições manuscritas de 2009, 2010 e 2011 não foram salvaguardadas, marcando novamente um intervalo de ausência na conservação dos manuscritos das previsões do tempo.

Na previsão do tempo de 2012, há a presença de um dos maiores títulos, que mais se assemelha a um cabeçalho: “*Previsão do 1º semestre ano 2012 feita por David Vinoski à 50 anos fazendo experiências do tempo isto é do provérbio dos velhos médias de acertos 63%*”. O suporte reaproveitado é o verso de previsão meteorológica digitada de 2011, uma folha A4 com bom aspecto de conservação. A caneta azul foi utilizada para a escrita, e os traços horizontais, mantidos para a organização do texto na página.

Os últimos 11 centímetros da folha são utilizados para um dito popular que diz: “*casador i pescador mente uma barbaridade o meteorologista nem uma metade*”. O dito popular foi grafado ao final da folha a fim de registrar uma preocupação do agricultor com a média de acertos, como especificarei mais adiante na análise de dados. Em seguida, a escrita segue com o nome da cidade, “*Vista A do Prata RS*”, logo abaixo o nome do autor, “*Sr. David Vinoski*”, e por último o quantitativo de cópias que devem ser providenciadas pela prefeitura, “*fazer 30 copias*”, registrando um aumento da quantidade de cópias solicitadas: em 2005, eram 20 cópias; em 2012 o número sobe para 30.

A escrita do nome da cidade seria um indicativo para ser reconhecido na cidade de Vista Alegre do Prata como meteorologista? Também questiono: saberia o editor diferenciar o que deveria ser mantido na íntegra no processo de digitação e o que eram informações instrutivas para o trabalho realizado na prefeitura local? Na Figura 12, a previsão do tempo de 2012 completa.

Vista H. do Prata 25
 Previsão do tempo 1º Semestre Ano 2012 feita por David Vinoski. # 50 Anos fazendo experiências de tempo isto é de conhecimento dos Velhos Médicos de Santos 63%.

1 Janeiro. 1ª a 4 Estável 5 a 8 alguns chuvas 9 a 12 garoa
 13 a 15 Bom calor e nuvens 16 a 19 chuvas esparsas
 20 a 23 Vento e trovoadas 24 a 27 Bom e nuvens 28 a 31 Bom

2 Fevereiro. 1 a 3 Bom calor 4 a 7 Elevação e chuvas 8 a 12 Bom e vento
 13 a 16 chuvas e trovoadas 17 a 20 elevação 21 a 24 Bom com nuvens
 25 a 29 Bom calor.

3 Março. 1 a 4 Estável 5 a 8 Vento e chuva 9 a 11 Nublado e calor
 12 a 15 chuvas esparsas 16 a 18 Bom com nuvens 19 a 21 Estável e garoa
 22 a 25 Bom 26 a 31 Bom e fresco

4 Abril. 1 a 4 fresco e Nublado 5 a 8 um pouco de chuva
 9 a 12 Bom com nuvens 13 a 17 Estável e vento 18 a 21 Estável e Bom fresco 22 a 26 Estável e fresco 27 a 30 Bom

5 Maio 1 a 3 Estável 4 a 7 elevação e fresco 8 a 11 chuva
 12 a 15 Elevação 16 a 19 Bom e calor 20 a 23 Estável
 24 a 27 Bom com nuvens 28 a 30 Estável

6 Junho. 1 a 4 Bom e frio 5 a 8 Estável e vento 9 a 12 trovoadas
 13 a 16 Bom com nuvens 17 a 20 Elevação 21 a 23 chuva
 24 a 27 Estável 28 a 30 Bom com nuvens

Casador e Pescador Mente uma Barbaridade
 O Meteorologista Nem uma Metade
 Vista H. do Prata 12.5
 Sr. David Vinoski
 fazer 30 bobinas

Figura 12 – Previsão do ano de 2012
 Fonte: Arquivo pessoal de David (2012).

Na previsão do tempo de 2015, os doze meses do ano foram descritos na mesma folha A4, por isso a escrita está ainda mais apertada, e os traços horizontais foram indispensáveis para organização da escrita. O suporte reaproveitado é o verso da página da previsão digitada de 2014. O título parece ter sido escrito ao final, pois está espremido na parte superior: "*Previsão do tempo ano 2015 feita por David Vinski 52 de experiencia*". Uma letra do sobrenome não foi grafada, e outras informações estão resumidas para o espaço disponível. Entretanto, parece indispensável para o autor que nas previsões do tempo apareça grafada a quantidade de anos que ele realiza a prática. O agricultor era responsável pela contagem dos anos em que realiza as previsões do tempo? E qual o sentido da contagem para o autor e para os leitores ao lerem "*52 anos de experiencias*"?

Do meio da página em diante, a escrita aparece inclinada na parte do lado direito para o lado esquerdo, não seguindo uma linha reta, demonstrando problemas de compaginação do texto. Ao final aparece nos manuscritos conservados, pela primeira vez, os números de telefones disponíveis no texto: "*Fone: 96732852-34781810*". E finaliza com a seguinte mensagem: "*Vem felis e Santo Natal 2015 i abençoado 2016*". As escritas finais ajudam nos questionamentos: havia celular que David usasse antes do ano desde 2015, ou o anúncio de seu número na folha solta marca a chegada do aparelho eletrônico em sua vida? Ao desejar "*Santo Nata*" e "*abençoado*", estaria o agricultor demonstrando influências religiosas por meio da escrita?

A edição de 2016 da previsão do tempo não foi conservada, por isso sigo com a previsão manuscrita do tempo de 2017. Nela o agricultor utilizou um maior espaçamento para a descrição dos meses de julho e agosto e ocupou metade da página. Dessa forma, foi preciso apertar a letra e diminuir o espaçamento na outra metade para que os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro ali coubessem. O aproveitamento da folha deve ser observado, já que em algumas edições ele divide as previsões do tempo em dois semestres; quando não o faz, parece ter mais problemas com o uso do suporte, tendo que, por vezes, agregar letras e linhas.

O recado final anuncia: "*Vista Alegre do Prata RS David Vinoski Fone/54996732852 ou 34781810- Felis Natal i um Santo 2018 e muita pas*". Toda a escrita foi realizada com caneta esferográfica azul; os traços horizontais divisórios foram mantidos para organização do texto. O suporte reaproveitado é o verso da

previsão digitada do ano anterior, e o título é *“Previsão do tempo para o 2º semestre do ano 2017- feito pelo Sr. David Vinoski 54 anos fazendo experiencias do tempo- isto é proverbio dos velios medias de acertos 68%”*. Uma importante inovação aparece nos descritores meteorológicos. Agora a quantidade de milímetros que são esperados no dia do tempo chuvoso e a temperatura média em graus foram acrescidos.

Nas previsões do tempo de 2018, duas folhas de papel foram utilizadas, ambas reaproveitando como suporte as previsões digitadas no ano anterior; outra semelhança é o uso da caneta esferográfica azul como instrumento da escrita. Há um aspecto importante nesse ano que é o acréscimo de mais uma folha para a produção das previsões. O título *“Previsão do tempo para ano 2018- feita pelo Ser. David Vinoski â 55 anos fazendo experiencias do tempo isto é proverbio dos velios medias de acertos 67%”*. No canto superior direito, sobra um espaço não utilizado que David aproveita para escrever *“Deus te ama”*. A inserção da frase inédita até o momento das previsões descritas reforça a influência religiosa do autor? Qual é a intencionalidade dessa inserção? Seria uma espécie de reconhecimento entre os leitores? A mensagem final do rodapé é *“um felis 2018 i o 2019 muito abensoado – ô ano novo de muitas esperanças- L.B.G Fone 996732852 David Vinoski Vista Alegre do Prata”*. Uma etiqueta adesiva de supermercado é colada no canto inferior direito; nela pode-se ler *“Mercado CCC- 5.35 (3478-1074)”*; as letras e números da etiqueta são da cor vermelha. Não parece haver uma ligação entre a etiqueta e o texto, pressuponho que a materialidade de uma etiqueta adesiva pode ter chamado a atenção de David, que resolveu colá-la ao rascunho, verificando sua função em ser colada sobre um objeto para precificá-lo.

A previsão do tempo de 2019 está intitulada *“Previsão do tempo para o 1º semestre de 2019- feita pelo SR David Vinoski- 56 anos fazendo experiência do tempo isto é proverbio dos velihos. Média de acerto de 67%”*. De todos os rascunhos apresentados, é a primeira vez que David faz uso de um ponto no título. Estaria ele utilizando o recurso depois de tê-lo visto nas previsões do tempo digitadas ou em outro suporte escrito disponível em sua casa? Toda grafia é feita com caneta esferográfica azul; os traços horizontais são mantidos. Como a previsão é para a primeira metade do ano, não temos o recado final. O suporte reaproveitado é o verso da previsão digitada de 2018. David substitui gradualmente o termo “chuva” pela quantidade de milímetros. O número que expressa a quantidade de milímetros permite pressupor

que haverá chuva, assim, o termo “chuva” aparece com bem menos frequência, quase que caindo em desuso nas suas escritas.

Na previsão do tempo de 2020, o suporte aproveitado é o verso de um extrato bancário do próprio agricultor em folha A4 que não está completa, pois um quadrado foi recortado do canto inferior esquerdo, e as marcas da tesoura são perceptíveis no material. Para a escrita, duas canetas foram usadas: a caneta preta anunciou o título, “*Previsão do tempo ano 2020 Forsa e paz*”, a descrição do mês de janeiro e parte do mês de fevereiro. Do dia 17 de fevereiro até o final de setembro, a caneta esferográfica azul foi utilizada para a escrita. No período de 26 a 31 de julho, David não escreveu a previsão, parecendo um esquecimento de escrita. Então, depois, novamente com uma caneta preta, insere “*10 mt 8 graus*”, como quem lembra da necessidade da inserção. A mesma folha serve para anotar o contato de um possível comprador de gado; o autor escreve ao final da página: “*Moreski Compra Vaca: 999853248*”. As palavras estão aglomeradas e há pouco espaçamento entre as linhas, conforme é possível verificar na Figura 13.

Previsão do Tempo Ano 2020 Foida e Paz
 Janeiro 1a 4 chuva 40 Milímetros 30 graus, 5a 9 chuva 200 13 Mt 33
 10a 13 Bom com nuvens poucas de chuva 10 Mt. 14a 16 Chuva 30 Mt. 31 32
 17a 20 vento Bom 32 graus 21a 24 14 Mt. 30 graus 25a 28 Bom 32 graus
 29a 31 22 Milim. 31 graus 30 Mt. 30 graus 25a 28 Bom 32 graus
 2 Fevereiro: 1a 3 = Bom 30 graus 4a 7 30 Milim. 32 graus
 8a 11 calor e Bom 12a 16 chuva 28 Milim. 33 graus
 17a 20 trovoadas 15 Mt. 10 33 graus 21a 24 calor 30 graus
 25a 29 chuva 20 Mt. 31 graus
 Março 1a 3 Bom 30 graus 4a 7 15 Milim. 31 graus
 8a 12 Bom 30 graus 13a 16 trovoadas 30 Mt. 32 graus
 17a 20 Bom 30 graus 21a 25 28 Milim. 31 graus 26a 31 Bom 29 graus
 4 Abril 1a 3 Bom 28 graus 4a 7 30 Mt. 25 graus
 8a 12 Bom 30 graus 13a 16 18 Milim. 29 graus 17a 20 trovoadas 30 Mt.
 21a 24 estavel 30 graus 25a 30 10 Mt. 28 graus
 5 Maio 1a 3 Bom 29 graus 4a 7 chuva 25 Mt. 30 graus
 8a 12 Bom calor 25 graus 13a 16 15 Mt. 20 graus
 17a 21 trovoadas 22 Mt. 30 graus 22a 25 calor e Bom 26a 30 20 Mt. 25
 6 Junho = 1a 3 Bom 15 graus 4a 7 estavel 18 graus 14 Milim.
 8a 12 sol e 13 graus 13a 16 10 Milim. 10 graus 17a 20 Bom 10
 21a 24 20 Mt. 25a 30 = 30 e Bom
 7 Julho - 1a 3 = 1 queda Bom 4a 7 10 Mt. 16 graus 8a 11 Bom 8
 17a 15 13 Mt. 4 graus 16a 19 trovoadas 20 Mt. 10 graus
 20a 24 chuva 10 Mt. 8 graus 26a 31 10 Mt. 8 graus
 8 Agosto 1a 4 Bom 4 graus 5a 8 chuva 20 Mt. 6 graus
 9a 12 Bom 13a 16 estavel 05 Mt. 10 graus 17a 20 trovoadas 15 Mt. 10
 21a 24 170 Mt. 12 graus
 25a 31 = 0 graus gotinhas de nevo e garoa
 9 Setembro 1a 3 10 Mt. 07 graus 4a 7 estavel
 3 Mt. 15 graus 8a 11 trovoadas 20 Mt. 21 graus
 12a 15 Bom 28 graus 16a 19 10 Mt. 23 graus
 20a 24 vento 5 Mt. 14 graus i trovoadas
 25a 30 nublado e 20 graus
 Maxima: Compra Valca = 999853248

Figura 13 – Rascunho da previsão de 2020
 Fonte: Arquivo pessoal de David (2020).

Na previsão da Figura 13, podemos notar o aproveitamento do suporte de escrita para outras finalidades pelas escolhas de David. Ao recortar uma parte da folha, o que pretendia ele: mandar um bilhete, registrar um número telefônico, fazer uma lista de itens a serem comprados no supermercado? A escrita “*Moreski Compra Vaca*” reforça a utilização usual e cotidiana da folha solta, que mesmo sendo reaproveitada para a escrita das previsões do tempo manuscritas também serve para anotações úteis e provavelmente mais imediatas, que não podem fugir da memória ou do papel.

Chegando ao final das descrições das previsões do tempo, a produção manuscrita do ano de 2021 foi grafada no verso de uma previsão digitada em 2020, e todo rascunho foi produzido com caneta esferográfica azul, e a utilização dos traços horizontais divisórios foi mantida na organização do texto. O título “*Previsões do tempo 2021 escrita pelo Ser. David Vinoski â 58 anos fazendo experiencias do tempo isto é proverbio dos velios medias de acertos 67%*” está bem colado com o início da descrição da previsão do tempo, com letras amontoadas e ausência de espaçamento. Os termos utilizados nos descritores meteorológicos são os mesmos, e a mensagem final é: “*Feliz Natal 2021 e abençoado 2022- David Vinoski- Fone 34781810 ou 996732852*”.

Por último, a previsão do tempo manuscrita de 2022 foi grafada no verso de uma previsão digitada. A escrita está bastante amontoadada, havendo problemas de compaginação do texto, problemas com espaçamento entre linhas e entre palavras. Os descritores meteorológicos (“bom”, “trovoadas”, “variável”) e a quantidade de milímetros foram escritos com caneta esferográfica azul, assim como o restante do texto.

O grupo das descrições apresentadas representa os manuscritos em forma de rascunhos escritos pelo agricultor. Esses materiais passam por um processo de digitação (e por 11 anos foi pelo processo de datilografia) e impressão na prefeitura local, e ainda de fotocópia (mesmo que em número reduzido), já que o agricultor não possui máquina de escrever ou computador, impressora e também não digita os materiais. Dessa forma, os registros manuscritos são os rascunhos que servem para a digitação que é realizada na prefeitura local por um funcionário desde o ano de 1989. Não sendo o mesmo funcionário da prefeitura que realiza a digitação, impressão e tiragem de fotocópias, mas, sim, quem estiver disponível para atender o agricultor no momento que este vai até a prefeitura local.

Na segunda seção deste capítulo, especifico alguns detalhes das previsões meteorológicas já digitadas, ou datilografadas, e impressas pelo editor, que são os documentos que David distribui na comunidade, em bares, em supermercados, nas casas das famílias e até nas rádios do município vizinho.

2.3 PREVISÕES METEOROLÓGICAS DATILOGRAFADAS OU DIGITADAS

As previsões do tempo descritas neste capítulo tiveram dois processos distintos de produção: de 1989 até o ano 2000, foram produzidas pela máquina de escrever (datilografadas), e de 2000 em diante, foram elaboradas pelo trabalho no computador (digitadas); depois disso, ambas eram fotocopiadas para serem distribuídas na comunidade. As siglas, apresentadas abaixo, identificam as autorias das 42 previsões do tempo conservadas: DV refere-se ao agricultor David Vinoski, e AV refere-se a Alexandre Vinoski, seu irmão e coautor das produções.

- previsão do tempo, anual de 1989, autoria DV;
- previsão do tempo, anual de 1990, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 1991, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 1992, autoria DV;
- previsão do tempo (janeiro, fevereiro, março, abril e maio em parte) de 1995, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 1995, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 1996, autoria DV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 1997, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 1997, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 1998, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 1998, autoria DV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 1999, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 1999, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 2000, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2000, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2000, autoria AV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 2001, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2001, autoria DV e AV;

- previsão do tempo, primeiro semestre de 2002, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2002, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 2004, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2005, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2007, autoria DV e AV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2010, autoria DV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 2011, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2011, autoria DV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 2012, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2012, autoria DV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 2013, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2014, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2015, autoria DV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 2016, autoria DV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 2017, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2017, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2018, autoria DV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 2019, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2019, autoria DV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 2020, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2020, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2021, autoria DV;
- previsão do tempo, primeiro semestre de 2022, autoria DV;
- previsão do tempo, segundo semestre de 2022, autoria DV.

Embora tenha aparecido em poucas ocasiões o nome do irmão Alexandre Vinoski nas previsões manuscritas, ele aparece em maior número de cabeçalhos/títulos da previsão do tempo datilografada/digitada. Assim como a assinatura do Alexandre está grafada em menor número de vezes ao final das páginas, quando comparada às assinaturas de David. Tanto os cabeçalhos como as descrições meteorológicas não são iguais em suas 42 edições, mas seguem uma mesma lógica na organização na folha. Esse processo é o que realizou a figura do que venho nomeando ao longo do texto de editor. Segundo informações na entrevista realizada e nas demais narrativas curtas obtidas com David, a pessoa que realizava

o processo de datilografar e, posteriormente, digitar na prefeitura local foi alternando conforme disponibilidade do servidor municipal no momento da solicitação. No entanto, a lógica de organização na folha depois de pronta a edição (fotocopiada) para a distribuição na comunidade já era de certa forma conhecida pelos leitores.

Na edição datilografada pelo editor do ano de 1989, apresenta-se sobre uma folha de papel solta com marcas do tempo, amassada e com um aspecto bem amarelado. Nela, podem ser conferidos os descritores climáticos (“bom”, “estável”, “variável”, “nublado”, “algumas chuvas”) em uma previsão do tempo anual, disposta pela folha de maneira organizada, em linhas e com os nomes dos meses sublinhados. O uso de travessões, traços, vírgulas e um ponto-final distingue-se da escrita manuscrita de David.

Na edição datilografada da previsão do tempo de 1990, David grampeou uma foto 3x4 de quando era jovem na parte superior da folha solta. Ao lado da foto aparecem os seguintes dizeres: “*Provérbio dos Velhos Feita por David Vinoski – Meteorologista*”. Esses dizeres parecem ser uma legenda para foto, além de serem utilizados como título do exemplar anual desse ano. Os descritores climáticos (“instável”, “nublado”, “bom”, “variável”, “neblina” e “frio”) aparecem de maneira tabelada e alinhada; nessa edição o editor não sublinhou os nomes dos meses.

No ano de 1991, apenas a edição datilografada do segundo semestre foi conservada pelo agricultor. O título anuncia “*Provérbio dos Velhos*”; o editor, entretanto, esquece de inserir o ano da produção no cabeçalho. David, com uma caneta esferográfica preta, escreve “1991”. A inserção de caneta do ano da produção seria um demonstrativo da organização do seu acervo de produções para uma possível revisita anos depois? O editor deixou um espaço na parte final da folha para que os dois irmãos assinassem a autoria da previsão do tempo, e ambos o fizeram, comprovando a autoria conjunta nesse ano.

Na edição da previsão do tempo datilografada de 1992, os descritores climáticos (“bom”, “frio”, “elevação”, “chuvas”, “nublado”, “variável” e “fresco”) estão bem organizados, de maneira alinhada. Os nomes dos meses estão sublinhados; a fim de destacar, o editor deu um espaço entre cada letra dos nomes dos meses e sublinhou letra por letra, dando um aspecto de boa apresentação à folha de papel solta. Somente David assinou a autoria da previsão do tempo desse ano, e no cabeçalho afirmou ter “*30 anos de experiência*”.

Depois disso temos um intervalo, no entanto, as previsões do tempo foram produzidas, mas não foram conservadas; os anos de 1993 e 1994 são os anos do ocorrido. Na edição da previsão do tempo datilografada de 1995, o editor mostrou-se inábil na compaginação do texto; os espaçamentos exagerados entre as linhas dos meses de janeiro e fevereiro fizeram que os meses de março e abril ficassem sem espaçamentos entre linhas, e o mês de maio apareceu pela metade, cortado pela falta de espaço da folha solta de papel. Teríamos aqui a comprovação de editores mais ou menos hábeis com as máquinas de escrever da prefeitura? David assinou sozinho a previsão, com caneta hidrográfica azul. O título anunciava “*Previsão do tempo para o primeiro semestre de 1995*”; todavia, o mês de maio apareceu pela metade ao final da folha, e o mês de junho sequer aparece na folha solta, como pode ser observado na Figura 14.

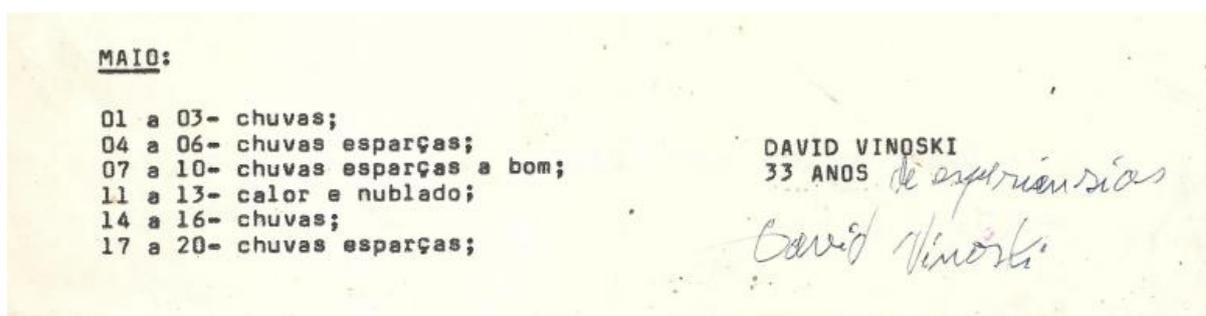


Figura 14 – Compaginação irregular na previsão do tempo datilografada de 1995
 Fonte: Arquivo pessoal de David (1995)

A compaginação irregular demonstrada no primeiro semestre de 1995 desaparece na segunda edição da previsão do tempo datilografada do mesmo ano. O editor organizou de maneira tabelada e alinhada os descritores climáticos (“calor”, “variável”, “bom”, “instável”, “chuvas esporçãs” e “incoberto”). Algumas palavras surgiram grafadas de maneira ortográfica incorreta, como “*esporçãs*” e “*incoberto*”. Embora muito comum na escrita manuscrita de David, os erros ortográficos na versão datilografadas pelo editor aparecem nessa edição pela primeira vez; o editor também esquece de colocar o ano de 1995, e o agricultor adiciona a informação com caneta azul e assina a autoria solo dessa previsão do tempo.

Apenas a segunda edição da previsão do tempo datilografada de 1996 está conservada pelo agricultor; nela os descritores climáticos (“bom”, “calor”, “instável”, “fresco”, “vento”, “algumas chuvas” e “neblina”) estão organizados e bem alinhados. Os nomes dos meses foram sublinhados, a fim de destacar a palavra no texto. David

novamente assina a previsão do tempo; o irmão Alexandre não é mencionado. Logo abaixo do espaço para a assinatura do agricultor, o editor inseriu o endereço do autor das previsões do tempo: “*Capela da Pompéia- Vista Alegre do Prata*”.

A previsão do tempo de 1997 foi dividida em duas folhas de papel soltas, uma para o primeiro semestre e a outra para o segundo semestre, ambas datilografadas. Entre as semelhanças temos a inserção da foto de David, quando candidato a vereador em 1992, de terno e gravata, com rosto levemente virado para a esquerda. O que a inserção da imagem na previsão do tempo representaria para o agricultor? E para os leitores? Os descritores climáticos (“bom”, “nublado”, “chuvas”, “nuvens”, “calor”, “elevação” e “trovoadas”) foram utilizados em ambas as edições. Os irmãos David Vinoski e Alexandre Vinoski foram mencionados nos cabeçalhos das duas edições das previsões meteorológicas.

Nas duas edições das previsões do tempo datilografadas de 1998, David apareceu mencionado como único autor dos escritos. De caneta esferográfica azul acrescentou sobre a folha datilografada “*a 36 anos fazendo a previsão com 80%*”, intentando demonstrar aos leitores o longo tempo que sustenta a escrita meteorológica e o percentual de acertos de suas aferições. Os descritores climáticos (“chuvas”, “relâmpagos”, “trovoadas”, “bom”, “calor” e “estável”) estavam organizados e alinhados na folha solta.

Nas duas edições de 1999 das previsões do tempo, que marcam o final das previsões do tempo produzidas pela máquina de escrever, os descritores climáticos (“estável”, “calor”, “chuvas”, “vento”, “neblina” e “trovoadas”) estão organizados e bem alinhados. Como o editor não sublinhou os nomes dos meses como nos anos anteriores, David utilizou-se de uma caneta esferográfica vermelha para realizar os destaques. Nas duas edições desse ano, os irmãos Vinoski assinaram conjuntamente pelas previsões do tempo. David também acrescenta de maneira escrita o nome da cidade onde residem e o dizer “*previsão proverbio dos velhos*”.

O que serve de destaque é que, mesmo depois do rascunho ser transformado em um documento datilografado, digitado, impresso e fotocopiado, David costumeiramente acrescenta de forma manuscrita, depois das cópias prontas, novas informações e/ou observações no novo suporte. Por exemplo, na previsão de 1989, completa ao final da página “*David Vinoski Vista Alegre do Prata RS*”; já na edição de 1992, sobre seu nome faz um anúncio “*rumo a verliador*”; na segunda edição de 2001, acrescenta ao lado de “17 a 20 (julho) bom com elevação”: “*19 chuvas jamais vista*”.

inxente”; e também aproveita o espaço sobrando ao final da primeira edição da previsão de 2019 para anotar “4813 *Treviso Guaporé*”.

As escritas manuscritas são realizadas sempre com canetas esferográficas, geralmente da cor azul; entretanto, canetas pretas ou vermelhas também foram utilizadas. Entre as ações realizadas, temos: completar informações da previsão do tempo nas folhas impressas ou datilografadas, ou seja, nas fotocópias, corrigindo informações eventuais; acrescentar fenômenos mais complexos; anunciar outros assuntos não relacionados à previsão do tempo; sublinhar títulos ou subtítulos; e ainda anotar telefones ou outras informações relevantes para o seu cotidiano. Na Figura 15, é possível observar algumas interferências realizadas com as canetas nas previsões do tempo que foram produzidas e editadas de maneira datilográfada e também digitada, aqui na sua forma de fotocópia.

<p><u>11 - NOVEMBRO</u> 1 a 4 - bom 5 a 8 - estável 9 a 13 - chuvas 14 a 17 - bom 18 a 21 - algumas chuvas 22 a 26 - variável 27 a 30 - bom</p>	<p><u>12 - DEZEMBRO</u> 1 a 3 - variável 4 a 8 - bom e calor 9 a 13 - variável 14 a 17 - estável 18 a 22 - chuvas e trovoadas 23 a 26 - chuvas esparsas 27 a 31 - estável</p>
--	--

SR. DAVID VINOSKI - LINHA BENTO GONÇALVES. (27 ANOS DE EXPERIÊNCIA)

David Vinoski Vista #legu do Mata RS

PREVISÃO DO TEMPO

SEGUNDO SEMESTRE DE 2001

ISTO É PROVÉRBIOS DOS VELHOS
FEITO PELOS IRMÃOS DAVID E ALEXANDRE VINOSKI À MAIS DE 30 ANOS
ACERTANDO EM MÉDIA DE 65% A 73

JULHO DE 2001
1^a 4-BOM E NUBLADO
5^a 8-BOM COM NEBLINA E FRIO;
9^a 12-VENTO E NUBLADO;
13^a 16-ELEVAÇÃO E CHUVAS;
17^a 20-BOM COM ELEVAÇÃO;
21^a 24-ESTÁVEL E VENTO;
25^a 28-BOM;
29^a 31-INSTÁVEL

AGOSTO 2001
1^a 3-INSTÁVEL A FRESCO;
4^a 8-ELEVAÇÃO COM UM POUCO DE NEVE;
9^a 12-BOM COM NUVENS FRESCO E VENTO;
13^a 16-ALGUMAS CHUVAS E CALOR;
17^a 20-ESTÁVEL E CALOR;
21^a 24-BOM;
25^a 31 -ESTÁVEL.

SETEMBRO 2001
1^a 4-ESTÁVEL;
5^a 8-ESTÁVEL E CALOR;
9^a 12-ALGUMAS CHUVAS E VENTO;
13^a 16-BOM COM NUVENS;
17^a 20-ELEVAÇÃO, TROVOADAS E CHUVAS;
21^a 24-INSTÁVEL E CALOR;
25^a -BOM COM NUVENS.

29 chuvas jamais Vista in xant



David Vinoski

Figura 15 – Escritas à caneta nas previsões datilografadas e impressas
Fonte: Arquivo pessoal de David (1989, 2001).

Além de aproveitar alguns espaços não ocupados das páginas, David costuma reaproveitar o verso da previsão do tempo datilografada ou impressa para realizar a escrita manuscrita da previsão do ano seguinte. Das 42 edições (datilografadas + impressas), em 13 delas os versos foram aproveitados para a escrita do ano posterior. Na edição do primeiro semestre de 2011, David utilizou o verso para outras duas funções diferentes: na primeira parte da página, escreveu um verso para os netos Leonardo e Eduardo, filhos de sua filha mais velha:

[...] vou fazer ums vercinhos para os meus netinhos o Leonardo i o Dodozinho- o mais grande trabalha no aviário i trata os ternerinhos- i o mais pequeno rola bastante i toca o violonzinho i canta alguns vercinhos- a muzica que, ele gostas deo muita fama- parece que estou erado do Leo Santana-

amar não é pecado- o nono i a nona gosta dos netinhos cuando se abraça com carinho i se da beizinho i cuando obedece â mamae i o papaizinho- i mais uma coisa se alembrar cuando vai se levantar i tambem cuando vai deitar para a santinha sempre rezar- i que a nosa Sra Aparecida as queriancinhas todas abençoar (DAVID, 2011).

A produção de versinhos rimados no diminutivo com questões cotidianas dos familiares (netos) circunscreve-se numa demonstração de carinho do autor pelos membros da família. Do mesmo modo, demonstra intensa relação com a religiosidade, ao avisar aos netos, por meio da escrita, da importância de fazer orações pela manhã e pela noite para assim serem abençoados pela “nossa Sra Aparecida”, representação da mãe de Jesus Cristo na Igreja Católica. A segunda metade da página não é ocupada pela escrita; somente ao final da página, seis números são anotados, ao que tudo indica são os números a serem apostados na Mega-Sena, são eles: “08, 18, 21, 30, 48 e 49”.

As duas escritas, embora distintas, registram um modo de viver a vida no cotidiano rural, um modo de produzir a escrita, balizado pelo aproveitamento das folhas soltas como suportes de algo que não deve ser esquecido. Na Figura 16, é possível observar na íntegra o verso da primeira edição da previsão de 2011.

Vou fazer uns versinhos para os Meus
 Netinhos o Leonardo e o Dodézinho os Meus
 grandes trabalha no Funicario; trata os temerinhos
 e mais pequeno Sola bastante
 e toca o violonzinho e canta alguns ~~versinhos~~
 versinhos a musica que ele gosta de muita fama
 porque que esta erado do Leo Santana #mas
 Nô e pela do O Nono e a Nana gosta dos
 Netinhos quando se abraça com carinho e
 se da Beizinho e quando obedece a Mamma
 e o Papaizinho e mais uma coisa a
 sempre se lembra quando vai se levantar
 e tambem quando vai deitar para a Santinha sempre
 Bezar e que # Nossa Sra # porcida ^{vers 3}
 Ho quoniam simlos todos # ben soar

08-18 21-30-48-49

Figura 16 – Escritas no verso da previsão de 2011
 Fonte: Arquivo pessoal de David (2011).

As edições elaboradas pelo editor trazem uma novidade impossível aos manuscritos: as fotos. No ano de 1990, David experimenta grampear uma fotografia

3x4 dele, quando era jovem, no lado direito do cabeçalho de uma previsão datilografada daquele ano, para que, na cópia, a previsão possa sair com sua fotografia. Passados sete anos, volta a experimentar o uso da imagem nas previsões: cola um recorte de um panfleto de quando foi candidato a vereador do município na previsão do tempo datilografada de 1997. David lançou-se candidato a vereador no ano de 1992; a informação é comprovada pelo panfleto que guarda junto às previsões do tempo, indicado na Figura 17, a seguir. O recorte colado por David na edição datilografada do primeiro semestre de 1997 passa a ser bastante utilizado pelo editor na elaboração das previsões seguintes.

Foi inserido pelo editor nas edições do segundo semestre de 1997, na edição datilografada de 1988, nas duas edições datilografadas de 1999, na primeira edição digitada de 2000, nas duas edições digitadas de 2002, na edição digitada de 2004, na edição digitada de 2007, na edição digitada de 2011 e pela última vez na edição digitada do segundo semestre de 2021. O recorte mostra o rosto de David virado para a esquerda; ele veste terno, camisa branca e gravata. Essa mesma fotografia, aproveitada do panfleto eleitoral, apareceu em 14 edições das previsões do tempo veiculadas aos leitores do agricultor.

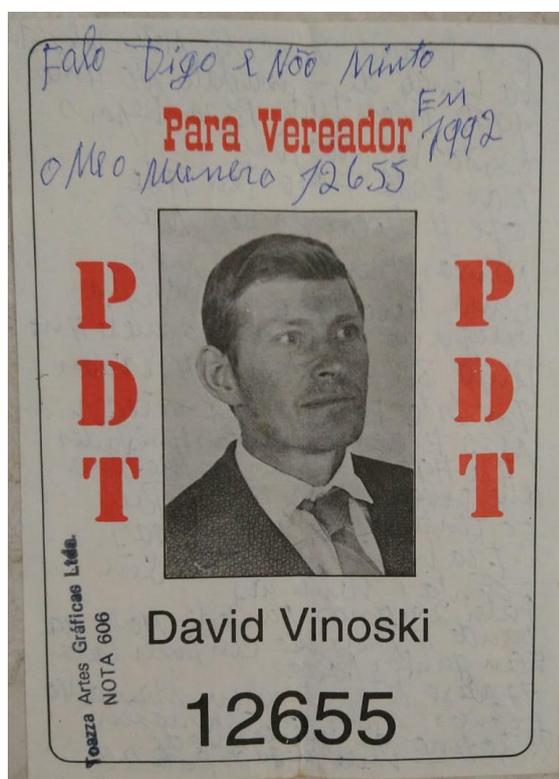


Figura 17 – Panfleto eleitoral da candidatura de David, em 1992

Fonte: Arquivo pessoal de David (1992).

Em outras edições, novamente o uso de fotos voltou a acontecer: na edição de 1998, a foto 3x4 do documento de identidade do agricultor é a que foi anexada ao final da página da previsão datilografada; na edição digitada de 2010, novamente David aparece numa foto de terno e gravata, mas, dessa vez, está de frente, e não de perfil, como anteriormente. A foto é utilizada em oito edições, sendo elas: 2010, 2013, 2014, 2015, 2017/1, 2021 e as duas edições de 2022.

Em outras cinco ocasiões, David escolheu uma foto com idade mais avançada, vestindo blusão de lã e uma camisa social: nas duas edições de 2012, no ano de 2016 (única foto colorida), na segunda edição de 2017 e na edição de 2018. Especialmente nas edições de 2017/2 e 2018, o editor inseriu a imagem da Sagrada Família e a imagem de Nossa Senhora do Trabalho, respectivamente.

A crescente ampliação dos suportes para a realização do ato de escrever, com o passar dos anos, possibilitou utilizar estratégias como a foto inserida na forma de edição com o uso da máquina de escrever – colocar a foto na folha datilografada para depois realizar as cópias e, assim, reproduzir texto e fotografia de quem realizou a previsão do tempo –, um recurso qualificado para a época, diferente dos dias de hoje, em que é possível produzir a impressão já com texto e imagens. Entretanto, nem sempre foi assim. As dificuldades de acesso tanto aos suportes como aos instrumentos utilizados para a escrita foram evidenciadas em estudo das pesquisadoras Frade e Galvão (2016). Utilizando-se de depoimentos de antigos alunos, perceberam que, na ausência do caderno para a escrita escolar, parte dos sujeitos investigados improvisava suportes para a escrita, por exemplo: utilização de folhas de bananeira, confecção e costura de cadernos de papel pardo, entre outros.

David utilizou diversos suportes para a escrita dos rascunhos, demonstrando um maior uso para folhas de papel soltas e disponíveis em sua casa. Quando a escrita é datilografada e digitada, entra em um padrão de suportes ao ser impressa e depois fotocopiada. Todavia, manuscritas, datilografadas ou digitadas, as escritas da previsão do tempo são importantes documentos para o estudo da cultura escrita.

Dessa forma, questionei-me: o que indicam os suportes, os instrumentos e as materialidades das folhas soltas contendo previsões meteorológicas produzidas pelo agricultor gaúcho de pouca escolaridade? Diante disso, elaborei um grupo de questões para adentrar na análise dos materiais. As questões elencadas foram: (i) de que forma são escolhidos os suportes para a escrita?; (ii) Há uma diversidade de suportes?; (iii) O que essa existência/inexistência representa no processo de

produção ao longo dos 56 anos de escrita das previsões do tempo?; (iv) Quais características da escrita podem atribuí-la como escrita de “pessoas comuns”?; (v) Quais os instrumentos de escrita utilizados por David?; (vi) O que eles representam?; (vii) Que alterações acontecem na escrita quando o documento passa do manuscrito ao digitado?; (viii) Existe uma relevância social nessa troca?; (ix) E o que ela representa para o agricultor?; (x) O que podemos dizer sobre a participação do irmão Alexandre pelas marcas deixadas em alguns documentos?; (xi) Que razão explica as anotações de outra ordem que David faz nas previsões?; (xii) A falta de espaçamento na escrita manual indica alguma coisa?; (xiii) Qual a mensagem da imagem (foto) do agricultor anexada em algumas previsões?; (xiv) O que explica a mudança dos termos e do cabeçalho ao longos dos anos?; (xv) Por que David usa os versos da previsão do ano que já passou para escrever manualmente a previsão do ano seguinte?

Relembrando o que diziam Galvão e Lopes (2010, p. 78):

O documento em si não é história, não faz história. São as perguntas que o pesquisador tem a fazer ao material que lhe conferem sentido. Enquanto houver perguntas, o material não estará suficiente explorado. Nesse sentido é que se diz que uma fonte nunca está esgotada e que a história é sempre reescrita.

A inteligibilidade dos documentos depende de fatores como o contexto de produção, o contexto de circulação, as categorias da escrita, as perguntas feitas para os manuscritos, os testemunhos colhidos em entrevistas e a operação historiográfica procedida pelo pesquisador. Um processo que também passa por contradições, por isso a análise documental precisa ser cuidadosa e ética.

Constituído o grupo de questões elencadas a partir da descrição dos materiais, chega a hora de definir as categorias de análise, ou seja, os temas que remetem para as respostas acerca do objetivo e da pergunta da pesquisa, e verificar quais são os usos e as funções da escrita, analisando os sentidos atribuídos na produção de previsões do tempo realizadas por um agricultor com pouca escolaridade

Na produção, cabe observar os processos de escolha do papel para a escrita, a escrita manuscrita, as marcas deixadas no papel, os espaçamentos, as letras, a organização, a escrita do irmão Alexandre, os instrumentos utilizados e a decisão de levá-la até a prefeitura para ser digitada. Em seguida, observaremos o papel do editor, a reescrita em novo suporte e com novo documento, a nova organização do texto e a relevância social do processo.

Na circulação a discussão permeia os espaços em que as previsões meteorológicas foram distribuídas e qual é a escrita que é legitimada por David, ou seja, qual escrita pode circular socialmente. Por fim, o que e como David endereça aos leitores com as escolhas que faz ao compor a previsão do tempo nas folhas soltas.

3 A PRODUÇÃO E A CIRCULAÇÃO DAS PREVISÕES DO TEMPO

“Quem fala em assinar fala em selar”
(PAMUK, 2013, p. 57).

O presente capítulo está dividido em duas seções. A primeira tratará dos meios de produção das previsões meteorológicas, pensando nos suportes de escrita, nos instrumentos de escrita, nas motivações e nas estratégias envolvidas no ato de escrever realizado por um longo tempo por David Vinoski. A segunda seção trata do papel desempenhado pelo editor das previsões do tempo, das mudanças procedidas nos suportes e no texto, além de abordar a circulação das previsões do tempo e suas intencionalidades. Dessa forma, busca-se compreender quais são os usos e as funções da escrita analisando os sentidos atribuídos na produção de previsões do tempo pelo agricultor de pouca escolaridade.

3.1 SUPORTES, INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS DE ESCRITA NA PRODUÇÃO DAS PREVISÕES DO TEMPO

O processo de produção da escrita nas folhas soltas é atravessado por fatores decisivos na sua constituição. Alguns aspectos definem a escrita de David como uma escrita específica: advinda de um saber oralizado e realizada no meio rural. Os fatores processuais, elaborados pelo trabalho do editor, colocam-na num lugar diferenciado: em circulação, como uma potente participação nas culturas do escrito.

Godoy (2006) realizou sua pesquisa analisando elementos da produção de previsões do tempo de seu avô. Embora seja bastante curioso encontrar pontos similares no estudo dela e no que aqui desenvolvo, citar as diferenças é primordial para compreender como a prática escrita de David é distinta.

Na pesquisa de Godoy (2006), o senhor Joaquim¹¹ é detentor de uma estação meteorológica própria, com aparelhos para a aferição das observações do clima; já o

¹¹ Joaquim Sampaio de Ferraz construía com a escrita uma imagem de si mesmo, a fim de que, na posteridade, fosse lido pelos familiares. Outros assuntos abordados foram: preocupações com a saúde, os partos da mulher, a infância, as crianças, procedimento em relação aos cuidados que deveriam ser tomados, código de conduta quanto aos aniversários que deveriam ser lembrados, aos casamentos e às mortes que deviam contar sempre com a presença e a solidariedade do autor. Joaquim estudou fora do país, o que explica parte de seus diários estarem escritos em inglês. Ao retornar ao Brasil, foi por um tempo diretor do Instituto de Meteorologia do Rio de Janeiro, mas desgastou-se no setor e mudou-se para a empresa Light, na qual analisou as previsões climáticas para as barragens e também fez prognósticos da seca no Nordeste brasileiro. Ainda em vida,

agricultor David escreve sua previsão por meio do conhecimento popular; Joaquim observa diariamente o tempo, David faz em 12 dias do ano as especulações para todo um ano; Joaquim tem formação acadêmica (Engenharia Civil) e sempre teve contato com a leitura e a escrita, David estudou até a quarta série, e os materiais para leitura e escrita no meio rural são mais escassos; por fim, David produz escritas de pessoas comuns, que, segundo Castillo Gómez (2003a, p. 227), são definidas pela classe social e são consideradas “*escrituras del margen*” por alguns motivos:

1) La necesidad de dar cabida a la voz y el testimonio de muchas personas que, a menudo, se sitúan en los umbrales de la sociedad; 2) Las peculiaridades de una competencia escrita que suele mover entre lo oral y lo escrito; y 3) La vocación de punto de confluencia de distintos enfoques disciplinares y metodológicos (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 227).

Assim, sempre devemos ter em mente que os lugares ocupados pelos atores sociais e pelos objetos não são os mesmos dentro de uma mesma sociedade. Pensando nos agricultores, eles contribuem por meio de suas escritas e leituras para desmistificar que na zona rural não se lê ou não se escreve (THIES, 2008). Contudo, as formas de relação com a cultura escrita no referido contexto não são as mesmas que nas zonas urbanas. Na zona urbana existe uma maior necessidade e presença do código escrito; ali o acesso à cultura escrita é facilitado pelos espaços escolares e de letramento, pelas necessidades dos ofícios e pelos eventos que se utilizem da palavra escrita. O contexto rural geralmente é marcado pela oralidade, fazendo com que, para o uso do código escrito, os sujeitos rurais se desloquem de suas casas ou criem estratégias e motivações específicas e particulares para leitura e escrita.

Primeiramente, o elemento que assinala o processo de escrita das previsões do tempo de David é a escassez. Mas falta de quê? Falta de dois elementos fundamentais quando se procede ao ato de escrever: (i) os suportes para a escrita e (ii) os instrumentos para escrever.

Castillo Gómez (2020) aponta que as escritas das pessoas comuns podem adotar uma pluralidade de suportes e formas. David apresenta-nos suportes de escrita em papel, especialmente reaproveitados em versos de outros materiais escritos disponíveis em sua casa, entre eles: pôsteres, propaganda eleitoral, calendário, notas fiscais de produtos do campo, extratos bancários e principalmente no verso das

conseguiu enviar para os filhos trechos de seus escritos, que considerava “presentes para serem lidos” (GODOY, 2006).

previsões do tempo de anos passados e já desatualizadas para a distribuição aos leitores. Outros suportes improvisados pelo mundo, por exemplo, são as folhas de bananeira¹² utilizadas como rascunhos em Frade e Galvão (2016) e o uso do interior de um baú¹³ e um lençol¹⁴, conforme a discussão de Castillo Gómez (2020). Percebe-se claramente, tanto pelos exemplos como pelas escolhas de David, que, para as pessoas comuns, sujeitos escreventes, é mais importante o ato da escrita e sua função (para o quê se escreve) do que o suporte em que nela o escrito é depositado.

Tradicionalmente algumas profissões exigem formações específicas de leitura e escrita para a contratação e o exercício da profissão; a agricultura por sua vez exige o domínio de saberes específicos, como: assinar notas de produtos, manusear o talão de produtor rural, ler as instruções dos sacos de sementes, verificar os milímetros de chuva de um pluviômetro e acompanhar as previsões do tempo. As situações elencadas fazem parte do ofício que David e Terezinha exercem na agricultura; também servem como um ilustrativo modesto das práticas de leitura e escrita que executam diariamente. O desempenho do ofício faz com que muitos sujeitos leiam e escrevam, ampliando suas participações nas culturas do escrito. Não é o caso de David. As escritas específicas produzidas por ele em folhas soltas não têm uma ligação direta com seu ofício. Embora indiretamente a relação das chuvas seja um demonstrativo importante para seu ofício, a motivação principal da escrita é outra: ser reconhecido como meteorologista no pequeno município. A escrita das previsões meteorológicas não obriga o autor ao uso de um suporte específico, por isso os suportes são tão diversos, eles dão conta da função que David lhes atribui: receber de forma manuscrita a previsão do tempo, que só depois irá ser fixada em seu suporte oficial para circulação.

As folhas soltas oferecem um atrativo para serem eleitas como o suporte do rascunho de produção da previsão do tempo: não é necessário o investimento financeiro para a compra de novos suportes para a escrita. Disponíveis dentro da casa

¹² Socorro, mulher mineira que estudou numa escola urbana em 1930, contou às pesquisadoras em entrevista que utilizava em casa folhas da bananeiras como rascunho para a escrita, para economizar folhas do caderno, que eram raros, caros e possuíam poucas folhas. Também disse lembrar-se de que o avô, professor rural, utilizava as folhas de bananeira como suporte de escrita.

¹³ Antonietta Angela Bonatti Procura escreveu uma breve memória na parte interna de um baú em meados de 1915, na Itália, onde ocorria a Segunda Guerra Mundial. Escrito a lápis, num italiano dialetal e cheio de incertezas, o suporte de escrita é conservado no *Museo Storico Italiano della Guerra de Rovereto*.

¹⁴ Em 1972, Clelia Marchi inicia sua escrita autobiográfica em um lençol, motivada pela solidão após a morte do marido. Mulher do campo, escreve com letra espremida, num italiano cheio de reminiscências orais, básicas e dialetais, utilizando-se da prática para superar a dor e a insônia.

do agricultor, elas oferecem uma página em branco, espaço suficiente (ou quase sempre suficiente) para o ato da escrita. Em entrevista David (2021) relevou as motivações para a escolha do suporte ao longo dos anos em que realiza a escrita:

Pra previsão eu usava tipo um calendário do ano 21, vamos dizer, para o ano 22. Que nem tem um rascunho do ano 75 que ta escrito [escrita] a previsão do ano 76, é o mais velho que tenho guardado, e era um papel da Semana da Pátria. Costumava assim, do calendário assim, outros também e mais adiante começou pegar essas folhas aí, até no caderno escrever e indo pra frente assim.

Escrever no caderno é um lugar de distinção para o autor, não pertencente à normalidade de sua prática cultural. O excerto “*até no caderno escrever*” demonstra um avanço, um lugar privilegiado atingido, muito provável que seja porque o caderno foi uma criação para ser usada na escola. Frade e Galvão (2016, p. 314) esclarecem que o lugar ocupado pelo caderno é “um lugar de distinção, em consequência de seu preço, sua raridade e, talvez, do lugar simbólico que possuía em comunidades cujas formas de transmissão e produção culturais eram predominantemente orais”.

Apesar de usar na escola, David nunca utilizou um caderno como suporte de escrita para suas previsões meteorológicas, e as motivações podem ser: de ordem econômica – preço elevado –, de ordem usual – não ter necessidade do caderno quando as folhas soltas eram suficientes – e de ordem simbólica – o suporte caderno é usado em primazia na cultura escolar, por isso simboliza um avanço, um prestígio, um privilégio. Em 1996 as duas folhas (quatro páginas) soltas de um caderno pequeno foram utilizadas como rascunho para a escrita da previsão do tempo; coincidência ou não, elas são uma das previsões conservadas e salvaguardadas pelo agricultor há 26 anos.

Os cadernos escolares, segundo Hébrard (2001), ordenam o tempo e o espaço da escrita, principalmente da escrita escolar, lugar em que são amplamente utilizados. O uso desse suporte de escrita pressupõe uma competência técnica do saber gráfico “para os que já têm a mão mais treinada” (HÉBRARD, 2001, p. 117). As folhas soltas de papel permitem que David faça diversos aproveitamentos e usos pelo suporte do material, sem o compromisso gráfico escolar, criando uma relação simbólica na escrita das folhas de papel, que se alinham ao que ele quer escrever, aproveitando-se de espaços em branco, das margens e, se necessário, do verso da folha. O suporte

utilizado para a escrita das previsões do tempo aproxima-se mais da lógica do pensamento, já que impõe menos mecanismos de controle de ordens gráficas.

Os instrumentos de escrita passam por uma lógica parecida com o que acontece com os suportes, uma lógica de escassez. A escassez não aponta para a não existência de instrumentos de escrita, mas para um número pequeno de opções disponíveis que podem ser observadas nas escritas dos rascunhos das previsões.

Previsão 1999 que seja um feliz Ano Novo
 1- Janeiro - 1o 3 Bom 4 a 7 instavel 8 a 11 com 2 ventos
 12 a 14 Bom com nuvens 15 a 18 instavel á vento.
 19 a 22 calor com elevação 23 a 26 Bom calor 27 a 3
 Bom - instavel.
 2 Fevereiro 1 a 3 instavel 4 a 7 algumas chuvas

Figura 18 – Marcas do uso dos instrumentos de escrita 1
 Fonte: Arquivo pessoal de David (1999).

Na previsão de 1999 (Figura 18), observamos que, ao escrever “1- Janeiro- 1 a 3 bom...”, David tinha utilizado uma caneta esferográfica azul, muito fraca, provavelmente com a tinta acabando, então ela vai perdendo a cor, e o autor não consegue completar a linha da previsão do tempo. A estratégia dele é simples: acabada uma caneta, substitui por outra. Para a continuação da escrita, utilizou uma caneta esferográfica vermelha, seguindo assim até final da página. É interessante observar que o título é grafado também com a caneta vermelha, indicando que é colocado após a escrita do restante do texto. A hipótese é confirmada na previsão de 1990, quando o autor escreveu de maneira amontoada as descrições do tempo e colocou o título apertado sobre o texto, ao finalizá-lo.

22a 20
 104 Bom 5a 8
 com elevador 13a
 22a 23a
 30 Bom
 1a 3 Bom 7a 7 greslo
 9a 12
 17a 20
 25a 27
 28a 31

Figura 19 – Marcas do uso dos instrumentos de escrita 2
 Fonte: Arquivo pessoal de David (2006).

Na previsão de 2006, exposta logo abaixo da edição de 1999 na Figura 19, no mês de abril, o autor teve problemas com a escassez de tinta da caneta azul e improvisou a escrita com um lápis azul. O lápis fez com que o traçado da letra ficasse mais grosso, e o espaçamento entre as palavras fosse maior. Castillo Gómez (2020) nos diz que temos como tendência das escritas das pessoas comuns irregularidades na compaginação do texto, quando pensamos na competência gráfica. O alinhamento irregular é outra característica observada por Castillo Gómez e presente na escrita de David.

Os suportes e os instrumentos utilizados para a escrita dos rascunhos, ao serem analisados, relevam os usos que deles são feitos. Frade e Galvão (2016, p. 303) apontam que eles são “determinantes nos modos de pensar a escrita, nas formas de sua conservação, nos gestos considerados necessários para o seu domínio e nos modos de ensinar e aprender essa tecnologia”. A pouca escolarização de David é o que o leva a escrever de forma não regrada nas folhas soltas e reaproveitadas, ocorrendo uma otimização na escrita com o passar dos anos e o exercício da prática.

Os instrumentos de escrita utilizados por David na elaboração dos rascunhos foram: caneta azul predominantemente, caneta vermelha, caneta preta, lápis preto, canetinha marrom e lápis de colorir azul. Todos eles estão estritamente vinculados aos suportes de escrita, juntos viabilizam a escrita e demonstram que o ato é a prioridade em relação à escolha de suportes e/ou dos instrumentos.

A escassez dos instrumentos de escrita e dos suportes não prejudica a elaboração da escrita manuscrita das previsões do tempo. Entretanto, estes são

fundamentais para demonstrar alguns elementos sobre o seu uso: (i) instrumentos e suportes não são escolhidos, são aproveitados pelo agricultor; (ii) a prioridade é elaborar por escrito as descrições do tempo; (iii) o título pode ser grafado por último, o que não pode é deixar de anotar os descritores meteorológicos do céu (“tempo bom”, “chuvas”, “trovoadas”, “vento”, quantidade de milímetros...), que aparecem em todas as produções manuscritas, datilografadas ou digitadas; (iv) a caneta prolonga a maneira de conservar a escrita, pensando na qualidade dos arquivos salvaguardados e na leitura dos documentos; (v) a escrita oficial que circula entre os leitores e os ouvintes não é a manuscrita, e, sim, a datilografada/digitada, por isso nesse momento os suportes e os instrumentos dão conta do que David pretende com eles, que é produzir o rascunho das previsões; (vi) as folhas soltas são boas opções para David, já que são enviadas uma a uma para serem editadas/digitadas pelo editor, assim não ocorre o risco de todas serem extraviadas ou perdidas (como, por exemplo, se estivessem todas em um caderno), além de não terem custo e estarem disponíveis para o reaproveitamento no espaço rural.

As considerações sobre os instrumentos e os suportes da escrita manuscrita não são as mesmas da escrita digitada. Por isso é importante que apareçam em momentos separados, já que são distintas e detentoras de particularidades específicas nos processos de produção e de circulação. Instrumentos e suportes utilizados nos rascunhos conferem marcas aqui apontadas na produção do material, mas não interferem na circulação após as cópias prontas para a distribuição na comunidade. Ao contrário da escrita digitada, que influencia diretamente no processo de circulação dos materiais escritos.

A periodicidade das previsões do tempo manuscritas passa por um processo de escrita concentrado, do vigésimo quinto dia do último mês do ano até o quinto dia do primeiro mês do ano seguinte. A lua, as nuvens, a prevalência do vento e a incidência do sol, das chuvas ou das trovoadas são observadas, elegendo critérios para que David, por meio da escrita, organize a previsão do tempo completa de um ano todo. Os doze dias de observação geram as previsões para os doze meses que compõem um ano, por isso as observações são divididas em horários específicos para aferição e registro. Ocorre, então, um trabalho intenso de observação, de registro em forma de um primeiro rascunho de previsão mais sucinto, e na sequência uma escrita mais detalhada e periodizada nas folhas soltas, indicando os possíveis

acontecimentos climáticos de um novo ano que começa. David (2021) revelou na entrevista a lógica utilizada na elaboração dos registros escritos:

Olha, não tem como acertar tudo, ainda mais assim, que nós em 12 dias fizemos para 12 meses, né. É muito quebra-cabeça, e vamos dizer assim, né, fica 2 dias sem nuvens vai dar 2 meses de seca? Qualquer coisa: conforme o vento, ou o sinalzinho que dá, nuvem tipo de chuva, a gente coloca de tal até tal dia vai acontecer isso ou aquilo, mais ou menos funciona assim. Mas não é assim tão fácil, porque é do dia do santo Natal, 25 de dezembro, até 5 de janeiro, a gente faz esses 12 dias aí pra ler pra 12 meses depois. É no ano novo vamos dizer assim. Observando mais... um pouco a lua, mas mais é assim, tudo que está presente, né. Vamos dizer assim, no dia do Natal vai valer janeiro, daí se tem nuvem, calor... tem quatro tipo de nuvens, daí, conforme o tipo de nuvem que se apresenta na hora vai chover, depois tal dia, de tal dia a tal dia acontece chuva. Mais ou menos funciona assim, se tem vento também tem que anotar, daí depois vai dar vento, né. Vento aqueles dias, que tá previsto, né, acontece assim. Aí o dia 26 de dezembro vale para fevereiro, 27 para março, e assim vai, quando chega dia 5, já tem pra todo ano novo.

Na narrativa de David está expressa a lógica da organização das previsões que são para todos os meses, seguindo a cada um dos 12 dias de observação, o que ele verifica a cada um dos dias para que a previsão seja produzida. Nos outros 353 dias do ano o agricultor também trabalha na produção das previsões do tempo, mas de outras formas: reescrevendo os materiais, deixando os rascunhos na prefeitura para ser digitados, impressos e fotocopiados, na distribuição das folhas soltas em bares, supermercados, rádios, e na casa das famílias, ou seja, um investimento na circulação da sua produção escrita. Quando convidado, David também participa de reuniões e de programas de rádio, expondo as previsões meteorológicas para a comunidade serrana, especialmente para agricultores, público-alvo dos escritos e que cotidianamente também são os ouvintes das emissoras de rádio. Castillo Gómez (2020, p. 80) nos lembra algo muito importante sobre o devir histórico produzido pelas escritas de pessoas comuns:

Ver-se-á, então, que a escrita, apesar de ser mais habitual entre as classes abastadas e cultas, não tem ficado inteiramente à margem do devir histórico das subalternas. Estas, pelo contrário, são artífices de um importante número de depoimentos, variados quanto às tipologias textuais e distintos em suas motivações.

Uma escrita que tem circulação social na comunidade de pertença pode ser considerada “escrita de pessoa comum”? Sim, porque a escrita que circula socialmente é a digitada, e não a manuscrita, como explicarei a seguir. O motivo

principal de atribuí-la como escrita de pessoa comum são as especificidades que apresentam as escritas manuscritas de David, que me permitem identificá-las como uma escrita popular. São elas: as escassas competências gráficas, o caráter morfossintático, o léxico e a linguagem empregada.

A linguagem empregada pelo agricultor tendencia-se muito mais pelo sentido que expressa o texto do que pelas normas que regulam a língua escrita. Sujeitos das classes populares deslocam-se entre a oralidade e a escrita, entre o alfabetismo e suas muitas faces, e muitos destes, ao operarem o ato de escrever, acabam tendo o primeiro contato com as regras e os limites do código escrito (CASTILLO GÓMEZ, 2020). Normalmente o contexto rural é permeado pelas comunicações orais, o que não significa que façam ao escrever uma “transposição da língua falada”; pelo contrário, ao iniciar a escrita, vão criando estratégias para darem sentidos ao texto que operam, ou seja, à função do texto, mesmo com marcas oralizadas do cotidiano, se faz entender pelo que escrevem, tal como é possível observar na Figura 20.

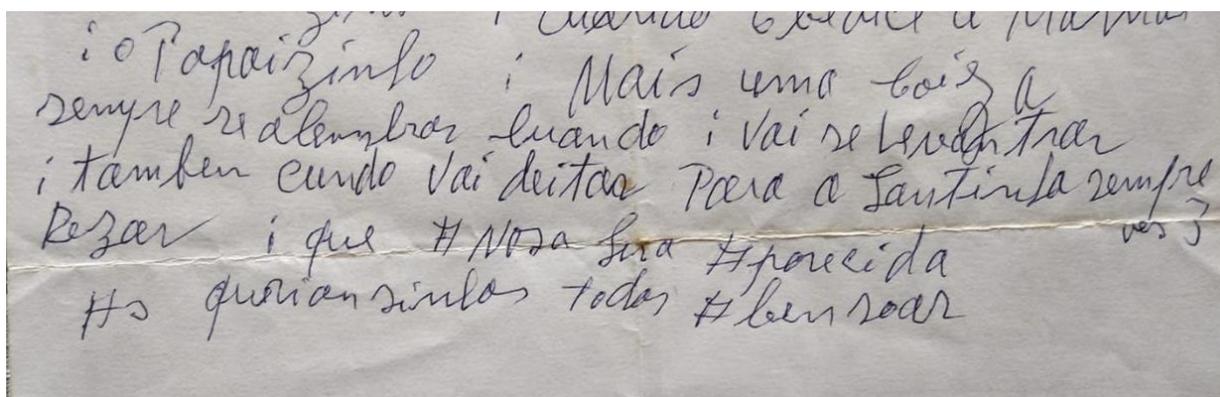


Figura 20 – Trecho do verso escrito aos netos
Fonte: Arquivo pessoal de David (2011).

No trecho pode-se ler “*I mais uma coisa sempre se lembrar quando i vai se levantar i tambem cuando vai deitar para a santinha sempre rezar i que a nossa Sra Aparecida as quriansinhas todas abençoar*”. Embora o excerto escolhido para ser demonstrado na Figura 18 não seja uma previsão do tempo propriamente dita, o versinho composto aos netos foi grafado no verso do suporte e é representativo da linguagem empregada e do léxico.

Nas previsões encontram-se outros diversos exemplos: como a grafia da palavra “velhos”, que normalmente era grafada “*velios*”, ou quando o “*i*” substitui o “*e*”, como no exemplo “*tempo bom i fresco*”, mostrando exatamente que o “*i*” vem da

linguagem oral e acaba sendo grafado assim. Interessante demonstrar essas marcas da escrita das pessoas comuns, que não prejudicam o entendimento na leitura para quem pega o rascunho em mãos. É importante salientar que o leitor que lê a previsão digitada acessa uma escrita mais próxima da norma culta, devido às transformações provocadas pelo editor dos textos manuscritos.

O léxico das pessoas comuns e que são escreventes aproxima-se de interferências dialetais e coloquiais. Se as fontes analisadas aqui fossem as canções compostas contidas nas folhas soltas, teríamos diversos exemplos de interferências dialetais do italiano. As previsões do tempo, todavia, não permitem grandes variações dialetais, porque a tipologia de texto adotada é controlada pela descrição dos acontecimentos climáticos, dentro de um intervalo de tempo, estando nos cabeçalhos ou nos dizeres finais as poucas indicações de interferências coloquiais presentes na escrita do agricultor. Os elementos morfossintáticos (como a falta de pontuação e a aparência de fluxo contínuo) e a competência gráfica, entretanto, indiciam vários pontos analíticos da escrita, como pode ser visto na Figura 21, a seguir.

Previsão do Tempo H.M.O 2015 feita pelo Sr. David Vinícius 52 de Experiência

1 Janeiro - 1a 3 Bom com Nubes 4a 7 Elevação i chuva 8a 11 Estavel; Vento
 12a 15 chuva Espargas 15a 18 calor; trovoadas 19a 22 chuva
 Espargas 23a 26 Bom com Nubes 27a 31 Bom

2 Fevereiro - 1a 4 Estavel 5a 8 chuva i calor 8a 11 calor trovoadas
 13a 15 pouco de chuva i calor 16a 19 trovoadas; chuva calor
 20a 23 instavel Vento 24a 28 chuvas espargas

3 Março - 1a 4 Estavel 5a 8 trovoadas 9a 12 chuvas espargas
 13a 16 Bom com Elevação 17a 20 Bom Nublado 21a 24 chuva
 25a 28 Variavel 29a 31 Estavel calor

4 Abril 1a 4 Estavel Bom 5a 8 Bom + Nublado 9a 12 Estavel calor
 13a 16 chuva forte 17a 20 Bom elevação 21a 23 chuva espargas
 24a 27 Estavel 28a 30 Bom

5 Maio 1a 3 Estavel 4a 7 Bom + Nebulosa 8a 11 calor Estavel 12a 15
 Bom + calor 16a 19 algumas chuvas i calor 20a 24 instavel 25a 28 Bom
 29a 31 Estavel

6 Junho - 1a 4 Estavel Bom 5a 8 garoas 9a 11 chuva 12a 15
 elevação 16a 18 trovoadas 19a 22 Vento garoas 23a 25 Estavel
 26a 30 chuva

7 Julho 1a 3 Estavel 4a 8 garoas 9a 11 chuva
 12a 15 chuva espargas 16a 18 Bom + Estavel 19a 22 chuvas 23a 25
 Bom + Nublado 26a 31 Estavel

8 Agosto - 1a 4 Nublado 5a 8 chuva + Brisa 9a 12 garoas 13a 16 Bom +
 17a 20 chuvas i Vento Brisa 21a 24 um Poco de Sol 25a 28 trovoadas chuva
 29a 31 instavel Brisa

9 Setembro - 1a 3 Estavel 4a 8 garoas + Nebulosa 9a 11 Bom 12a 15 chuva
 trovoadas 16a 19 Bom 20a 23 instavel; Brisa 24a 27 Bom 28a 30 Bom
 31 Bom

10 Outubro 1a 3 Brisa + Estavel 4a 7 elevação 8a 11 Bom calor 12a 15 trovoadas
 16a 19 Bom com elevação 20a 23 Bom calor 24a 27 Estavel 28a 31
 Bom

11 Novembro 1a 4 Estavel 5a 8 um pouco de chuva 9a 13 Bom
 14a 17 calor Estavel 18a 21 calor e Bom 22a 25 pouco chuva
 26a 30 Bom e calor

12 Dezembro - 1a 3 Estavel calor 4a 7 chuva 8a 12 Bom + calor 13a 15 Nubes
 i calor 16a 19 chuva 20a 23 Bom elevação 24a 27 chuva trovoadas
 28a 31 Estavel i calor

2015 i H.enseado 20 16/10/15
 Vms Felis e Santo Natel

Figura 21 – Previsão de 2015
 Fonte: Arquivo pessoal de David (2015).

Ao observarmos especificamente as descrições que o agricultor escreveu dos meses de julho, agosto e setembro desse ano (Figura 22), a forma de escrita de David

demonstra-nos um dos elementos morfossintáticos das escritas de pessoas comuns: a aparência de fluxo contínuo (sem pausas e intervalos na escrita), como é possível observar na linha: “8 Agosto – 1 a 4 nublado 5 a 8 chuva e frio 9 a 12 garoa 13 a 16 bom”. Assim, temos uma demonstração da escassez de pausas, revelada pela falta de pontuação entre os trechos. Embora os descritores “1 a 4”, “5 a 8”, “9 a 12” e “13 a 16” deem uma noção de intervalo de tempo, a falta de pontuação comprova que a escrita do agricultor tem raízes na língua oral, sem intervalo entre uma palavra e outra, uma frase sem intervalo com a outra, e assim sucessivamente.

O trecho ilustrativo serve como exemplo, mas pode ser verificado em todas as previsões manuscritas de David. Na edição de 2019 um ponto-final foi utilizado no título/cabeçalho daquela previsão, mas nunca nos descritores climáticos. Cabe destacar que essas características não impedem a compreensão do escrito, e a aparência de fluxo contínuo desaparece quando é digitada na prefeitura do município.

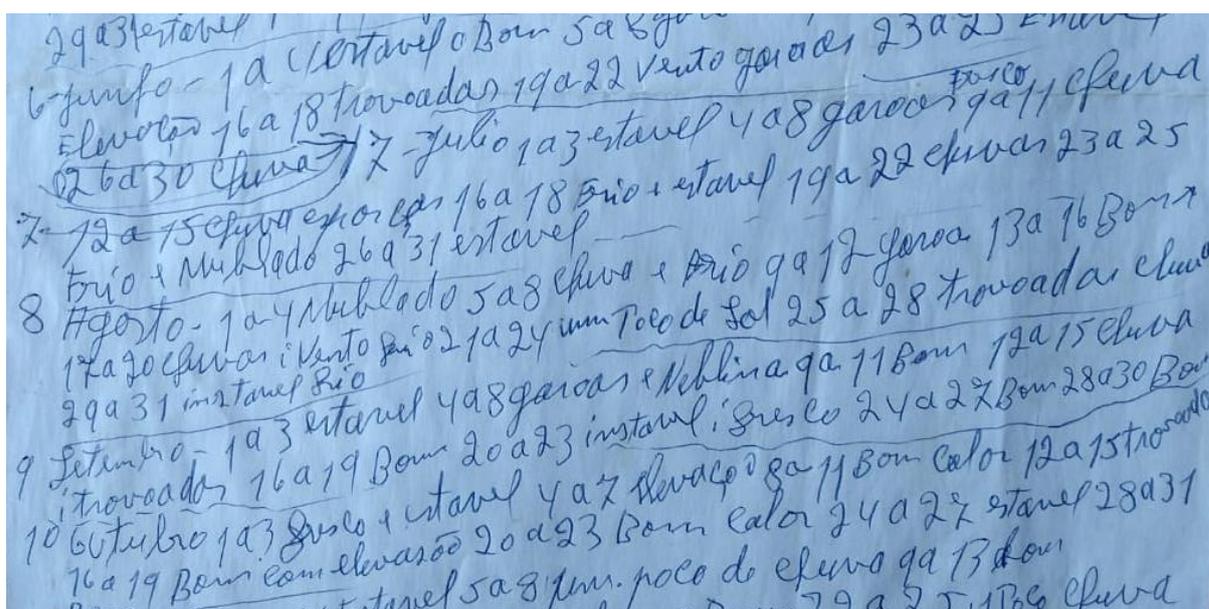


Figura 22 – Previsões manuscritas de julho, agosto e setembro de 2015
Fonte: Arquivo pessoal de David (2015).

Outra tendência presente nos rascunhos manuscritos, envolvendo a competência gráfica, é a dificuldade de respeitar um certo padrão mental e seguir um alinhamento regular na página. Percebemos que o começo da descrição meteorológica do mês de julho começa alguns centímetros depois da normalidade usada, em comparação aos outros meses, justamente pela desorganização espacial da descrição do mês anterior. Também é visível que a escrita parte de um ponto do lado esquerdo da página e não segue uma linha reta horizontalmente, pois as letras

vão inclinando-se até chegarem ao lado direito da página. A competência gráfica, ou a falta dela, demonstra que a ausência de linhas provoca um descontrole de alinhamento típico do suporte em que se registra o escrito e de escritas populares.

David usa uma estratégia para organizar o não alinhamento regular de seu texto: faz com a caneta traços horizontais, dividindo as previsões do tempo por meses. Os próprios traços horizontais que aparecem na grande maioria das edições das previsões do tempo não são regulares; sem o auxílio de uma régua, eles são produzidos manualmente, com o intuito de separar mensalmente as descrições.

Irregularidades na compaginação das previsões do tempo e uso de letras monolíticas (letras em blocos, geralmente juntas e com distinção prejudicadas) são outros dois elementos de competência gráfica. A primeira refere-se a conseguir comportar dentro da página todo o texto de maneira organizada, compreensível, usando um espaçamento mínimo entre palavras e entre as linhas. O autor das previsões sempre teve dificuldades na compaginação do texto, faltava espaçamento entre as palavras e principalmente entre as linhas, gerando um amontoado de palavras; a parte inicial do texto sempre concentrou a maioria dos casos dessa ordem.

As dificuldades de compaginação do texto são marcas da materialidade do suporte de escrita: as folhas soltas de papel. O suporte permite que a escrita seja menos organizada do que, por exemplo, um suporte de escrita com linhas. Assim, David apresenta algumas dificuldades para organizar o fluxo de ideias do pensamento para transposição escrita no papel, justamente as dificuldades de ordem: dos espaçamentos, da compaginação e da organização do texto meteorológico de forma equilibrada, demarcadas ao mesmo tempo a liberdade de como a escrita é distribuída no papel e a dificuldade de controle dela. Chartier (2003) relembra que o estudo de um texto está intimamente ligado às formas que lhe dão sentidos.

David faz a descrição das previsões e deixa um espaço no início da página para inserir o título e o cabeçalho; por vezes quer escrever um cabeçalho maior e acaba agregando as frases. Entretanto, o problema de compaginação (distribuição do escrito na folha) aconteceu também no final da página na edição de 1999.

Naquele ano o agricultor utilizou letras com traçado grande, outra característica da ausência de competência gráfica, e acabou ocupando toda a página com as descrições das previsões do tempo de janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro, faltando espaço para a escrita da descrição do mês de dezembro, de alguns dias de novembro e para as mensagens

que costumeiramente deseja aos leitores no final do ano. Estrategicamente, buscando solucionar o problema da compaginação do texto, David recursivamente aproveita o suporte da folha solta, ou seja, usa seu verso para conclusão da escrita, como pode ser observado na Figura 23. O verso daquela previsão manuscrita de 1999 comportava a previsão digitada de 1998, portanto, já desatualizada, mas que serviu para as anotações de forma manuscrita.

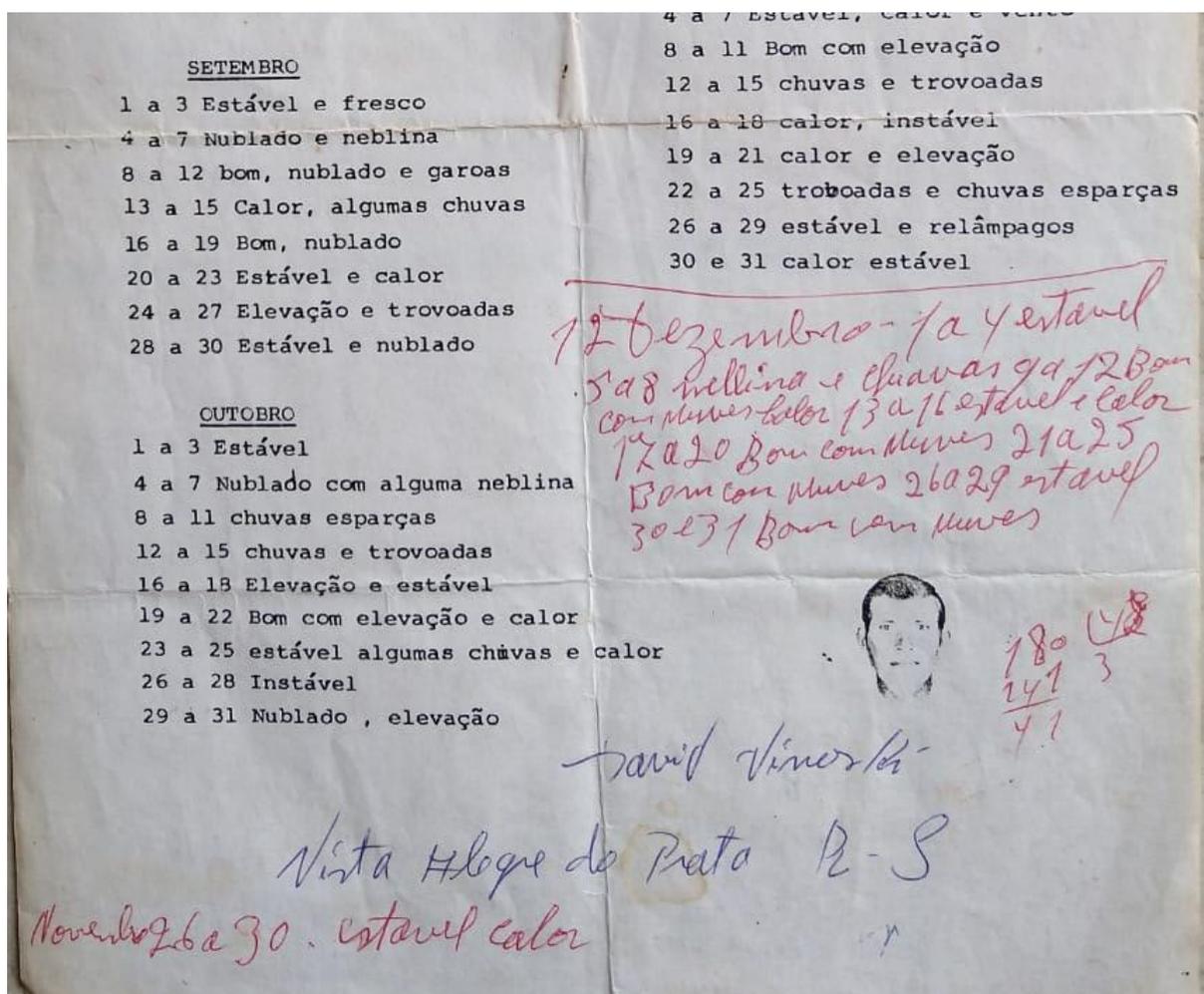


Figura 23 – Uso da folha para a escrita manuscrita
Fonte: Arquivo pessoal de David (1998).

A utilização da folha solta de papel permite que o agricultor faça esses aproveitamentos, demonstrados na Figura 23, e utilize-se do suporte de maneira mais livre, aproveitando o papel sem o compromisso gráfico escolar de “ordenar, classificar, repertoriar e indexar” próprios de um caderno, por exemplo (HÉBRARD, 2001, p. 137). Essa relação da produção do manuscrito, utilizado por David como um rascunho, o deixa livre para escrever sem a preocupação do que os leitores vão julgar, pois o

processo ainda não está finalizado e passará pela edição, mudando a forma de produção do novo suporte.

A competência gráfica das classes populares, como é o caso de David, tendência a escrita para: incapacidade de um traço contínuo de letras, alinhamento irregular, traço inseguro, dificuldades na compaginação do texto e uso de letras monolíticas (CASTILLO GÓMEZ, 2020). Os rascunhos com as previsões do tempo manuscritas contêm a maioria dos elementos apontados, exceto o traço incontinuo de letras e o traçado inseguro. O efeito provavelmente seja o resultado da experiência de elaborar por escrito durante 59 anos as previsões do tempo sobre as folhas soltas de papel.

A linguagem utilizada, o léxico, as competências gráficas e o caráter morfossintático são alguns dos elementos possíveis para analisarmos as culturas do escrito pelo mundo, que mesmo com esses conhecimentos escassos não impedem a produção de David. Ao debruçarmo-nos sobre os materiais escritos do agricultor, surgem elementos sinalizadores das materialidades dos documentos, revelando como a prática escrita é elaborada, quais são suas dificuldades e as soluções que o próprio autor opera na resolução dos problemas. Constatamos o aprimoramento da escrita de David, escrevendo continuamente, demonstrando estar mais seguro diante de seu suporte de escrita (as folhas soltas) e com o instrumento de escrita em mãos.

Esse grande tema da produção das previsões do tempo de David continua a manter as inquietações da pesquisa: quais são as motivações do início e as da continuidade do ato de escrita, bem como os sentidos atribuídos à prática escrita para o agricultor? Ao considerarmos as práticas de escrita não escolares de David, primeiro estas se mostram relevantes devido à longa produção; em seguida, constatamos a variedade e a riqueza que caracterizam essa prática para a cultura escrita; por fim, como pesquisadores, precisamos situar a prática socialmente para demonstração da relevância do estudo e da produção científica.

Assim, o uso, a produção e a função dos manuscritos demonstram pouca dependência em relação às normas que regulam a língua escrita, mas há uma intensa necessidade de escrever. Portanto, aproxima-se, na análise, muito mais de uma verificação dos seus sentidos (a partir do uso e da função) do que só classificarmos determinado documento e observarmos regras de escrita. As folhas soltas de David dizem tanto pelo conteúdo nelas grafado como pelas materialidades. Com o intuito de

contemplar as análises, o uso da entrevista semiestruturada contribuiu para o destaque das intencionalidades da produção, como neste trecho:

Bom, eu comecei depois que parei de ir na aula, foi no ano 1964. Assim o vô falava, né, que as previsões do tempo ele segurava tudo na cabeça porque não sabia escrever, né, assim, mentalizava mês por mês e depois lembrava. Por exemplo, pessoal vai chover mais agora, mais depois, ou dá frio agora, ou mais tarde. E daí, eu, por ser curioso, e por não esquecer aquele pouco que aprendi na escola, vamos dizer assim, daí eu comecei a escrever (DAVID, 2021).

As comunidades rurais são marcadas por práticas oralizadas, e o avô de David, que era analfabeto, importava-se com as análises dos fenômenos climáticos, fator decisivo para quem trabalha na lavoura. No entanto, era incapaz de registrar de maneira escrita suas aferições, devido à sua condição de analfabeto, então memorizava os acontecimentos e transmitia-os de maneira oral. O aprendizado da observação dos fenômenos climáticos é atribuído a David por uma suposta prática aprendida pelo avô no país de nascença: “*Vem lá do provérbio dos velhos, né, previsão do tempo que o vô veio lá da Polônia, né, e trouxe de lá pra cá*” (DAVID, 2021).

Ao observar o avô compartilhando socialmente as previsões do tempo oralizadas, David aproveita-se da condição de alfabetizado para elaborar uma estratégia que viria a tornar o saber cultural: a escrita das previsões do tempo no papel. David revelou: “*E eu pra não perder essa história do vô, comecei a escrever quando eu parei de ir na aula, como eu falei, né, daí comecei a escrever*” (DAVID, 2021). A ação realizada por David resultou em algumas funções no terreno individual e social: (i) a condição de alfabetizado para preservar o saber oralizado do avô, detentor de um método de observação climática; (ii) conservação do saber escolar aprendido – “*não esquecer aquele pouco que aprendi na escola*”; (iii) o uso da escrita quanto estratégia de lembrança, de memorização e de organização do trabalho; e (iv) a transformação do objeto meteorológico em prática cultural. Ocorre também uma produção simbólica; segundo Thies (2020, p. 5), a produção simbólica é

[...] realizada por pessoas com pouca escolarização que produzem um “lugar” de guarda da/para a escrita, um sentido atribuído para essa prática social com uma maneira de preservá-la como patrimônio familiar, comunitário ou ainda outros.

Além da produção material, realizada por meio da escrita, ocorre uma conservação afetiva, que é simbólica para o autor e tem intencionalidade de ser familiar e comunitária por meio da previsão do tempo. Na entrevista realizada, o agricultor revelou que a observação das nuvens advém de um saber escolar trazido da escola por seu filho Moisés, na época em que estudava:

Sabe porque eu sei os quatro tipos de nuvem? Quando que o filho foi no colégio de Vista Alegre na quinta série, trouxe pra casa um livro e ele disse: pai tu faz essas coisas, que tem umas coisas do tempo. Então lá tinha, até eu tinha aquele livro por perto, mas não sei onde botei, mas: do que que se formam as nuvens? Eu não sabia! E, lá dizia né, no quinto livro, quinta série, dizia assim: que sai a evaporação dos lagos e rios, né, aí sai aquela evaporação e também no meio das árvores, uma coisa assim, que falava pelo menos naquele livro. E quatro tipos de nuvem então, conforme o tipo que se apresenta de nuvem, então depois eu sabia acertar mais na previsão, porque cada tipo de nuvem quer dizer uma outra coisa. Tipo essas ali quando que passam, umas nuvens de chuva, depois vêm aqueles flocos de algodão se chama tipo: nuvem branca é tempo bom, e se tem aquelas cabeças, escura e coisa, tu pode colocar lá: trovoada e pode dar temporal, né, e aquelas bem finas, bem finas que se espicha tipo por assim, vamos dizer, comprida parece um caíco, que gente lembra lembra de caíco, né, aquilo lá é: pra bastante chuva, e a outra então que é mais grossa e ela é escura, ela faz tudo que parece assim, coisa amontoada, que nem coisa da vó, vamos dizer assim, lá, então aquilo lá é pra frio. Se é dia de Natal, vamos dizer então depois em janeiro vai ter vento, mas conforme a hora tu tem que olhar porque, tipo assim, o dia tem sempre vinte e quatro horas, mas o mês vai até trinta e um. Tem que dividir essas horas com os dias, então tem vezes que assim cada trinta e oito minutos, dentro daquele dia, vai valer um dia da hora, mais ou menos assim (DAVID, 2021).

David aproveitou-se do saber escolar científico, advindo de um livro escolar, para sistematizar as observações de nuvens e dos fenômenos climáticos que geram os descritores meteorológicos para sua produção de práticas de escrita. Saber escolarizado/científico que ele busca para aperfeiçoar o seu “saber de experiência feito”, assim como o utilizado por Paulo Freire (2001, p. 232):

Um grande respeito, também, pelo saber “só de experiências feito”, como diz Camões, que é exatamente o saber do senso comum. Discordo dos pensadores que menosprezam o senso comum, como se o mundo tivesse partido da rigorosidade do conhecimento científico. De jeito nenhum! A rigorosidade chegou depois.

No processo de aperfeiçoamento do “saber de experiência feito”, o agricultor gaúcho não se embasa exclusivamente no saber oralizado aprendido com o avô, e possivelmente advindo do senso comum. David vai além, utiliza o conhecimento aprendido pela leitura, de um saber escolarizado, para aprimorar sua prática,

aperfeiçoá-la, e ainda é uma forma de adquirir a legitimidade valendo-se de um conhecimento escolar.

As múltiplas funcionalidades da escrita permitem ao agricultor dominar o tempo de seus trabalhos e de seus dias, criando esquemas de conhecimento meteorológico para si e para a comunidade, por meio de previsões do tempo manuscritas portadoras de escritas de pessoas comuns. Segundo Castillo Gómez (2020, p. 92), “a escrita começou a ocupar lugares e espaços que até então tinham permanecidos alheios à sua presença”.

Os indivíduos produzem e participam cotidianamente da cultura escrita, de maneira material e simbólica. “Essa produção diária é que vai, ao longo do tempo, configurar o lugar do escrito em seu grupo social, na sua comunidade” (GALVÃO, 2010, p. 219). A participação na cultura escrita não está vinculada ao ato de escrever, ela acontece por meio dele também, mas por todo evento ou prática que envolva a mediação da palavra escrita.

Com dupla finalidade, de preservar um saber oralizado aprendido e não se esquecer dos saberes escolares, David passa a registrar de maneira manuscrita as previsões do tempo e releva a funcionalidade dada ao ato de escrever fora do ambiente escolar, no qual descendentes construíam suas vidas e por vezes não dominavam a língua local:

Tipo, eu pensei assim: pra eu não esquecer o que eu aprendi na aula, aquele pouco que aprendi, vou fazer isso aí pra ter uma recordação do vô, do falecido vô. Que ele só falava em polonês, mas mesmo assim eu aprendi, porque eu sabia em polonês, né, eu entendia, mas falar pouco (DAVID, 2021).

A oralidade comunicada pelo avô torna-se escrita pelo ato de David, e a mudança exige necessariamente do autor a articulação de procedimentos, por meio das palavras, que transformem o abstrato em concreto, o esquecível em conservável. Ao realizar o procedimento, torna-se possível aliviar a pressão antes ocupada pela memorização e em seguida iniciar uma tecnologia de comunicação. Castillo Gómez (2020, p.102) lembra que, no momento em que

[...] o vivido se consolida em determinado texto, é legítimo pensar que o indivíduo atua levado por certa intenção de criar memória, primeiro no entorno familiar e, depois, no âmbito mais amplo da comunidade de pertença.

Segundo David, o “*provérbio dos velhos*” (Figura 24) foi aprendido por seu avô na Polônia e levado como uma herança cultural ao Brasil. Por meio da escrita nos rascunhos, o autor das previsões do tempo relembra e homenageia em todas as edições o avô e o saber assimilado com ele. Na edição de 1976, mais antiga salvaguardada, podemos ler no cabeçalho “*Temperatura ou previsão feita i Baziada pelo Ser David Vinoski e Proverbio dos Velhos*”. Na edição de 2022, lá estão no cabeçalho os dizeres “*59 anos fazendo isperiencias com o tempo isto e o proverbio dos velios 70% de acertos*”. Muito tempo se passou, e, utilizando-se da escrita, o autor conserva viva uma prática cultural da qual sua família fez parte, da qual ele faz parte, e ao sustentá-la evita o esquecimento da prática e dos que com ela contribuíram: seu avô, que relembra com muito carinho, e também do falecido irmão Alexandre. A escrita combate o esquecimento e mantém viva a memória.

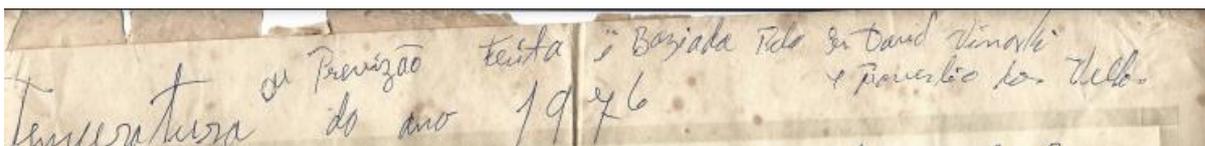


Figura 24 – Cabeçalho da previsão de 1976 – Isto é provérbio dos velhos
Fonte: Arquivo pessoal de David (1976).

Outro acontecimento importante, crucial para a manutenção da escrita, é a leitura. Depois de conservar por escrito o saber herdado do avô e não esquecer os saberes escolares, David envolve-se num exercício voluntário da capacidade de escrever, cognitivamente escolhendo palavras, conceitos e dizeres que compõem as folhas soltas contendo as previsões meteorológicas. E fazer esse exercício opera uma reivindicação da palavra escrita. Todo esse processo, entretanto, procura um interlocutor que o leia, como lembra Castillo Gómez (2020, p. 102), um interlocutor “mais ou menos explícito, mais ou menos procurado”. Todo mundo que escreve, escreve para alguém. A escrita é para ser lida. Assim, as previsões do tempo têm seus leitores endereçados na comunidade, por isso são distribuídas nos bares, nos armazéns, nas agropecuárias e no mural da prefeitura local, onde a circulação dos agricultores também é maior.

A escrita de David assemelha-se aos almanaques investigados na pesquisa de Dourado e Marteleto (2018). A função dos almanaques para com os leitores é utilitária, possuindo assuntos recreativos, humorísticos, religiosos, científicos, literários e/ou

informativos. A escrita produz informações que tenham utilidade prática na vida cotidiana de quem a lê. A previsão do tempo alerta sobre a possibilidade de chuva, sol ou tempo nublado, e ao modernizar-se em 2017, com o uso de um pluviômetro, passa a indicar a quantidade de milímetros de chuva possíveis para o período. Os descritores meteorológicos que o autor escolhe no momento da elaboração das descrições passam justamente pela opinião popular, e assim ocorre uma alteração significativa: “*chuvas e trovoadas*” são anunciadas como “*18 milímetros e trovoadas*”, na nova aferição. Os leitores e os ouvintes passam a receber não só a informação do tempo chuvoso, mas também a quantidade de milímetros de chuvas esperada para aquele período. David (2021) demonstra a relevância em torno dos conceitos meteorológicos no seguinte trecho da entrevista:

Na época chamavam tempo temperado, aí aquele da rádio dizia: “mas temperado é carne com sal, né”. Mas eu dizia assim: temperado era que falava essa palavra porque o tempo tava bom e mudava, de bom mudava pra estável, ou pra chuva ou dava até vento, coisas assim.

Ao longo dos 59 anos produzindo previsões meteorológicas, o léxico de David manteve-se praticamente o mesmo, o rascunho tem um modelo próprio, e pequenas alterações ocorreram ao longo dos anos. Alguns descritores meteorológicos caíram em desuso, como o próprio termo “temperado”, e outros passaram a serem usados com maior frequência nas descrições, tais como “vento”, “instável” e “garoa”. A lógica, entretanto, de prestar uma informação utilitária para a comunidade não foi alterada pelas pequenas trocas, já que a organização do escritor e a linguagem continuam as mesmas.

A cordialidade, a disponibilidade e a religiosidade são marcas intencionais grafadas pelo agricultor. As mensagens tradicionais desejando um “feliz natal” e um “abençoado ano novo” ao final da página da folha solta são endereçadas aos leitores desde a edição de 1999. Mais recentemente, a partir de 2016, David passou a deixar disponíveis os números de telefones, fixo e celular, para que ouvintes e leitores, em caso de dúvidas ou elogios, contatassem-no. Um elogio foi exposto em entrevista, quando David contou que uma pessoa da cidade ligou para o telefone fixo de sua casa para solicitar um benzimento. Segundo David, a pessoa disse: “*E o Vinoski tá acertando mais do que os da TV*”, referindo-se aos meteorologistas dos programas de

notícias. Os números de telefone demonstram que as tecnologias de comunicação também foram avançando e chegando até o espaço rural.

Um aspecto interessante é a probabilidade de acertos nas previsões, que se constitui um dos elementos cativos da escrita meteorológica. Quando interrogado sobre o assunto na entrevista, David falou bastante sobre e iniciou dizendo: *“Eu erro, mas os outros erram também, dizem que vai chover em todo Rio Grande e no fim tu não vê a chuva, ela não vem. É uma coisa que não é fácil para acertar”* (DAVID, 2021). Quando se refere aos outros nesse trecho, está referindo-se aos meteorologistas que acompanha pela rádio ou pela televisão. Para quem vive no meio rural, os assuntos meteorológicos são pautas fixas dos diálogos; também é comum os homens e as mulheres do campo cobrarem principalmente dos meteorologistas quando eles acabam errando o que foi anunciado em emissoras de rádios, nos canais de TV ou em jornais.

O cálculo da porcentagem de acertos (Figura 25) por um tempo foi proferido pela própria emissora de rádio, na qual as previsões eram transmitidas aos ouvintes, como lembra o autor das escritas:

Quando que chegou o sétimo município de Vista Alegre do Prata, aqui né, daí a gente começou a divulgar na rádio, colocar propaganda nos bares pra cá e pra lá. E até a gente ia falar na rádio e gravava também assim nas fitas. Tipo indo, daí pela rádio, nós tínhamos sessenta e sete por cento de acerto que a gente conseguia acertar. E foi bom porque pelo menos nós na agricultura tinha uma base pra plantar mais cedo ou mais tarde, coisas assim, né (DAVID, 2021).

O trecho demonstra a importância dos acertos para a veiculação das informações utilitárias da previsão do tempo, pois dando certo revela que o documento lido ou escutado é confiável. E também atribui simbolicamente o título de meteorologista caipira como reflexo dos números de acertos e de sua participação na rádio, “circulando” o escrito *“aqueles da rádio falaram, 30 e poucos anos atrás, na rádio Aurora de Guaporé. Meteorologista Caipira porque é da roça e tá acertando”* (DAVID, 2021). Novamente a questão de demonstrar que esse saber provém de algo repassado do avô está implicitamente aqui, pois não foi um saber legitimado por uma instituição escolar e/ou acadêmica. Nesse sentido, parece que David reforça a ideia do provérbio dos velhos, que aparece registrada na grande maioria das previsões produzidas pelo agricultor.

Médias de Acertos 67%

Figura 25 – Média de acertos
Fonte: Arquivo pessoal de David (2012).

Atualmente sem tantas participações nos programas de rádio, depois do falecimento do irmão Alexandre e da dificuldade para dirigir, David (2021) afirmou que “*eu mesmo faço as contas assim, pra ver quanto tá dando*”.

A respeito da manutenção do descritor de acertos, considero que ele seja duplamente importante: tanto para os leitores estarem informados sobre as probabilidades de erros do autor quanto, principalmente, para o agricultor, por ter um reconhecimento pelos acertos e uma margem para os erros. Outro ponto que é necessário ser considerado é o reconhecimento de uma pessoa da comunidade que mantém por muitos anos a prática de produção das previsões anuais do tempo. A escrita e a confiabilidade das informações prestadas garantem a manutenção da produção delas. Com o passar do tempo, a prática cultural parece ter um acréscimo de motivações e de sentidos, e agora quer ser lida e creditada.

A participação do irmão Alexandre é notória principalmente nas previsões do tempo datilografadas/digitadas. Das 42 edições datilografadas/digitadas, Alexandre apareceu como coautor por 15 vezes. A primeira participação aconteceu em 1991, tendo a assinatura dos irmãos comprovando-as, como mostrado na Figura 26.

Alexandre Vinoski
ALEXANDRE VINOSKI

e

David Vinoski
DAVID VINOSKI

Figura 26 – Estreia de Alexandre
Fonte: Arquivo pessoal de David (1991).

Na edição que marca a estreia de Alexandre, o editor datilografou os descritores climáticos de forma tabelada e dividida por meses; ao final, escreveu com a máquina de escrever os nomes dos irmãos, deixando uma linha para que assinassem e comprovassem a dupla autoria da previsão do tempo. Dessa forma, temos inicialmente uma mesma escrita produzida em sistema de parceria. O rascunho

manuscrito desse ano infelizmente não foi conservado, assim não podemos comprovar se o nome do irmão Alexandre estava ou não presente na primeira escrita.

A verificação do nome de Alexandre, procedida nos rascunhos manuscritos disponíveis, revelou que ele foi poucas vezes mencionado na primeira escrita, e sua participação maior estava garantida pela escrita do editor, quando datilografada/digitada. A última edição que leva o nome do irmão Alexandre Vinoski aconteceu no ano de 2007; o cabeçalho indica que a previsão do tempo do segundo semestre daquele ano foi elaborada em parceria pelos “irmãos Vinoski”, mas o espaço final da página, lugar onde costumeiramente os irmãos depositam a assinatura, indicava somente a autoria de David. O que explicaria tal acontecimento?

PREVISÃO DO TEMPO 2º SEMESTRE DE 2007.
FEITA PELOS IRMÃOS DAVID E ALEXANDRE VINOSKI
 45 ANOS DE EXPERIÊNCIA. VISTA ALEGRE DO PRATA---75% DE ACERTOS



Figura 27 – Última participação de Alexandre
 Fonte: Arquivo pessoal de David (2007).

Alexandre, da mesma forma que o irmão, exercia o ofício de agricultor, mas abandonou os trabalhos após sofrer um acidente vascular cerebral, perdendo a fala e também sendo obrigado a parar de escrever as previsões do tempo, como David relembrou em entrevista:

Um pouco escreveu também o mano Alexandre. Quando eu saí de casa, há 42 anos, ele começou a anotar também, e acertava também ele até; nós íamos na rádio também. Acertava junto, alguma vez junto, né. Agora¹⁵ ele não escreve mais porque sofreu um AVC, né, e não consegue falar. E o braço direito paralisado, aí não tem como escrever, senão ele escrevia também (DAVID, 2021).

Em primeiro lugar, ao anunciar “*um pouco escreveu também o mano Alexandre*”, David compara as produções dele com as do irmão, provavelmente tendo como referencial sua vasta experiência, que possui mais de 50 anos consecutivos de

¹⁵ A entrevista com David Vinoski foi realizada em maio do ano de 2021. Infelizmente, no dia 5 de novembro daquele ano, Alexandre Vinoski faleceu.

escrita, seguida das 15 participações realizadas pelo irmão. Em segundo lugar, revela que a intencionalidade do irmão de iniciar a escrita ocorreu quando David casou-se e abandonou a casa paterna. Então Alexandre sequencia uma prática familiar, herdada do avô analfabeto e iniciada por David. Releva também a impossibilidade de escrever do irmão devido à comorbidade adquirida e à incapacidade de fala, impedindo também que a comunicação pudesse ser feita de maneira oralizada.

O trecho da entrevista destaca “*alguma vez junto né*”, referindo-se que a prática escrita da previsão do tempo nem sempre foi confluída pelos irmãos. Os documentos datilografados/digitados produzidos pelo editor comprovam e exemplificam o que afirmou David. No ano de 2000, por exemplo, os dois irmãos produziram previsões distintas. Embora o cabeçalho, a organização da compaginação do texto e os espaçamentos sejam iguais nos dois documentos digitados, cada um dos irmãos respondeu por um deles. Alexandre, por exemplo, anunciou “*29 a 31 de dezembro bom e encoberto*”; David, por sua vez, afirmou “*29 a 31 de dezembro trovoadas e chuvas esparsas*”.

Os dois trechos que escolhi para a comparação são apenas uma ilustração, quase a totalidade dos descritores meteorológicos dos irmãos foram divergentes naquele ano. A previsão de 2000 assinada por David anunciava no cabeçalho: “*feita pelos irmãos David e Alexandre Vinoski*”; já a edição assinada por Alexandre anunciava no cabeçalho: “*dos irmãos David e Alexandre Vinoski*”. Perguntado sobre a motivação das previsões diferentes em um mesmo ano, David somente revelou “*se desentendemo naquele ano, né*”, e nada mais foi revelado. Podemos constatar que, na escrita digitada do editor, o conflito dos irmãos não parece acontecer, já que no cabeçalho a dupla é mencionada conjuntamente. Entretanto, foram impressas previsões do tempo com aferições diferentes, e ambas circularam na comunidade. O rascunho manuscrito do ano de 2000 não foi conservado por David, por isso não temos como comparar a escrita manuscrita com as duas edições digitadas.

Independentemente da divergência acontecida no ano de 2000, David e Alexandre pareciam compartilhar do interesse de manter vivo o saber familiar e divulgar informações utilitárias para a comunidade, sendo reconhecidos pelas escritas meteorológicas que produziam. Um lugar simbólico, acessado pela produção de um material escrito e pela divulgação impressa deste na comunidade e nas rádios.

As assinaturas “autenticavam” as folhas soltas contendo previsões meteorológicas. Na edição de 1991, os dois irmãos assinaram o documento; em 1997

Alexandre assina apenas o primeiro semestre do ano, enquanto David responde pelos dois períodos; em 1999 os dois irmãos assinam em ambos os semestres; em 2000 cada um produz sua própria produção e só são citados no cabeçalho; em 2001 Alexandre é mencionado no cabeçalho, mas não assina nenhuma das duas edições; a mesma coisa acontece nas duas edições de 2002; e em 2004 nenhum dos irmãos assina a previsão do tempo.

Na edição de 2005, o editor inseriu no texto a imagem dos dois irmãos no material elaborado pelo computador, de maneira inusitada, utilizando parte do documento de identidade deles. Alexandre, enfermo, teve a participação garantida devido à ideia de David, que, sabendo que o irmão não conseguiria registrar por escrito o próprio nome, decidiu que o documento de identidade dele comprovaria sua participação, uma espécie de homenagem. Evitando a distinção entre os dois, David solicitou ao editor para inserir seu documento de identidade do mesmo modo, garantindo então que os irmãos estivessem representados igualmente pela presença da foto dos dois e de suas assinaturas. Todavia, o documento de David aparenta ter sido cortado pelo editor no momento do preparo do texto, e assim permaneceu quando impresso, logo, sua assinatura não aparecia na totalidade, apenas seu sobrenome.

David, então, aproveita-se do suporte de escrita, uma previsão do tempo digitada, e escreve seu nome em frente ao sobrenome, que aparece de forma legível na impressão. Assina seu nome como se estivesse completando a linha do documento de identidade, demonstrando sua habilidade em controlar os elementos meteorológicos das folhas soltas, a imagem e a assinatura, mesmo após a impressão, como pode ser visto na Figura 28.



Figura 28 – As identidades
Fonte: Arquivo pessoal de David (2005).

Explico da seguinte maneira: em 2005 Alexandre já não tem mais capacidade motora para assinar a previsão do tempo, mas devido à estratégia do uso da carteira de identidade, aparece no cabeçalho do texto e com sua assinatura fotocopiada ao final da página. A edição de 2007 representa sua última presença nas previsões do tempo, foi no cabeçalho daquela previsão “*feita pelos irmãos David e Alexandre Vinoski*”. Desde então David assina e responde individualmente pelas escritas meteorológicas.

A outra participação foi a menção da esposa Terezinha no verso composto aos netos. Embora não seja diretamente no texto meteorológico, David reaproveitou o verso do suporte para proceder à escrita. Em certo momento do verso, o autor escreve “*o nono i a nona gosta dos netinhos cuando se abraça com carinho*”. Ao fazê-lo, assume o valor simbólico de significação da escrita: ela não é somente uma prática pessoal, ela extrapolou as fronteiras individuais e agora é familiar. Do mesmo modo se pode verificar a família assinando na programação da Semana da Pátria de 1975 (suporte reaproveitado para escrita de 1976 da previsão do tempo); nela estão as assinaturas da esposa Terezinha por três vezes, a filha mais velha, Marinês, assina uma única vez, e David também assina. O ato dos três familiares assinarem o verso da previsão do tempo mais antiga elaborada pelo agricultor enaltece que, mesmo que a prática cultural seja feita por ele, a intenção é de que todos da família sejam reconhecidos por ela. Uma prática familiar da família Vinoski, visto que as assinaturas não foram procedidas daquele ano de 1975, mas, sim, de anos depois, já que naquele ano a filha Marinês recém tinha nascido. Esse ato de assinar a folha solta anos depois é um dos indícios disponíveis de que David revisita suas previsões do tempo.

Embora a participação da filha e da esposa seja apenas pela assinatura, elas são representadas pela escrita do agricultor, e Alexandre, mesmo enfermo, simbolicamente permaneceu coautor pelas menções feitas. A manutenção da escrita das previsões do tempo em folhas soltas intenciona que os leitores, do mesmo modo que o irmão e a esposa, sintam-se representados pela escrita elaborada pelo meteorologista caipira. David sabe que sua escrita é uma prática social, de circulação da cultura escrita, e intenciona a legitimação desta nos espaços em que os impressos são distribuídos, numa busca de reconhecimento pela escrita que realiza.

Os últimos elementos destacados da produção da escrita demonstram que uma melhor compaginação dos textos fez com que espaços maiores das páginas sobrassem e pudessem ser aproveitados para outras funções da escrita. Assim, a

religiosidade fica expressa nas previsões: “*santo i abençoado Natal*” e “*Deus te ama*” servem como exemplos da presença da instância religiosa nas escritas de David, que se identifica como religioso e pretende que os leitores assim o reconheçam, utilizando-se dos espaços disponíveis da folha solta de papel.

Além da já mencionada cordialidade em desejar boas-festas aos leitores, as folhas soltas dos rascunhos também são utilizadas como uma espécie de correspondência. Na edição de 2012, David aponta claramente para a existência de um editor, que transforma seus arquivos manuscritos em datilografados/digitados. Ao finalizar os descritores climáticos daquele ano, ele escreve um trocadilho para os leitores: “*casador i pescador mente uma barbaridade o meteorologista nem uma metade*”. E acrescenta o nome da cidade: “*Vista A. do Prata R.S*”. Autointitula-se “*Sr David Vinoski*”, e por último deixa demarcada uma informação para o editor “*fazer 30 cópias*”, como pode ser observado na Figura 29.

casador i Pescador Mente uma Barbaridade
 O Meteorologista Nem uma Metade
 Vista A. do Prata R.S
 Sr. David Vinoski
 fazer 30 cópias

Figura 29 – Previsão com trocadilhos
 Fonte: Arquivo pessoal de David (2012).

O dito popular “caçador e pescador mentem uma barbaridade, e o meteorologista, nem a metade” indica que as previsões do tempo elaboradas no contexto rural, sem o uso de equipamento meteorológico, são passíveis de erro. Já a última linha da Figura 29 refere-se ao editor dos rascunhos, não identificado. David escreve ao destinatário para “*fazer 30 cópias*”, especificando o número de tiragens necessárias do rascunho que irá se tornar um impresso. Na grafia constatamos a existência de um interlocutor, embora nesse caso ele permaneça oculto quanto à sua identidade. Na Figura 30, o interlocutor e até o mensageiro são relevados por David por meio de um recado grafado no final daquela previsão meteorológica manuscrita.

20 cópias
 Alceu Entregar para o
 Robi Donim hoje de Manhã
 Bater i fazer 20 cópias
 como bater ollia atras desse rasquinho
 David Vinosa

Figura 30 – Bater e fazer cópias
 Fonte: Arquivo pessoal de David (2005).

Também é possível verificar na Figura 30 que o agricultor troca o instrumento de escrita, usando uma caneta esferográfica vermelha para destacar e solicitar “20 cópias” e utilizando a caneta esferográfica azul (mesma cor utilizada no texto) para escrever: “Alceu entregar para o Robi Donim hoje de manhã bater i fazer 20 cópias”. A pessoa de nome “Robi Donim” foi encarregada de digitar o rascunho meteorológico de 2005 e de providenciar 20 cópias impressas para o agricultor. Sobre a lógica de funcionamento de uma impressora, David discorre “bater i fazer”, estipulando que o trabalho de impressão seja constituído minimamente por duas ações: a de digitar (referenciada ao bater da máquina de escrever) e a ação da impressão.

O editor, que não é uma pessoa fixa para essa função, mas nesse caso específico foi explicitado pelo recado, recebe as instruções do modo de fazer, do procedimento do manuscrito para o digitado: “como bater ollia atras desse rasquinho”. Caso esse editor fosse inexperiente no trabalho que lhe era solicitado, o que parece ser, as instruções de David deixavam claras as maneiras de como proceder, um passo a passo, tendo as previsões digitadas anteriormente como referência.

A clarificação do processo de transformar o manuscrito em datilografado/digitado consiste em uma interessante estratégia utilizada pelo agricultor, passando necessariamente pelo suporte utilizado para a escrita, a folha de papel, e pelas funções possíveis a partir dela.

As folhas soltas de papel contêm duas páginas, uma em cada lado. De um dos lados David tem a previsão do tempo digitada do ano anterior, e do outro escreve o rascunho do novo ano, assim, por 13 vezes, o editor recebeu a escrita manual

estrutural de um lado e o exemplo de como fazer do outro lado. Aqui o agricultor aproveita os usos da escrita para a manutenção de modelos, para enviar uma correspondência e para solicitar um pedido

As motivações e os sentidos das escritas de pessoas comuns são uma forma de manutenção de como se vive no mundo. Embora já mencionado anteriormente, a preservação de memória familiar está entre as principais motivações para a realização da escrita. Escolhi, então, um trecho da entrevista para encerrar esta seção sobre as produções das previsões do tempo:

O falecido tio Casemiro disse assim que é pra gravar pra deixar o Vinoski na história, como agora nós temos gravado, que ele disse é pra fazer CD né, pra botar esses cantos na rádio, pra deixar umas histórias dos Vinoski. Então é um sonho, o Casemiro era o último da família e o falecido pai era o primeiro. Deixar o nome da família na história, então que nem ele quis dizer que esses cantos e previsões que eu tô fazendo, fazer um cd alguma coisa, divulgar, alguma história vai ficar ao menos no caso (DAVID, 2021).

3.2 O EDITOR, AS MUDANÇAS E A CIRCULAÇÃO DAS PREVISÕES DO TEMPO

Ao terminar as escritas dos rascunhos das previsões meteorológicas, David dá continuidade ao processo de produção dos seus materiais para finalmente entrarem em circulação. Até o quinto dia do mês de janeiro, o agricultor ainda está fazendo os registros manuscritos, por isso precisa de uma ação rápida em seguida, já que no primeiro mês do ano suas previsões do tempo são expostas com alguns dias de atraso. Isso porque, no máximo no sexto dia do mês de janeiro, o autor quer os impressos circulando na comunidade, afinal tem um compromisso com os leitores.

Antes disso, é preciso sublinhar as mudanças decisivas protagonizadas pelo editor ao realizar o favor solicitado pelo autor das previsões. Sempre que me referir aqui, usarei o termo no singular “editor”, embora o processo de edição não seja realizado anualmente pela mesma pessoa, pois a lógica da seleção do editor é dada, segundo David (2021), por “*quem tive mais liberado naquela hora, né*”, referindo-se à disponibilidade do servido municipal no momento específico. Mesmo assim justifico minha escolha pelo termo individual, já que as ações provocadas pelos editores são mais relevantes que a sua identificação.

À primeira vista, a pessoa que realiza o processo da transformação do manuscrito em datilografado/digitado poderia simples ser denominada digitador ou datilógrafo. Nessa lógica o indivíduo receberia o rascunho e manteria as mesmas

formas e marcas, tornando-o digital, mas essa lógica não existe. A transposição do papel para a tela é uma mudança significativa da escrita em termos de materialidades e de simbologia, por isso o indivíduo será mencionado como editor, já que: datilografa/digita, imprime e produz fotocópias.

Ao analisar, minuciosamente, podemos verificar diversas diferenças entre os dois processos. Os mais relevantes para a compreensão do fenômeno da cultura escrita e sua circulação são: a produção do escrito, as marcas do texto, as competências gráficas, a presença de imagens e a coautoria revelada de Alexandre.

O recebimento das folhas soltas contendo as previsões do tempo é o primeiro passo para a produção de uma nova escrita; pelas mãos do editor, teremos um texto datilografado/digitado, produzido quando o que David almeja ao final é um texto impresso e fotocopiado. A produção é diferente da ação realizada pelo agricultor: embora aproveite-se da estrutura esboçada no papel pela caneta do autor, o editor modifica-o significativamente. Primeiro, a caneta, instrumento de escrita anterior, é substituída pelo teclado, e o suporte folha solta é substituído pela tela do computador, para depois retornar à folha solta no momento da impressão. Como bem sabemos, a mudança de suportes e de instrumentos de escrita interfere nas formas de leitura do objeto. A mudança é intencionada pelo agricultor, que é dependente dos suportes e dos instrumentos de escrita que não possui em sua casa e estão disponíveis na Prefeitura de Vista Alegre do Prata; a forma de produção é condicionada por eles. E, conseqüentemente, a forma de reprodução também, já que da impressora obtém-se os impressos fotocopiados na quantidade correta e desejada pelo agricultor.

Dada a situação, destaco a produção e a existência de dois textos que se diferem pelas formas de produção, de suportes e de materialidade. Temos dois autores: David é o responsável pelo texto manuscrito e assina nele sua autoria, e o editor da prefeitura, pensando na lógica de produção, é o autor dos impressos.

Mesmo não dominando a tecnologia de produção datilografada/digitada, operada pelo editor, David (2021) valoriza-a. Quando perguntado qual escrita agradava-lhe mais, ele revela:

Ah, sempre melhor seria essa escrita ali, tipo, via computador, porque as letras são mais declaradas e algumas vezes no lugar do S escrevo o C, algumas coisas assim. Só que eu me entendo tudo. No computador é muito melhor, lá o S é o S e o C é o C. Tu escreve e já sabe a letra que vai, má.

Nesse trecho podemos destacar elementos importantes dos processos de produção: (i) David prefere a escrita da qual ele não é o autor; (ii) a preferência é dada pela competência gráfica, “*letras mais declaradas*”, e pelo léxico; (iii) na escrita de pessoas comuns, é frequente o uso de desculpas ou de justificativas pelos erros ortográficos, como David o faz acima; (iv) atribuição ao suporte computador pela habilidade ortográfica de “*sabe a letra que vai*”; é uma tecnologia impossível para o suporte que o autor utiliza em sua escrita das previsões do tempo; (v) a suficiência do texto manuscrito produzido pelo agricultor, que, independentemente da competência gráfica e da ortografia, não altera o sentido e o significado: “*eu me entendo tudo*”.

As marcas do texto manuscrito desaparecem no datilografado/digitado; os rabiscos de caneta ao final da página, que indicavam a pouca tinta do instrumento de escrita, não aparecem mais, já que o instrumento da escrita digitada não depende de tinta. As marcas do tempo no papel, de um suporte conservado desde 1975, são modificadas por uma tela em branco, um rolo digital sem nenhuma materialidade antes de ser impresso. As escritas manuscritas pedindo o número de cópias exato e comunicando um recado desaparecem; o serviço já está sendo feito.

Os problemas de compaginação do agricultor no suporte manuscrito sem linhas são modificados por uma escrita organizada em linhas, por meses, por meio de um quadro para alguns anos ou mesmo em linhas bem definidas em outros. A falta de espaçamento entre as letras e entre as frases também desaparece; na nova escrita tudo tem seu lugar, caso contrário, o próprio suporte indica a falta de espaçamento. As letras monolíticas, sem distinção no início, no meio ou no final da palavra, são substituídas por letras com o mesmo tamanho, formato e cor (Figura 31). Os erros ortográficos que antes identificavam o contexto rural de escrita e a proximidade entre a oralidade e a escrita não existem mais no novo texto, são padronizados pela norma culta que circula a escrita nos espaços formais.

É possível afirmar que o editor, como revisor do que será publicado, altera a materialidade do texto na composição com a nova folha que passa a ser digitada. O editor/revisor produz um novo texto, tal como Roger Chartier (2014, p. 166) afirma a respeito do trabalho dos compositores e dos revisores na Espanha do Século de Ouro, que, para preparar uma cópia, “acrescentavam acentos, letras maiúsculas e sinais de pontuação”.

PREVISÃO DO TEMPO PARA O 1º SEMESTRE DE 2019
FEITA PELO SR.DAVID VINOSKI – 56 ANOS FAZENDO EXPERIÊNCIA DO TEMPO, ISTO É
PROVÉRBO DOS VELHOS. MÉDIA DE ACERTO 67%

JANEIRO		ABRIL	
1 a 3	ESTÁVEL, 40 MIL. 32 GRAUS	1 a 3	BOM, 25 GRAUS
4 a 7	ELEVAÇÃO, 10MIL. 33 GRAUS	4 a 7	15 MIL. 30 GRAUS
8 a 11	VENTO, 30 MIL. 32 GRAUS	8 a 12	BOM. 32 GRAUS
12 a 15	ESTÁVEL, 10 MIL. 31 GRAUS	13 a 16	25 MIL. 30 GRAUS
16 a 18	14 MIL. 30 GRAUS	17 a 20	TROVOADOS 20 MIL. 32 GRAUS
19 a 21	TROVOADOS, 40 MIL. 33 GRAUS	21 a 24	ESTÁVEL, 14 MIL. 30 GRAUS
22 a 25	BOM, 32 GRAUS	25 a 28	BOM, 25 GRAUS
26 a 31	10 MIL. 30 GRAUS	29 a 30	ESTÁVEL. 10 MIL.

Figura 31 – Previsão digitada pelo editor
 Fonte: Arquivo pessoal de David (2019).

O editor, como se pode verificar na Figura 31, coloca em circulação pela escrita novos elementos não disponíveis no manuscrito do agricultor: pontos-finais, vírgulas, acentuação, o uso do negrito para dar destaque ao título e ao cabeçalho do texto. O editor é também o revisor das previsões do tempo, é o detentor da escolha de elementos decisivos na elaboração do texto impresso, em alguns momentos, apresentando maior poder que o próprio autor (CHARTIER, 1999).

Texto e imagem são expostos com mais clareza e de maneira mais organizada sobre o novo suporte (Figura 32), algo possível devido à revolução eletrônica do novo suporte material do escrito, possibilitando que uma imagem do meteorologista caipira, como David se autoidentifica, seja mostrada para os leitores, uma atitude impossível no texto manuscrito.



Figura 32 – As fotos de David
 Fonte: Arquivo pessoal de David (ano, ano, ano).

A representação que o autor confere às imagens atribuí-as um lugar de prestígio. As imagens da Figura 32, da esquerda e para a direita, em preto e branco, mostram fotos de quando David candidatou-se a vereador em 1992. Vestindo terno e

gravata, elas foram muito mais usadas em comparação à imagem colorida, em que o agricultor aparece com mais idade e utilizando um blusão de lã, foto utilizada pela primeira vez em 2016. A escolha se dá, possivelmente, pelo lugar simbólico que as imagens ocupam em mostrar aos leitores a postura e a representação pretendida pelo meteorologista caipira por meio de suas fotos. Na edição de 2022, o autor das previsões volta a usar, por meio da inserção da imagem feita pelo editor na tela do computador, a foto da eleição de 1992, com o rosto inclinado para a direita. Como relembra Chartier (1998, p. 18), “esta encarnação do texto numa materialidade específica carrega as diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos”.

Interrogado na entrevista sobre quem decide a foto utilizada no impresso, ele afirmou que sempre dava a palavra final, que a foto colorida era uma cópia 3x4, mas que a usar tornava o processo mais difícil, já que gastava a tinta colorida da impressora, e afirmou também que as duas imagens em preto e branco estão salvas em um arquivo do computador da prefeitura, por isso o editor facilmente as insere no arquivo digital.

David intenciona também reforçar sua postura de homem de fé, como mencionado na introdução do trabalho, pois tanto o agricultor como a família sempre estiveram bastante envolvidos com as práticas religiosas, nas quais a socialização do escrito também acontece. A igreja é uma das instâncias consideradas agentes de letramento na zona rural (GALVÃO, 2010). Por isso, David reforça por meio das imagens expostas nas edições de 2017 e 2018 sua religiosidade. Os “santinhos” anexados nas duas previsões do tempo são costumeiramente distribuídos em eventos da Igreja Católica. Estando disponíveis na casa do agricultor, eles foram eleitos como uma manifestação de demonstração religiosa para compor as previsões meteorológicas endereçadas aos leitores e aos ouvintes, como pode ser observado na Figura 33.



Figura 33 – Anexos das previsões meteorológicas de 2017 e 2018
 Fonte: Arquivo pessoal de David (2017, 2018).

As imagens da Nossa Senhora do Trabalho e da Família Sagrada foram anexadas na parte final das previsões do tempo, demonstrando a religiosidade do agricultor e provavelmente esperando que os leitores o reconheçam assim. Os dois episódios são isolados, não voltam a acontecer novamente. A cordialidade das mensagens finais para com os leitores é um elemento indispensável para o autor dos manuscritos. Quando o editor não escreve “*um feliz natal i um santo ano novo i paz*”, David acrescenta-o de maneira manual no suporte digitado e impresso da prefeitura. O significado do uso das imagens para o autor das previsões pode ser conferido pela importância da religiosidade em sua trajetória pessoal, para sua família e pelo modo como escolhe viver e escrever, sendo a religiosidade uma das instâncias que mais produz relações com as culturas do escrito na comunidade rural.

Por fim, uma similitude marcante: as mesmas estruturas fundamentais são utilizadas, ambas são folhas soltas contendo previsões meteorológicas, após a impressão do digitado. Embora de autores diferentes no processo de produção, elas carregam o mesmo caráter utilitário de informar meteorologicamente os leitores, ocupando o escrito um lugar de prestígio social e comunitário.

Analisando as duas formas de produção, cabe destacar que socialmente o texto legitimado pela circulação do impresso meteorológico não é o texto manuscrito produzido de David, mas, sim, o texto datilografado/digitado, modificado, revisado,

editado, impresso e fotocopiado produzido pelo editor da prefeitura. Chartier (1999, p. 16) ajuda-nos a compreender que:

[...] um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores: graças à rede eletrônica, esta difusão é imediata.

A principal fonte utilizada na elaboração do texto legitimado socialmente sem dúvida são os manuscritos do agricultor. Eles são a estrutura escrita, mas o reconhecimento é dado pelo impresso inspirado nele, principalmente porque a instituição prefeitura municipal exerce influência na comunidade onde circulam as previsões do tempo. Usando uma metáfora: o rascunho manuscrito abre os caminhos para que os motoristas passem, mas é o asfalto (previsões datilografadas/digitadas pelo editor) que legitima como bom caminho.

Na medida em que a cultura escrita diz respeito ao(s) lugar(es) que o escrito ocupa em determinada sociedade, comunidade ou grupo social, reconhecemos implicitamente que esses lugares não são os mesmos para os diferentes sujeitos e grupos que vivem naquela sociedade. Em outras palavras, reconhecemos que as culturas do escrito estão inseridas em relações de poder (GALVÃO, 2010, p. 220).

São as cópias digitadas que conferem a legitimidade ao agricultor pela relação de poder que as instâncias escolares (que David não teve continuidade) e de ação executiva (nesse caso a prefeitura) exercem sobre a circulação de suas produções, junto com a mudança de suporte de produção (troca entre o manuscrito para o digitado, com maior número de cópias).

Antes de expor alguns elementos sobre a distribuição/circulação das previsões do tempo digitadas, exponho alguns casos em que David realizou escritas manuscritas sobre as folhas soltas de papel impressas e digitadas. Denominarei essa escrita como terceira escrita, já que a primeira é realizada por ele de maneira manuscrita em seu lar, a segunda é proferida pelo editor/revisor na prefeitura do município, e a terceira escrita é realizada novamente em casa, e de maneira manuscrita, mas com outras funções.

Primeiro é preciso ressaltar que algumas folhas impressas contendo as previsões do tempo são conservadas por David com dupla função: a salvaguarda das previsões do ano vigente e a manutenção de um suporte para a escrita futura. Na entrevista David (2021) revela a intencionalidade da escrita sobre o suporte digitado

e impresso: “*É que assim, quando a gente tá fazendo no pensamento, não lembra tudo, tudo. Depois fica pensando, volta pra trás um pouco, aí escreve de novo. Assim eu entendo, não tem problema*”.

O agricultor expõe no trecho acima a evanescência da memória, refletindo que, ao realizar a primeira escrita manuscrita, acaba esquecendo ou deixando passar alguns elementos que são importantes para a constituição da previsão meteorológica, e que só são lembrados após a digitação desta na prefeitura e a leitura feita por ele. Defende, do mesmo modo, que o acréscimo não acarreta problema algum para ele, pois completa as informações faltantes nos descritores meteorológicos, acrescentando elementos que considera essenciais.

Na edição digitada do segundo semestre do ano de 2001, por exemplo, na frase digitada “*17 a 20 bom com elevação*”, o agricultor acrescenta ao lado, com caneta esferográfica azul: “*19 chuvas jamais vistas inxente*”. Aqui ele se utiliza da terceira escrita para complementar o que havia previsto na primeira escrita. Cabe salientar que essa informação acrescida não é acessada pelos leitores e ouvintes, já que fica restrita à folha solta digitada em que o agricultor escreve; o material que circula é o digitado, impresso e fotocopiado pelo editor.

Na edição datilografada de 1989, ele acrescentou ao final da folha sua assinatura, o nome do município e a sigla do estado: “*Vista Alegre do Prata RS*”. A inclusão faz parte de um modelo pensado para ser seguido nos anos posteriores. O modelo deve ser composto da assinatura, para assumir a autoria dos registros, e do nome da cidade de onde escreve o meteorologista, a fim de identificá-lo como o responsável pelas produções naquele município. Nesse caso, a terceira escrita recebe, além da função complementar, a de estipular um modelo para não ser esquecido e escrito nas previsões manuscritas dos anos seguintes, garantindo que o editor as digite, e elas façam parte da previsão impressa.

Ademais, a preservação da memória encontra-se entre as funções da terceira escrita. Na edição de 1992 do documento digitado e impresso, além de assinar a autoria da previsão, David acrescentou de caneta esferográfica preta “*Rumo a Veriador*”. Assim, o ato de salvaguardar a previsão do tempo daquele ano conserva não só a folha solta, que é a prova da existência da escrita meteorológica, mas também uma memória afetiva: sua candidatura a vereador. O *status* estabelecido em ser o meteorologista da cidade causa em David um sentido simbólico da necessidade de reconhecimento pela prática que executa há anos, e a eleição em uma candidatura

a vereador seria a confirmação pessoal que talvez David intencionava. Mas ela não ocorreu. Não eleito em 1992, revelou em entrevista um pedido ao atual prefeito da cidade: de que fosse exposta na prefeitura uma homenagem pelo reconhecimento aos serviços meteorológicos prestados.

Quando o prefeito veio aqui visitar, é, no tempo de pedir votos, vamos dizer assim. Eu disse: eu peço que vocês deixem, não preciso ser logo, mas deixem uma boa recordação lá na prefeitura, dá previsão, né, o nome, a foto, alguma coisa. Aí ele disse que vão fazer, né. Por que eu digo, quem é vereador deixa lá, quem é secretário, vamos dizer assim, da educação, também fica lá, muitos ficam o nome e a foto ficam lá. Aí eu digo vamos deixar uma recordação lá, quem sabe daqui uns 50 anos algum vão dizer: olha naquele tempo tinha fulano que fazia isso (DAVID, 2021).

A escrita representa uma oportunidade de guardar no papel o vivido em determinado tempo, é um ato de salvar memória.

As anotações de informações úteis acontecem também como manifestações da terceira escrita procedidas pelo autor. Na primeira edição da previsão do tempo digitada de 2019, o editor escreveu “*Vista Alegre do Prata, David Vinoski, Fone: 3478-1810, Celular: 996732852*”, seguindo as indicações manuscritas, e o agricultor escreveu logo abaixo “*4813 Treviso Guaporé*”. Perguntado sobre o que representava essa inserção escrita de caneta esferográfica preta, ele afirmou: “*É o número de lá onde a nona vende os queijo*”. Assim, a folha digitada contendo a previsão daquele ano serviu como suporte de escrita para anotação de uma informação útil, que não poderia ser esquecida, com interferência direta no ofício do casal: a agricultura e a venda de queijo. Como já notado anteriormente, a escassez de suportes de escrita ocasiona fenômenos como este: escrever em algum espaço disponível, reiterando a maior importância em escrever do que onde escrever.

Elementos sobre os instrumentos de escrita utilizados igualmente podem ser constatados. Na realização da primeira escrita, a caneta esferográfica azul é predominante; ela só é substituída quando a escassez de tinta ocorre. A caneta vermelha foi usada apenas uma vez como instrumento de escrita de uma previsão inteira, do começo ao fim. O uso da caneta vermelha está intimamente ligado a destacar alguma informação no texto, geralmente quando solicita ao editor “*20 cópias*” ou “*30 cópias*”, referindo-se à quantidade de folhas que o editor deve imprimir após digitar o manuscrito. Entretanto, na previsão de 1999, depois de ela ter sido

datilografada pelo editor, David a utiliza na terceira escrita para dar destaque, como pode ser visto na Figura 34.



PREVISÃO DO TEMPO

→ SEGUNDO SEMESTRE DE 1999

DAVID VINOSKI

PROVÉRBIOS DOS VELHOS

<p>* <u>JULHO:</u> 07/99</p> <p>01 a 03 bom</p> <p>04 a 06 fresco e instável</p> <p>07 a 10 bom com nuvens</p> <p>11 a 14 estável</p> <p>15 a 18 trovoadas</p> <p>19 a 22 bom com nuvens e calor</p> <p>23 a 26 estável e calor</p>	<p>* <u>AGOSTO:</u> 08/99</p> <p>01 a 03 bom e fresco</p> <p>04 a 07 frio, nublado e garoa</p> <p>08 a 11 bom com nuvens e fresco</p> <p>12 a 15 estável</p> <p>16 a 19 nublado, algumas trovoadas e calor</p> <p>20 a 23 bom e calor</p>
---	---

Figura 34 – Uso da caneta vermelha
Fonte: Arquivo pessoal de David (1999).

A caneta vermelha é usada para inserir uma flecha ao lado do texto “segundo semestre de 1999”, demonstrando que naquele ano as previsões foram semestrais, divididas em duas folhas. Em seguida, os dizeres foram sublinhados, como quem destaca uma informação importante do texto. Ao lado dos nomes dos meses asteriscos foi acrescido o nome dos meses sublinhados e, ao lado, foram grafados por David na terceira escrita os números que representam cada mês: “Julho 07/99”, “Agosto 08/99”, “Setembro 09/99”, “Outubro 10/99”, “Novembro 11/99” e “Dezembro 12/99”. A terceira escrita aqui apresenta como funções inserir figuras, destacar e complementar com informações dos números dos meses e ano.

Ao final dos exemplos, é possível constatar alguns usos e funções atribuídos à prática da terceira escrita realizada por David nos documentos digitados/datilografados: acrescentar informações que considera relevantes nos descritores climáticos, criar um modelo escrito para a produção de previsões futuras, preservar por escrito momentos importantes de sua trajetória de vida, anotar

informações úteis à execução do ofício familiar, inserir figuras e sublinhar elementos a fim de destacá-los.

Mesmo que os grupos de funções e os usos conquistados pela escrita e mencionados acima não cheguem aos leitores/ouvintes, eles demonstram uma relevância individual e familiar do cotidiano doméstico: escrita de pessoas comuns postuladas com um sentido simbólico de existir no mundo e produzir memória.

Os meios de produção das previsões do tempo que circulam na comunidade são elaborados pela digitação na prefeitura local; antes do ano de 2000, por meio da datilografia; e após, pelo uso de computadores e pelo trabalho dos editores. Os meios de reprodução estão englobados pelos atos de impressão, que revelam o modelo, e pela fotocópia, que permite a tiragem de cópias do modelo impresso. Para a reprodução, são necessários alguns instrumentos: a impressora, as tintas para a impressora e folhas de papel (suporte) para imprimir e fotocopiar. Monks (2019, p. 77) destaca que “as máquinas fotocopadoras asseguram maior agilidade, velocidade e precisão ao processo de reprodução de materiais”, garantindo que o trabalho do editor seja rápido, para que, o quanto antes, as previsões do tempo possam ser distribuídas e circulem na comunidade, dando conta da finalidade do material, do número de cópias necessárias e da qualidade da reprodução.

O material manuscrito de David só é entregue na prefeitura no sexto dia do mês de janeiro, devido aos dias necessários para a observação dos fenômenos climáticos e registro escrito nos rascunhos. Depois passa pelos processos de produção e de reprodução: é digitado, impresso e fotocopiado. Então, a partir da segunda semana de janeiro, o agricultor retira os impressos em folhas soltas contendo as previsões do tempo digitadas e começa o processo de distribuição do material na comunidade. Fixa um exemplar no mural de recados na prefeitura e segue distribuindo em bares, armazéns, agropecuárias, supermercados e nas casas de algumas famílias. As famílias escolhidas para receberem uma versão do impresso meteorológico do agricultor seguem uma lógica de proximidade familiar, ou seja, filhos, netos e alguns parentes recebem o material. A Figura 35 mostra uma previsão do tempo digitada fixadas à parede de uma agropecuária da cidade de Vista Alegre do Prata.



Figura 35 – Previsão do tempo digitada exposta em agropecuária
 Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (1985).

Na Figura 35, podemos observar a previsão meteorológica fixada na parede da agropecuária, logo abaixo de um cartaz com propaganda de uma variedade de grama disponível para venda no estabelecimento. Ao lado do cartaz, uma tabela amarela pequena, que anuncia produtos bastante utilizados na agricultura: “Adubo kg R\$ 6,00- Ureia kg R\$ 6,00 e Farelo de soja kg R\$ 3,50”. Estando a previsão do tempo fixada nesse espaço, revela o processo de circulação da cultura escrita, já que os agricultores podem verificar os preços dos produtos ou o cartaz da grama e também lerem o que indica o tempo para determinado período. E embora nem todos eles tenham um impresso contendo a previsão disponível em casa, ao lerem acabam consumindo o material produzido por David, e ao conversarem e comentarem sobre o lido, acabam criando redes de sociabilidade sobre o manuscrito meteorológico produzido por David com base num conhecimento do campo.

O processo de distribuição está intimamente ligado ao de circulação da cultura escrita. Dotadas de um caráter utilitário e usual, as folhas soltas são fixadas nos ambientes da cidade, e nesses locais a circulação de redes de sociabilidade e de

peças acarreta que o impresso meteorológico se torne cultural, sendo lido por parte das pessoas que ali circulam e fazem compras, e nas relações orais, que também são modos de participação na cultura escrita.

O caráter cultural adquirido pela distribuição é o que me faz afirmar que a escrita manuscrita inicial carrega elementos das escritas ordinárias, possuindo a intencionalidade do agricultor de que seus escritos circulem socialmente na comunidade, nas emissoras de rádio e nas cidades vizinhas. O trabalho realizado pelo editor possibilita que a distribuição e a circulação da segunda escrita aconteçam. Finalizada, ela contém informações úteis para um grupo de pessoas consumi-la e reconhecerem o sujeito produtor das aferições climáticas.

A relação radiofônica de divulgação das previsões do tempo é difusora da circulação dos saberes rurais sobre o clima. Thies (2008, p. 48) sublinha que “o tempo na vida rural é diferente do tempo na vida urbana”, pensando na lógica da natureza, na rotina e no impacto das transformações da própria sociedade. Os ouvintes se informam por meio da audição do texto escrito, sendo esta uma das formas da circulação da cultura escrita na comunidade onde o agricultor e sua família vivem e também nas comunidades vizinhas. Lembrando que a emissora de rádio na qual David, de forma mais intensa, e Alexandre liam as previsões meteorológicas localiza-se no município vizinho. Com a idade mais avançada de David e o falecimento de Alexandre, as participações nos últimos anos foram reduzidas.

Em entrevista, meu avô lembra que as últimas participações ocorreram por telefone: “*Eles me ligava de lá e saía na hora já, ao vivo, né*”. As transmissões via telefone, explicitadas no trecho, expõem a inclusão proposital dos números de telefones de David nas previsões do tempo, para que os radialistas ou ouvintes pudessem contatá-lo. A participação na emissora de rádio garante que pessoas que não sabem ler também acompanhem as previsões do tempo por meio da audição dos textos, e David executa a oralidade ao radiar suas escritas, divulgando a palavra escrita, gerando relações com as culturas do escrito. Como afirmavam Galvão e Batista (2006), os modos de participação pelos quais sujeitos, famílias e grupos sociais integram a cultura escrita se dão muitas vezes por práticas intelectuais ainda ancoradas pela oralidade, pela memorização, pelo uso de manuscritos e pela utilização de outros vetores além da escrita, como, por exemplo, a audição de cordel; nesse caso, audição de previsões do tempo radiadas.

A circulação dos materiais de maneira impressa, oralizada ou radiada gera sentidos simbólicos para o agricultor, fortalecendo sua identidade como produtor de escritas meteorológicas e gerando reconhecimento no contexto em que vive. Assim, as funções e os usos que a escrita deram a David ao longo dos anos de sua vida ajudam na constituição dele como sujeito, são, como mencionado por Thies (2008, p. 106), “um bem simbólico” de estar, viver e participar do mundo. Entre esses usos e funções que a escrita incumbiu David, posso citar: escrever para manter vivo o saber oralizado de seu avô, escrever para representar a família Vinoski, escrever para não esquecer “o pouco que aprendeu na escola”, escrever para homenagear o irmão falecido, com quem dividiu a tarefa de prever o tempo, escrever para registrar um dos modos de se viver no mundo, escrever para informar os habitantes da cidade, escrever para que o neto pudesse utilizar-se cientificamente de suas escritas para produzir ciência e escrever para renovar as culturas do escrito que permeiam nossa sociedade.

4 CONCLUSÃO

O estudo aqui apresentado teve como objetivo principal verificar quais são os usos e as funções da escrita realizados por um sujeito com pouca escolaridade, produtor de previsões do tempo, analisando os sentidos atribuídos nesse percurso individual. Os usos e as funções da escrita são: registrar/deixar marcas, reconhecer, pela escrita de David, o compromisso de preservar o saber oralizado aprendido com o avô e informar os leitores sobre os fenômenos climáticos de maneira utilitária. Os sentidos atribuídos à escrita pelo agricultor David conservam os saberes oralizados aprendidos com o avô e superam a necessidade da memorização, de “segurar tudo na cabeça”, garantindo, pelo registro escrito, a intencionalidade e a presença das previsões do tempo, produzindo marcas que neste trabalho foram estudadas.

As escritas das previsões do tempo também proporcionam a circulação e a divulgação do material escrito para a comunidade vista-alegrense e seu entorno. Ao escrever de maneira manuscrita e levar os materiais até a prefeitura local, após o processo de digitação (datilografia foi até 1999), impressão e fotocópia, as folhas soltas entram em um sistema de circulação da cultura escrita. Distribuídas nos principais pontos de circulação de pessoas na localidade, são acompanhadas, lidas ou escutadas quando veiculadas nas emissoras de rádio do município vizinho, assim a memorização é substituída por outros processos de eventos e de práticas de letramento permeados pela cultura escrita elaborada pelo meteorologista caipira.

David, ao longo de seus 72 anos, atribuiu usos e funções à leitura e à escrita. Mesclando saberes tradicionais aprendidos com o avô e os que aprendeu ao longo de sua longínqua prática de escrita, juntamente com saberes escolares sobre os tipos de nuvens e suas representações, produziu 23 folhas soltas contendo previsões meteorológicas manuscritas e outras 42 previsões meteorológicas, sendo 13 datilografadas e outras 29 digitadas, com período de produção entre 1976 e 2022. O lugar ocupado pelo escrito na vida de David se refere à construção de sua própria identidade. No contexto comunitário, o agricultor de ofício é reconhecido como o meteorologista caipira, que, mesmo sem o uso de aparelhos meteorológicos para a aferição do clima, prevê os fenômenos climáticos e é reconhecido pela produção dos registros, no momento que estes são distribuídos e circulam socialmente.

A leitura e a escrita, conseqüentemente, atribuíram usos e funções ao agricultor. A principal delas é a construção simbólica de reconhecimento pessoal como

um meteorologista, fazendo com que produza escritas longevas e as mantenha anualmente, demonstrando um compromisso com os leitores e com a própria identidade. No entanto, dependia dos meios disponíveis na prefeitura, máquina de escrever, computador e impressora, o quais não tem em sua casa, mas são fundamentais na legitimação da construção do sentido simbólico de ser um meteorologista e organizar os descritores meteorológico da tal forma que sejam lidos, compreendidos e prestem informações úteis ao tempo e ao espaço a que pertencem e onde são produzidos, demarcando um duplo movimento, o que a escrita faz com as pessoas e o que as pessoas fazem com a escrita, tarefa imprescindível para os estudiosos das culturas do escrito na contemporaneidade.

Distante da hegemonia do poder cultural centrado em escritas urbanas, especialmente judiciais, legislativas e literárias, e ciente de que outras escritas ainda são escassas nas análises acadêmicas, ressalto neste trabalho as capacidades de uso da escrita de David, utilizando suportes e instrumentos de escrita disponíveis em sua casa, criando estratégias de distribuição e de circulação de seus materiais escritos na comunidade onde reside. E mantendo um processo de escrita longo e incomum de “previsões meteorológicas” que salvaguardou em seu poder, utilizadas na realização do presente estudo. A cultura escrita conserva nossa presença no mundo e, conseqüentemente, a cultura de um grupo que vive aos seus modos em determinados tempos e espaços, bem como “os modos como acionamos e usamos esses registros” (ROSA, 2023, n.p.).

Por isso, compreendi o sentido do ato de escrita dos homens do campo, confirmando, além da existência de práticas de produção e de circulação do escrito também na zona rural, que a escrita se constitui um bem simbólico e que os lugares do escrito não são os mesmos para os diferentes atores sociais e grupos que convivem dentro de uma determinada sociedade, conforme os teóricos referenciados no texto já afirmaram em seus trabalhos, sendo necessário observar os contextos de produção, os suportes e os instrumentos de escrita, as materialidades, os sentidos e as intencionalidades do ato de escrever.

Por causa de sua pouca escolaridade e diante da escassez de instrumentos de escrita, de suportes, dos modos de produção digital e de reprodução, percebi que os apontamentos, os escritos, as cantigas, as orações, os calendários, os bilhetes, os diários, entre outros, servem como fontes para as pesquisas na História da Educação. Estes, desde algum tempo, passaram a ter importância e palco no campo da produção

de conhecimento histórico pelo estudo das culturas do escrito. Outra fonte de circulação da cultura escrita no meio rural são a oralidade de textos e a audição, processos importantes de participação cultural disseminados pela rádio e pelas conversas entre os membros da comunidade.

Ao olhar com profundidade as manuscritas “folhas soltas” que meu avô mantém como troféu, marca da prova de sua existência no mundo que valoriza a “história”, como ele se refere, encontrei documentos e modos de relacioná-los, indicando que há valor nesses guardados. Maria Teresa Santos Cunha (2021, p. 251) confirma que “ação da mão sobre papéis, sobre telas, sobre pedras e onde mais for possível deixar trações, a escrita registra, inventa e conserva sempre mais ou menos, ao contar, muitos atos da experiência humana”.

Ao verificar os impactos culturais que as “folhas soltas” produziram em mim e no grupo de pesquisa que integro, afirmo que minhas descobertas e o cuidado que com elas tive podem ser inseridos nos modos que homens e mulheres produzem significados no mundo que é o seu: peculiar, importante e com direito de existir. Os arquivos pessoais de David são práticas de escrita com uma temporalidade própria, possuindo alguns elementos das escritas ordinárias, entre eles: a natureza do trabalho é diversa, tendo a finalidade de registrar/deixar uma marca; os atos de escrita geram por si próprios relações de determinado tempo e espaço; as escritas são práticas não escolares de uso dos escritos e são escritas de um sujeito comum.

Como conclusão, ainda percebi que os modos de participação no mundo da cultura escrita independem de escolarização intensa, e que a escola não é o único lócus produtor de práticas de leitura e escrita. Outra possível conclusão é que práticas urbanas e rurais podem coexistir, especialmente se suas particularidades, espaços e funções forem preservados. Entendi que não é necessária a escrita – manuscrita, datilografada, digitada – para a participação nas culturas do escrito, uma vez que ouvir, oralizar, opinar e divulgar interferem no valor e na permanência de certas escritas na sociedade.

Como ponto importante, descobri e reitero que objetos produzidos por sujeitos também são fontes de pesquisas e que as culturas do escrito não podem ser consideradas fora das relações de poder, tanto pelas já instituídas como pelas geradas pela relação de produção de determinado grupo social ou sujeito. Por fim, gostaria que ele, David Vinoski, desse as últimas palavras no encerramento deste trabalho, palavras que revelam o que são as culturas do escrito.

A gente pensa quando tá sozinho quanto tempo que a gente perdeu na vida, vamos dizer assim. Porque podia ter feito muita coisa e os anos vão passando, e o dia a dia, né, e a gente se vai, aí eu pensei fazer esse trabalho de reza, escrever mais e visitar os velhinhos. Ainda gostaria de ir, só que depois da cirurgia do coração, os padres disseram que era pra dar uma segurada, ainda mais que precisa dirigir (DAVID, 2021).

Além da produção de 65 previsões do tempo, conservadas de maneira manuscrita, datilografada ou digitada, David passou ainda a escrever canções musicais, versos religiosos e historietas da cidade onde vive e de momentos marcantes, propagando a escrita para outras pessoas. Os artefatos culturais seguem sendo produzidos com a intenção de recordar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. Eles mudaram a imprensa. *In*: ABREU, Alzira A.; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (org.). **Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 7-13.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. As memórias e a História da Educação: aproximações teórico-metodológicas. **História da Educação**, Pelotas, v. 13, n. 27, p. 211-243, 2009.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação**. Porto Alegre: Letra 1, 2021.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassannezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 23-80.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Das mãos ao arquivo: a propósito das escritas das pessoas comuns. **Percursos**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 223-250, jul. 2003a.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. **Grafias no cotidiano: escrita e sociedade na história (séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Niterói: EdUFF, 2020.

CASTILLO GOMÉZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 5, p. 93-124, jan./jul. 2003b.

CHARTIER, Anne-Marie. Os cadernos escolares: organizar os saberes, escrevendo-os. **Revista de Educação Pública**, v. 16, n. 32, p. 13-33, set./dez. 2007.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução: Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difusão, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2014.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010b.

CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido – Cultura Escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado das Letras; ALB, 2003.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

CUNHA, Maria Teresa Santos. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 187-206, jan./abr. 2008.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Territórios abertos para a História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2021. p. 251-280.

DOURADO, Stella Moreira; MARTELETO, Regina. **O almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular escrita**: a coleção da família Carneiro Rezende. Rio de Janeiro: IBICIT/UFRJ, 2018.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Instrumentos e suportes de escrita no processo de escolarização: entre os usos prescritos e os não convencionais (Minas Gerais, primeira metade do século XX). **Revista Brasileira De História Da Educação**, v. 16, 40, p. 297-334, mar. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

GALEAZZI, Zaira. **Vista Alegre do Prata, sua gente e sua história**: Vista Alegre do Prata: Prefeitura Municipal; SMEC; Hoje Edições, 2004.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Agentes de letramento não escolares no século XIX brasileiro**: algumas aproximações. Youtube, 13 set. 2021. 1 vídeo [1h6m56s]. Canal: HISALES. (Palestra proferida no evento 15 anos do HISALES: vestígios, memórias e pesquisas: 2º encontro). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VXjaVDqvvRE>. Acesso em: 30 jan. 2023.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Culturas orais, culturas do escrito: intersecções. *In*: JINZENJI, Mônica Yumi; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de. **Culturas Orais, Culturas do Escrito**: intersecções. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 15-34.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da cultura do escrito**: séculos XIX e XX; Oralidade, memórias e narrativas: elementos para à construção. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Histórias das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. *In*: MARINHO, Marildes. CARVALHO. Gilcinei (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 218-248.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização- O caso do cordel (1930-1950). **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 115-142, dez. 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio. Oralidade e escrita: uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 128, p. 403-432, maio/ago. 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GLOSSÁRIO CEALE: **Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação UFMG, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>. Acesso em: 7 abr. 2021.

GODOY, Solange Sampaio. **O Avô do tempo: diário de um meteorologista 1900-1940**. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

HÉBRARD, Jean. Alfabetização e acesso às práticas da cultura escrita de uma família do sul da França entre os séculos XVIII e XIX: um estudo de caso. *In*: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al.* **História da Cultura Escrita: séculos XIX e XX...** Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 49-96.

HÉBRARD, Jean. Por uma Bibliografia Material das Escritas Ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1, p. 115-141, 2001.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020.

MANZINI, Antonio. **A costela de Adão**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

MORTATTI, Mara do Rosário Longo (org.). **Alfabetização no Brasil uma história de sua história**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

MONKS, Joseane Cruz. **Do artesanal ao digital: uma genealogia dos meios de produção e reprodução de folhinhas de atividades em cadernos de alunos**. 2019. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

PAMUK, Orhan. **Meu Nome é Vermelho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jathay. Na contramão da vida: Razões e sensibilidades dos filhos malditos de Deus (Antônio Rasgado, Benjamin, o degolador, João Foguista). *In*: ERITZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (org.). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p.161-78.

ROSA, Cristina Maria. **Cultura escrita**: o que é isso? Um pouco de saber, sabor e palavras. Alfabeto à Parte, Pelotas, 2023. Disponível em <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com/2023/02/cultura-escrita-o-que-e-isso.html>. Acesso em: 17 maio 2023.

THIES, Vania Grim. **Arando a terra, registrando a vida**: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

THIES, Vania Grim. **O autor-criador e o(s) outro(s)**: a estética da vida na escrita de diários de irmãos agricultores. 2013. 179 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

THIES, Vania Grim. Patrimônio do escrito: cadernos de usos não escolares e as contribuições para a cultura escrita. **Revista História da Educação (online)**, v.24, p. 1-27, 2020.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Leer y escribir**: historia de dos prácticas culturales. México: Fundación Voces e Vuelos, 1999.

WIKIPEDIA. **Vista Alegre do Prata**. 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vista_Alegre_do_Prata. Acesso em: 19 maio 2023.